

Sumário

Introdução	7
1. A Prova da Existência de D’us.....	9
2. Qual o Propósito da Vida?	40
3. O Povo Eleito – Eleito para Quê?	61
4. Por que a Vida é Tão Difícil?.....	66
5. Qual o Segredo da Sobrevivência Judaica?	75
6. É Possível Ser um Bom Judeu Sem Ser Religioso?..	88
7. A Ciência e a Religião são uma Contradição?	104
8. O Que Há de Errado com os Casamentos Mistos?..	128
9. Qual o Papel da Mulher no Judaísmo?	149
10. A Fé Depois do Holocausto.....	158
11. Como Lidar com o Luto?	176
12. Qual é a Crença Judaica Sobre o Fim dos Dias?...	181
13. Fazer ou Entender – O que Vem Primeiro?.....	191
Epílogo – As Campanhas das Dez Mitsvot	200
Glossário	206

Introdução

Grato ao Todo Poderoso, tenho o prazer de apresentar “As Perguntas Mais Frequentes do Judaísmo”, que explora o próprio âmago do Judaísmo.

Atuando como diretor de um Beit Chabad, recebo muitas perguntas deste tipo, o que me inspirou a pesquisar as respostas para tais perguntas, do modo em que são apresentadas nas obras do Rebe, Rabi Menachem Mendel Schneerson. Os ensaios deste livro baseiam-se nas obras do Rebe, extraídos de suas palestras em público (*Sichot*) e sua correspondência particular (*Igrot*). Material relevante e casos compilados em anos de *Shelichut* foram acrescentados.

Estou especialmente entusiasmado por esta edição do livro ter sido publicada por Askmoses.com, um dos mais interessantes, educativos e informativos sites judaicos da Internet na atualidade. Uma equipe com mais de 100 estudiosos está à disposição 24 horas por dia, para responder perguntas e oferecer orientação espiritual aos milhares de visitantes.

Espero sinceramente que “As Perguntas Mais Frequentes do Judaísmo” encoraje o leitor a levar uma vida dedicada à Torá e às *mitsvot*, e apresse a vinda de *Mashiach*, breve em nossos dias, Amém.

Rabino N. D. Dubov
Diretor do Chabad-Lubavitch do Sul de Londres
Wimbledon, Reino Unido
Kislev 5764

1

A Prova da Existência de D'us

“**P**rove-me que D'us existe” - é um desafio tão antigo quanto a própria religião. A religião é definida como a crença na existência de um poder dominante sobre-humano, e quando declaramos o Judaísmo como nossa religião, nossa crença em D'us é axiomática. Apesar disso, muitos judeus ainda questionam este fundamento.

Mais difícil ainda é articular uma resposta convincente. Ademais, qualquer resposta é, em geral, seguida por uma torrente de protestos que questionam estas crenças, tais como as perguntas “Se há um D'us, onde estava Ele durante o Holocausto?”, e ainda “Por que acontecem coisas ruins às pessoas boas?” Neste capítulo, nos concentraremos neste tema específico.

Antes de fazê-lo, porém, devemos afirmar brevemente a crença judaica em D'us. Muitos judeus recitam diariamente os Treze Princípios da Fé, baseados no comentário de Maimônides à *Mishná Sanhedrin* 10:1. Os primeiros quatro princípios são:

1. Creio com fé total que o Criador, bendito seja Seu nome, é o Criador e o Guia de todos os seres criados, e que somente Ele fez, faz, e fará todas as coisas.

2. Creio com fé total que o Criador, bendito seja Seu nome, é Um e somente Um; que não há unicidade semelhante à Dele; somente Ele é nosso D’us – foi, é, e será.
3. Creio com fé total que o Criador, bendito seja Seu nome, é incorpóreo; que Ele está isento de todas as propriedades antropomórficas; e que Ele não tem nenhuma representação.
4. Creio, com fé total que o Criador, bendito seja o Seu nome, é o princípio e o fim.

Provar a existência de D’us? Na verdade, devemos analisar a pergunta antes de tentar respondê-la. O que pode ser considerada uma prova? Como se prova que algo existe? Vejamos, por exemplo, o caso de um cego. A cor existe para o cego? Ele não pode ver a cor, mas nem por isso ela deixa de existir. Este fato é estabelecido por outras pessoas dotadas de visão. O cego acredita e confia em que os outros podem ver que a cor existe, embora isso esteja além de sua experiência pessoal.

Um outro exemplo é a eletricidade. Quando acendemos uma luz, podemos ver a eletricidade? A resposta é não, podemos apenas ver o seu efeito. Considere a gravidade. Quando um objeto cai, não podemos ver, sentir, provar ou cheirar a gravidade – vemos somente o seu efeito. Todos concordam que a gravidade é um fato indiscutível da natureza, pois observamos o seu efeito. Ainda hoje, os cientistas ficam desconcertados para explicar “exatamente” o que é a gravidade.

Em resumo, a prova da existência de qualquer coisa não significa, necessariamente, que tenhamos de senti-la, de uma forma ou de outra. Ela existe porque percebemos o seu efeito ou, no caso do homem cego, acreditamos em outros que podem ver as cores. D'us, assim cremos nós, não possui corpo ou forma corpórea. Ele está em toda parte, e cria o tempo e o espaço. Por definição, não podemos transcrever qualquer descrição física de D'us. Por definição, o homem na verdade não pode ver D'us. Portanto, para provar a existência de D'us, devemos confiar nós mesmos em ver Seus efeitos, ou em outros que viram Seu efeito (como faz o homem cego).

Em síntese, é possível provar a existência de D'us de duas maneiras. Primeiro, verificando se alguém realmente testemunhou algo Divino ou, em segundo lugar, extrapolar a prova de existência a partir de Seus efeitos. Para expressar isso de modo um pouco diferente, por meio da tradição ou pela prova metafísica. Avereiguaremos também a prova da existência estudando a história judaica e a realização da profecia.

Antes de explorarmos todas estas vias, devemos mencionar que os mais notáveis filósofos do Judaísmo discordam sobre qual é a prova mais contundente. Rabi Yehuda Halevi, em seu livro *Kuzari* (2:26), argumenta que “A fé mais elevada é a derivada unicamente da tradição e, neste caso, a prova metafísica deveria ser usada apenas como um último recurso, para impedir a

descrença.” Maimônides (*Moré Nevuchim – Guia dos Perplexos*, 3:51) discorda. Ele alega que “nossa fé tem início com as tradições que nos foram transmitidas por nossos ancestrais, e que fazem parte da nossa sagrada literatura. Isso é aludido no versículo: ‘Ouve, ó Israel, o Eterno é nosso D’us, o Eterno é Um.’ No entanto, o grau mais elevado de fé advém da prova filosófica, e aqueles que têm a capacidade para tal são requeridos a provar os fundamentos da nossa fé.”

Neste ensaio, percorreremos todos os caminhos. Nossa abordagem é a de que, ao combinar provas tradicionais, filosóficas e históricas, todo judeu dotado de reflexão será conduzido a uma fé inabalável na existência de D’us.

A Prova Tradicional

Num tribunal, a prova mais forte de que algo aconteceu ou existiu é a declaração de uma testemunha. Ver é crer. Não se pode comparar algo visto com algo que se ouviu.

Qualquer fato histórico é comprovado por aqueles que testemunharam e registraram o evento. Segue-se, pois, que quanto mais testemunhas, mais confiável e crível é o fato.

Um dos Dias Festivos mais celebrados no calendário judaico é *Pêssach*. Nas noites do *Sêder*, judeus no mundo inteiro reúnem-se em família para relembrar o Êxodo do Egito. A noite é repleta de rituais e a *Ha-*

gadá, o nosso guia. O consumo de *matsá* – o pão da aflição – é comum a todos. O *Zohar* (uma obra cabalista fundamental) chama a *matsá* de “pão da fé”. Ela nos lembra de que os judeus comeram *matsá* quando saíram do Egito. Embora os costumes possam diferir, a história básica do Êxodo permanece a mesma. Judeus de Bombaim, de Birmingham ou da Belarus relatam a mesma história.

Pergunte a qualquer judeu quantas foram as pragas no Egito, e a resposta será dez. Se alguém sugerisse que foram onze, seria imediatamente corrigido, não apenas pelo detalhe histórico, conforme apresentado na Torá, mas basicamente pela reconstituição anual das Dez Pragas no *Séder*. Temos o costume de derramar um pouco de vinho à menção de cada praga. Certamente nos lembraríamos se fossem onze. Não, foram dez.

Na verdade, se alguns boatos tivessem distorcido a história com o passar das gerações, acabaríamos com diferentes versões históricas. Todos concordam, porém, que os judeus saíram do Egito e, quarenta e nove dias depois, diante do Monte Sinai, ouviram de D'us os Dez Mandamentos.

Este fato é sabido não só por meio do relato de um livro (a Torá), mas simplesmente pela tradição – pelo fato de que geração após geração de judeus transmitiu esta história, fundamentada na experiência real de toda uma nação. Portanto, permanece como um fato histórico incontestável. Os judeus que saíram do Egito

testemunharam as Dez Pragas, o Êxodo, a Revelação no Sinai, e transmitiram estes acontecimentos ao longo das gerações.

No decorrer da história judaica, nunca houve menos de cerca de um milhão de judeus a transmitir esta tradição, e a história básica permaneceu inalterada, mesmo quando os judeus foram dispersos e espalhados pelos quatro cantos da Terra. No Sinai, 600 mil homens entre 20 e 60 anos, além de mulheres e crianças (e homens com menos de 20 e mais de 60 anos de idade) – num total de aproximadamente três milhões de pessoas – ouviram os Dez Mandamentos do Próprio D'us. Este evento, registrado na Torá, é testemunhado ao mesmo tempo pela História sendo, portanto, um fato histórico irrefutável. Seria totalmente não-científico duvidar dele.

Deve-se enfatizar que a Revelação no Sinai foi diferente de toda revelação reivindicada por qualquer outra religião. No Cristianismo, a revelação é atribuída a um único homem ou a um pequeno grupo de discípulos, e o mesmo se aplica ao Islã (a Maomé) e ao Budismo (a um antigo sábio hindu, Buda – o iluminado – cujos seguidores adotaram seus ensinamentos e doutrinas, e se autodenominaram budistas. Não foi assim no Judaísmo – a Revelação ocorreu diante de uma nação inteira.

De fato, um grande rabino, Rabi Shlomo ben Adret (*Rashba*), explica que a Revelação no Sinai foi necessária, pois caso tivesse sido feita diante de um

único homem – Moshê – poderia ser contestada. Ele explica: imagine Moshê chegando ao Egito, e contando aos judeus que chegara a hora de sua redenção. A princípio, duvidam dele, mas tão logo começa a trazer as Dez Pragas, percebem que são poderes sobrenaturais em ação. Moshê sobrepuja os mágicos egípcios, e faz surgir pragas que eles não podem reproduzir. Até mesmo eles admitem que é “o dedo de D’us” em ação. Moshê, em nome de D’us, faz constantemente uma advertência, seguida de uma praga. Após as Dez Pragas e o Êxodo, e especialmente depois da abertura do mar, a Torá atesta o fato de que o povo “acreditou em D’us e em Moshê, Seu servo.”

No entanto, havia um problema. Os judeus ouviram aquilo de uma criatura de carne e osso, que D’us enviara com uma mensagem. Ainda havia espaço para o cético – especialmente numa geração posterior – duvidar. Por esta razão, diz *Rashba*, a Revelação no Sinai foi necessária. Tendo uma nação inteira como testemunha, D’us Se revelou no Monte Sinai e outorgou os Dez Mandamentos. Todo judeu vivenciou o mesmo nível de comunicação que Moshê recebera. A partir daí, os judeus convenceram-se totalmente de que quando Moshê transmitiu a palavra de D’us, esta realmente era de origem Divina.

Deve-se mencionar que, naquela época, os Filhos de Israel não eram escravos incultos que podiam ser enganados com facilidade. Dentre eles havia grandes

sábios, sacerdotes, arquitetos e construtores, profissionais que edificaram pirâmides e outras estruturas – maravilhas do mundo – cuja arquitetura ainda assombra os construtores modernos. Formavam uma geração culta – certamente argumentadora e obstinada, como revelado em inúmeras ocasiões. Se parte da nação tivesse “inventado” uma história, esta certamente teria sido rejeitada pelos demais.

O Êxodo e a Revelação no Sinai permanecem fatos históricos inegáveis. Como mencionado previamente, as testemunhas constituem a prova de maior peso num tribunal – o que não dizer quando a testemunha ocular é uma nação inteira! Esta seguramente é uma prova científica da existência de D’us. Embora não possamos vê-Lo – à semelhança do cego que não consegue ver as cores – nossos ancestrais testemunharam esta Revelação e transmitiram o fato como tradição oral e escrita. Talvez seja por este motivo que o primeiro mandamento D’us diz: “Eu sou o Eterno, teu D’us, que te tirou da terra do Egito.” A Criação do mundo é um fenômeno muito mais complexo e assombroso do que o Êxodo do Egito. Assim sendo, por que D’us não diz “Eu sou o Eterno, teu D’us, que criou o céu e a terra”? Uma resposta possível é que os cientistas atualmente ainda questionam a origem do cosmos, e alguns ignoram D’us. Ao Se comunicar com os judeus, D’us tornou a comunicação mais pessoal. “Eu sou o D’us que tu viste te tirando do Egito, e que agora fala contigo.” O povo

não precisava de quaisquer provas filosóficas. Viu com seus próprios olhos e ouviu com seus próprios ouvidos. Foi a testemunha que esteve no Sinai. Esta é a maior das provas!

A prece mais conhecida no Judaísmo é o *Shemá*. Num *Sefer Torá* ou numa *mezuzá*, a letra “ayin” (ע) da palavra *shemá* [ouve] e a letra “dalet” (ד) da palavra *echad* [um] estão grafadas em negrito. Juntas, formam a palavra hebraica *ed* (עד), que significa “testemunha”. Sempre que um judeu recita o *Shemá*, ele dá testemunho da existência do único D’us, uma existência vivenciada por nossos ancestrais, e transmitida por meio de uma linha ininterrupta de tradição.

Provas Filosóficas

Além da prova tradicional, podemos agora examinar outras provas filosóficas. Muitas já foram mencionadas, e nos limitaremos neste capítulo às mais conhecidas e frequentemente citadas.

1. A obra clássica *Chovot Halevavot* (1:6) [*Os Deveres do Coração*] menciona uma linda parábola. Certa vez um rabino entrou no palácio de um rei e foi recebido em audiência pelo soberano. Este lhe perguntou: “Como sabes da existência do Criador?” O rabino pediu respeitosamente ao rei que saísse da sala por alguns instantes. Sobre a mesa havia uma pena, um tinteiro e papel. Enquanto o rei permanecia fora do aposento, o

rabino escreveu no papel um bonito poema. Ao retornar, o rei viu o poema e surpreendeu-se com seu estilo poético. A tinta ainda estava úmida, e o rei elogiou o rabino por escrever um poema tão belo. O rabino respondeu que não tinha escrito o poema, mas que tomara o tinteiro, derramara a tinta sobre o papel, e as letras formaram-se por si mesmas. O rei ridicularizou tal sugestão, dizendo que era impossível que a tinta se dispusesse sozinha numa única letra, que dirá numa palavra, muito menos numa frase e, certamente, não num lindo poema! O rabino respondeu: “Aqui está sua resposta. Se a tinta de um tinteiro não pode formar um poema sem a mão de um poeta, o mundo, infinitamente mais complexo que o poema, não teria se formado sem a mão de um Criador!”

Uma história fictícia semelhante – se bem que mais contemporânea – é relatada sobre os americanos, russos e chineses que se reuniram e decidiram enviar uma nave tripulada a Marte. Depois de um investimento de bilhões de dólares, rublos e yuans, além de anos de preparativos, uma nave espacial finalmente foi lançada rumo a Marte. Pouco mais tarde, um astronauta dá um pequeno passo para o ser humano, mas um grande salto para a humanidade, e pisa na superfície de Marte. As câmeras transmitem cada movimento seu para a Terra. De repente, o mundo é surpreendido pela visão de uma lata de Coca-Cola, no topo de uma rocha próxima. O astronauta apanha a lata, vê que é real, pois nela es-

tão inscritas as palavras “Coca-Cola, marca registrada – fabricada nos EUA”. Os russos e os chineses ficam revoltados – os americanos obviamente os enganaram, enviando uma nave anterior à deles. Os americanos negam a alegação, porém estão igualmente desconcertados pelo surgimento da lata de Coca-Cola. Finalmente, a imprensa entrevista um professor da Universidade de Oxford. Este soluciona o enigma sugerindo que, no decorrer de bilhões e bilhões de anos, é possível que, mediante a evolução, uma lata de Coca-Cola tenha se formado, chegando mesmo a exibir as palavras “fabricada nos EUA”!

Seus comentários são ridicularizados. Mesmo após bilhões de anos, a probabilidade matemática de que as palavras tenham se formado por si só é nula. O que não dizer acerca da Criação deste mundo, tão complexo?

Mesmo nos dias de hoje, os cientistas concordam que até agora só foi descoberta a ponta do iceberg da complexidade do universo. Como é possível que este tenha se formado por si mesmo, sem um supremo arquiteto e projetista?

Uma história semelhante é relatada sobre um homem que entrou numa fábrica de carros totalmente automatizada e, ao ver um carro inteiro sendo produzido por uma máquina, do começo ao fim, chegou à conclusão de que os carros se fabricavam por si mesmos! Quão ridículo é pensar que uma fábrica deste tipo não tenha sido projetada por mecânicos e engenheiros hábeis!

2. O Rabino Aryeh Kaplan escreve na sua obra *Handbook of Jewish Thought (Manual do Pensamento Judaico, 1:1)*

A existência de um Criador intencional é indicada pelo fato de que o universo inorgânico contém todo ingrediente necessário para tornar possível a vida orgânica. O mundo existe como uma arena para a vida, e a probabilidade de que isso se deva inteiramente ao acaso é infinitesimal. A essência do argumento é que, matematicamente, quanto mais complexa uma estrutura organizada, menor a probabilidade de que esta estrutura se deva ao acaso. A química da vida é o processo mais complexo em nossa experiência e, não obstante, achamos que a matéria inorgânica do universo pode servir de suporte para este processo. Como existe apenas um tipo de matéria no universo, as chances de ela possuir todas as propriedades químicas e físicas necessárias para sustentar a vida são infinitamente pequenas, a menos que levemos em conta um Criador intencional.

3. O Talmud declara que o homem é um microcosmo. Sem ao menos olhar para o cosmos vemos, pelas maravilhas do corpo humano, que esta é a obra de um Mestre Criador, pois nem mesmo em bilhões de anos algo tão complexo poderia simplesmente ter surgido.

Vejamos o exemplo do olho humano. Os olhos de um bebê, que começam a se formar no embrião de de-

zenove dias, terão mais de doze milhões de pontos para filtragem da luz por centímetro quadrado; a retina, ou a parte do olho sensível à luz, terá mais de cinquenta bilhões destes mesmos pontos. O quadro composto, registrado pelos olhos, é homogêneo, porque estes pontos sensíveis à luz mesclam-se num todo. Pegue uma lente de aumento, e examine qualquer foto num jornal. Você verá que ela é composta de centenas de pontos, alguns escuros e outros claros que, em conjunto, formam a foto como ela é quando observada a uma certa distância. Isso é exatamente o que o olho faz, porém com detalhes muito mais apurados.

De onde se originam os bilhões de células do sistema nervoso? Do óvulo fertilizado, que ainda se divide depois de um mês, para formar os tecidos e órgãos de que uma criança precisa. Estima-se que os dois bilhões de células nervosas específicas que tornam um indivíduo educável estão localizadas na cobertura externa do cérebro, o córtex, e que estes dois bilhões de células caberiam num dedal. O desenvolvimento em certas partes do cérebro tem continuidade mesmo após o nascimento. Ao final do primeiro mês do desenvolvimento embrionário, nenhuma dessas partes do cérebro, da medula espinhal, dos nervos ou dos órgãos do sentidos, está completamente formada, mas o alicerce para todos eles foi assentado.

O desenvolvimento do cérebro e do sistema nervoso, e sua regra de integração de todos os sistemas,

permanece um dos mistérios mais profundos da embriologia.

Mesmo só os olhos revelam um planejamento tão inteligente a ponto de deixar estupefato quem quer que os estude. No estágio embrionário, os olhos são formados nos dois lados da cabeça, e preparados para a conexão com os nervos óticos, que se forma a partir do cérebro. As forças que permitem esta integração não foram descobertas até agora, mas devem ser realmente formidáveis, pois mais de um milhão de fibras óticas nervosas devem mesclar-se com cada olho.

Pense por um momento sobre o que é considerado um feito da engenharia humana – a escavação de túneis, a partir dos dois lados dos Alpes, que devem se encontrar num local preciso e fundir-se numa única auto-estrada contínua. Apesar disso, qualquer uma das milhares de coisas que um feto deve fazer, como parte da rotina do desenvolvimento, é muito mais assombrosa (*The Obvious Proof*, CIS p. 59).

O mesmo poderia ser dito acerca da maravilha que é a primeira respiração do bebê. Depois de receber oxigênio durante nove meses por meio do cordão umbilical, numa questão de segundos os pulmões milagrosamente se abrem, sem qualquer problema. Antes da primeira respiração, os tubos estavam inoperantes, e uma única inspiração põe todo o sistema para funcionar. Isso é realmente fenomenal.

Apresentamos apenas dois dentre milhares de

exemplos das maravilhas da natureza, para demonstrar que estes sistemas são tão complexos que é quase impossível que tenham se formado por si só, e não projetados por um Criador. Não é de admirar que os cabalistas digam que é possível enxergar a alma pelos olhos, e que o Rei David tenha escrito nos Salmos que devemos louvar a D'us por cada respiração.

Esta percepção é reforçada pela recente decodificação do genoma – a cadeia do DNA humano. A impressionante quantidade de informação genética contida nessas cadeias aturde a nossa mente. Estas cadeias supercomplexas poderiam ter se formado por si mesmas?

Conclusão

Podemos concluir, a partir da própria existência da vida e da complexidade do universo, que tudo deve ter sido projetado e sustentado por um Mestre Criador. Foi nosso Patriarca Avraham quem, por meio desta dedução lógica, chegou à conclusão monoteísta – a crença em um único D'us; numa força unificada que cria um universo diversificado ao extremo. Avraham converteu a metade da civilização do seu tempo a esta crença, e a transmitiu aos seus descendentes. Sete gerações depois, seus filhos postaram-se como uma nação diante do monte Sinai, onde receberam a Torá diretamente de D'us. O fato histórico inegável do Êxodo do Egito e da Revelação no Sinai, associado à necessidade de haver

um projetista mestre e arquiteto do cosmos, “provam” a existência de D’us.

A Prova Histórica

Há uma prova final que ainda deve ser examinada. Não se trata de tradição, e nem de filosofia; ao contrário, é a prova da existência de D’us como o D’us da história. O povo judeu é chamado de “Povo Eleito”. Foi escolhido por D’us para cumprir um propósito específico – aderir à Torá e às *mitsvot*, criando desta forma uma morada para D’us neste mundo. Uma resenha minuciosa da história judaica levará, inevitavelmente, à fé em D’us como Mestre do Universo.

O Rabino Meir Simcha Sokolovsky, em seu livro *Prophecy and Providence – The Fulfilment of Torah Prophecies in the Course of Jewish History* – [*Profecia e Providência – O Cumprimento das Profecias da Torá no Curso da História Judaica*], Publicações Feldheim, diz:

A Torá nos conclama a termos em mente eventos passados, e a estudá-los. Um estudo do passado necessariamente conduzirá à convicção de que o rumo da história foi cuidadosamente traçado de antemão, e de que os eventos da história mundial e judaica desenrolaram-se segundo um plano preconcebido. É óbvio que tanto o plano como sua execução devem ser obra do Criador que domina a história e direciona o seu curso.

Ele demonstra detalhadamente em seu livro como:

1. A história da nação judaica até a época atual correspondeu plenamente a todas as profecias da Torá.
2. Segundo as leis da natureza, a história judaica deveria ter tomado um rumo diferente daquele que realmente seguiu. Chega-se à conclusão que somente um Criador, que controla sozinho as forças do universo, poderia ter determinado de antemão o que o futuro traria.
3. Os eventos da história judaica são realmente notáveis e extraordinários. Além de terem sido previstos com antecedência, servem com prova intrínseca da orientação singular e sobrenatural da qual os judeus sempre desfrutaram, como Povo Eleito de D'us.

Para fazer justiça ao tema, deve-se realmente ler o livro. No entanto, faremos aqui um breve resumo que, esperamos, encorajará o leitor a estudar o assunto com maior profundidade.

Antes de fazê-lo, a título de introdução, vale a pena citar a famosa declaração de Mark Twain, “Sobre os Judeus”:

Em conclusão – se as estatísticas estão corretas, os judeus constituem apenas um por cento da raça humana. Isso sugere um grãozinho de poeira perdido na imensidão da Via Láctea. Respeitadas as proporções, o judeu mal se faria ouvir; porém ele é ouvido, sempre foi ouvido. Ele é tão proeminente no planeta como qualquer outro

povo, e sua importância comercial é extravagantemente desproporcional à pequenez do seu volume total. Suas contribuições à lista dos grandes nomes mundiais na literatura, ciência, arte, música, finanças, medicina, e em outras áreas de erudição são sempre desproporcionais à fraqueza do seu número. Ele combateu de forma maravilhosa neste mundo, em todas as eras; e o fez com as mãos atadas às costas. Ele poderia vangloriar-se e ser desculpado por isso. Os egípcios, os persas e os babilônios surgiram, encheram o planeta com seu esplendor, e depois perderam força e desvaneceram, como em sonho; os gregos e os romanos vieram depois, fizeram muito barulho e se foram; outros povos brotaram e ergueram sua tocha durante algum tempo, mas ela se apagou, e agora todos estão num crepúsculo, ou desapareceram. O judeu viu todos, venceu todos, e agora é aquilo que sempre foi, não exibindo decadência, enfermidades decorrentes de idade, enfraquecimento de seus membros, nenhuma diminuição de suas energias, nenhuma apatia em sua mente alerta e agressiva. Todas as coisas são mortais, exceto o judeu; todas as outras forças passam, mas ele permanece. Qual é o segredo da sua imortalidade? (*Harper's Magazine*, junho de 1899)

Um dos princípios da fé judaica é que D'us concede o dom da profecia ao homem. Quando um profeta prevê o futuro, e tudo o que ele prediz ocorre com surpreendente exatidão, podemos estar certos de que esta

era a palavra de D'us. Em nenhum outro lugar isso é demonstrado de maneira tão notável como nos Cinco Livros de Moshê. Há três passagens, em particular, nas quais Moshê diz aos Filhos de Israel o que lhes acontecerá no futuro. Em *Profecia e Providência*, o Rabino Sokolovsky demonstra detalhadamente como cada profecia foi acurada e como ocorreu no desenrolar da história judaica. Neste capítulo, procuraremos resumir sua tese.

Imagine-se um repórter que acompanha a história do Êxodo dos judeus do Egito. Você esteve no local, testemunhou as Dez Pragas e a abertura do mar. Viajou com o povo durante 40 anos no deserto, e agora está prestes a entrar na Terra Prometida. Você conseguiu uma audiência com Moshê – numa coletiva de imprensa – na qual ele, antes de morrer, compartilhará sua última vontade e testamento com o mundo. Você espera que Moshê abençoe seu povo, desejando-lhe sucesso na conquista da terra. Você talvez espere que ele os admoeste, à semelhança de um pai que adverte os filhos para que sigam trilhando o caminho certo. No entanto, esta coletiva é um tanto diferente do esperado. Moshê começa a desenrolar um documento no qual – em nome de D'us – ele profetisa exatamente o que acontecerá com esta nação a partir do momento em que entrar na Terra Prometida, e até o Fim dos Dias. Você fica chocado – como Moshê poderia conhecer, com tamanha riqueza de detalhes, os três mil anos seguintes

da história judaica, especialmente quando revela uma história de tão maus presságios, que alguém poderia considerar sua narrativa como um emaranhado apavorante de falsidades, semelhante a um pesadelo, e que não poderia acontecer na vida real? Como um ser humano, postado nas planícies de Moav, poderia ter discernimento e visão das futuras crônicas de seu povo? Você, como cético, talvez descartasse as previsões de Moshê, considerando-as fantasiosas.

Contudo, na época atual, tendo a vantagem de poder olhar para trás e contemplar esta primeira coletiva de imprensa, você vê que Moshê disse a verdade, e que sua Torá é verdadeira. Tudo o que Moshê previu de fato aconteceu. Como isso é possível?

Há somente uma resposta e uma única conclusão. Moshê foi um verdadeiro profeta, que recebeu e transmitiu a palavra de D'us. Apenas o Mestre Criador poderia conhecer esta história, e somente Ele poderia tecer seus fios de modo a fazê-la acontecer. Uma análise sincera da história judaica aponta inexoravelmente para a existência de D'us.

Antes de começarmos a examinar sucintamente aquelas profecias, gostaríamos de abordar um último ponto. Durante seus primórdios como nação, o povo judeu teve a orientação da Providência Divina. A intervenção Divina nos assuntos humanos foi manifesta e tangível. A nação inteira viu claramente que havia um D'us em Israel. Porém, quando os judeus começaram a

desviar-se dos caminhos da Torá, a orientação Divina do seu destino mudou para um estilo diferente; tornou-se oculta e encoberta – como nos diz a Torá (Devarim 31:17): “Então crescerá Meu furor contra ele naquele dia, e o abandonarei, e esconderei a Minha face dele.” Quando “aquele dia” chegou, o aspecto miraculoso da intervenção manifesta de D’us na nossa história cessou, sendo substituído por uma intervenção velada no destino do homem. Esta Providência oculta deixa espaço para dúvida e erro, pois às vezes faz parecer que, D’us não o permita, Ele abandonou Seu povo.

Assim começaram os dois modos oscilantes da manifestação Divina. Às vezes, Sua presença estaria manifesta e, em outras, oculta. Este é, na verdade, um dos pontos mais impressionantes do calendário judaico e do ciclo anual. Em *Péssach*, *Shavuot* e *Sucot* celebramos o fato de D’us ter nos libertado do Egito, outorgado a Torá, e concedido a proteção Divina com as Nuvens da Glória. Em *Chanucá* celebramos a vitória sobre os gregos e acendemos a *chanukiyá* para simbolizar a vitória espiritual sobre as forças assimilacionistas do helenismo. Em *Purim*, celebramos a tentativa frustrada da “Solução Final” de Haman.

Em todos estes dias, a presença de D’us é clara. Contudo, em *Tishá BeAv*, choramos e pranteamos a destruição dos Templos. Nos outros dias de jejum lamentamos os eventos que levaram àquela destruição e outras catástrofes na história judaica. Na geração pre-

sente, ainda estamos entorpecidos pelo grande genocídio da história judaica, o Holocausto. Nestas ocasiões, a presença de D'us estava velada.

Ainda assim, o judeu celebra e pranteia simultaneamente. Ele sabe que seu destino está muito além das leis da natureza e que as provações e tribulações da Providência oculta não se devem meramente ao acaso, mas à meticulosa percepção da vontade premeditada e pré-calculada de D'us. É esta mesma fé que permite ao judeu navegar pelas ondas do anti-semitismo e zombar de seus inimigos. O judeu sabe que é eterno – conhece o segredo de sua imortalidade. D'us lhe prometeu (Yirmiyáhu 5:18): “Contudo, mesmo naqueles dias devastadores - diz D'us - não vos aniquilarei completamente” e (Vayicrá 26:44): “Não os rejeitarei, nem os abominarei, para destruí-los totalmente.”

Examinemos agora mais de perto aquelas profecias. Em duas passagens da Torá, Moshê faz uma admoestação: Vayicrá, cap. 26 e Devarim, cap. 28. Nachmânides, em seu comentário sobre a Torá, explica que estas duas passagens cumpriram-se consecutivamente. Vayicrá cap. 26, pela destruição do Primeiro Templo, e Devarim cap. 28, pela destruição do Segundo Templo e pelo árduo exílio subsequente. Uma terceira passagem em Devarim cap. 30 fala sobre o arrependimento e a redenção finais do povo judeu.

Vayicrá cap. 26

“E a vós, espalharei entre as nações.” – O primeiro exílio para a Babilônia.

“E será vossa terra assolada.” – A ruína da Terra de Israel.

“E assolarei os vossos santuários.” – A destruição do Primeiro Templo.

“E não receberei com vontade os vossos sacrifícios públicos.” – A cessação dos sacrifícios no Primeiro Templo.

“Então descansará a terra pelos anos sabáticos.”
– A duração do primeiro exílio – 70 anos – foi proporcional ao número de anos sabáticos que não foram previamente observados de forma correta.

“E comereis a carne de vossos filhos, e a carne de vossas filhas comereis.” – Uma profecia cumprida, conforme descrito por Yirmiyáhu no Livro das Lamentações (2:20) quando da destruição do Primeiro Templo.

“E aos que ficarem de vós, porei desalento em seus corações... e não haverá para vós erguimento diante de vossos inimigos.” – Os judeus são facilmente dominados.

“E desembainharei detrás de vós a espada... e vos perdereis entre as nações, e a terra de vossos inimigos vos consumirá.” – Decretos de conversão forçada e pogroms.

Alguém poderia perguntar: “Como era possível que

Moshê soubesse que, mais de oitocentos anos depois que os judeus entraram na Terra de Israel, sob a liderança de Yehoshua, os babilônios destruiriam o Primeiro Templo e exilariam o povo por setenta anos? Como ele sabia que cessariam as oferendas e que o povo comeria a carne, “*de vossos filhos, e a carne de vossas filhas comereis*”? Somente a dissonância cognitiva permitiria que o cético negasse que foi esta uma profecia vinda do D’us verdadeiro, o D’us vivo que cria, sustenta e dirige os rumos do mundo.

Devarim cap. 28

“*Sereis arrancados de sobre a terra.*” – O segundo exílio.

“*Teus filhos e tuas filhas serão dados a outro povo... e servirás ao teu inimigo... em fome, em sede.*” – Antes do exílio.

“*O Eterno levantará contra ti uma nação que virá de longe, da extremidade da terra.*” – Uma referência a Roma.

“*... subitamente, como voa a águia.*” – Uma referência às legiões romanas, cujos estandartes tinham o desenho de uma águia.

“*E te sitiarias em todas tuas cidades, até subjugar teus muros altos.*” – A terra é conquistada, há um cerco, e as muralhas caem.

“*O peregrino que está no meio de ti se elevará acima de ti, muito acima.*” – Uma referência a Herodes.

“Mulher desposará e outro homem dormirá com ela.” – Um decreto romano.

“E o Eterno te espalhará por todos os povos, desde uma extremidade da terra até a outra extremidade da terra.” – O judeu é exilado para os quatro cantos da terra.

“E entre estas nações não terás repouso e não haverá descanso para a planta de teu pé... e temerás de noite e de dia.” – A situação dos judeus no exílio.

“E não estará garantida a tua manutenção.” – Nenhuma segurança financeira.

“Pela manhã dirás: ‘Oxalá que fosse como a tarde de ontem!’ E à tarde dirás: ‘Oxalá que fosse como esta manhã!’, pelo temor de teu coração.” – Os eventos ocorrerão tão rapidamente, que o judeu mal conseguirá se recuperar de um incidente antes que outra calamidade se abata sobre ele.

“Também toda enfermidade e toda ferida que não está escrita nesta Torá, as fará vir o Eterno sobre ti.” – Os muitos sofrimentos do exílio.

“E ali servirás a outros deuses, ao pau e à pedra.” – Uma referência ao fato de que, no decorrer de seu longo exílio, o judeu estará sujeito ao deus de madeira – a cruz – queimado na fogueira com conversões forçadas, e ao deus de pedra de Meca e Medina.

“E ficareis com poucos homens.” – De fato, é surpreendente que, especialmente durante a Idade das Trevas, os judeus não tenham desaparecido completamente.

”Serás motivo de assombro.” – Os judeus se tornaram um tópico de discussão para todos.

“... de provérbio e de escárnio.” – O judeu errante será o símbolo do sofrimento e perseguição.

“E serão para ti por sinal.” – Os símbolos que muitas vezes tivemos que usar para nos identificar como judeus.

Com riqueza de detalhes, Moshê profetizou a destruição do Segundo Templo e o exílio subsequente com impressionante exatidão. Ele falava sobre eventos que ocorreriam 1.500 anos após seu falecimento. Como ele poderia saber?

E mesmo assim o judeu sobrevive – e prospera.

“Pois Eu sou D’us, não mudo, portanto vós, filhos de Yaacov, não sois consumidos.” (Malachi 3:6) – A eternidade do povo judeu.

“Somente se o sol, a lua e as estrelas desaparecerem, a semente de Israel cessará de ser uma nação.” (Yirmiyáhu 31:35-36).

Em meio a grande perseguição, sofrimento e exílio, o estudo da Torá floresceu. Sempre houve academias talmúdicas produzindo eruditos na Torá que levaram adiante o bastão do estudo da Torá, e transmitiram-no à geração seguinte. Isto cumpre a profecia: *“Por isso, a Torá, não será esquecida da boca da tua semente.”* (Yeshayáhu 59:20-21).

Em todos os tempos, o judeu guardou o *Shabat*.

“O Shabat será um pacto eterno entre D’us e Isra-

el.” (Shemot 31:16)

“*É um sinal entre Eu e os Filhos de Israel.*” (*ibid*, 31:17)

Não é fascinante que, quando as duas outras principais religiões separaram um dia para seu repouso, uma pegasse o domingo e a outra a sexta-feira, mas que o *Shabat* permanecesse como o dia de repouso para os judeus? Isso não foi profetizado?

Mais esclarecedoras são as profecias sobre a Terra de Israel durante o tempo em que seu povo estaria no exílio:

“*E teus inimigos que habitarem a Terra de Israel nela ficarão desolados.*” (Vayicrá 26:32). A terra pertence a nós, mesmo quando estamos no exílio. Em nossas preces dizemos “por causa dos nossos pecados fomos exilados de *nossa* terra”. Não é fascinante que, antes da destruição dos Templos, a terra fosse populosa e fértil, e depois da destruição, tenha se tornado uma terra desolada, de pântanos? Mark Twain, numa visita à Terra de Israel, expressou sua surpresa – quem poderia dizer que esta é a Terra Prometida, uma terra onde fluem leite e mel? O maior número de pessoas que habitou a Terra de Israel desde o tempo do segundo exílio até a virada do século vinte foi 300 mil – na época dos turcos – e mesmo então a população diminuiu por causa dos terremotos. Hoje, após o retorno de muitos judeus ao país, sua população atinge os milhões. Aquilo que era pântano foi retomado, e hoje é novamente

pasto verde. Era uma terra que estava esperando pela volta de seu povo.

É surpreendente que a única muralha que sobrou do Segundo Templo – o *Kotel Maaravi* – o Muro Ocidental – tenha permanecido de pé e jamais foi destruída. Os rabinos declararam que a Presença Divina jamais se afastou do Muro.

E a história ainda não acabou. Há uma passagem em Devarim cap. 30 que descreve o retorno completo e a redenção da nação judaica.

E quando vierem sobre ti todas estas coisas, a bênção e a maldição que pus diante de ti, e te recordares delas em teu coração, estando entre as nações para onde o Eterno, teu D'us, te houver lançado, e voltares para o Eterno, teu D'us, e ouvires a Sua voz, segundo tudo que Eu hoje te ordeno, tu e teus filhos, com todo teu coração e com toda tua alma, te trará o Eterno teu D'us com Ele de teu cativo, e Se compadecerá de ti, e te fará voltar juntando-te dentre todas as nações, para onde te espalhou o Eterno, teu D'us. Ainda que o teu desterro esteja na extremidade dos céus, dali te ajuntará o Eterno, teu D'us, e dali te tomará; e te trará O Eterno, teu D'us, à terra que herdaram teus pais, e a herdarás; e te fará bem e te multiplicará mais do que a teus pais. E abrirá o Eterno, teu D'us, teu O Eterno teu coração e o coração de tua descendência, para amares o Eterno, teu D'us, com todo teu coração e com toda tua alma, para que vivas.

E porá o Eterno, teu D'us, todas estas maldições sobre os teus inimigos e sobre os que te odeiam, os quais te perseguiram. E tu voltarás e obedecerás à voz do Eterno, e cumprirás todos os Seus mandamentos que Eu hoje te ordeno. E o Eterno, teu D'us, te fará abundar em toda a obra das tuas mãos, no fruto do teu ventre, na cria dos teus animais e no fruto da tua terra, para bem; porquanto o Eterno tornará a alegrar-Se em ti para bem, como Se alegrou em teus pais. Isto, quando obedecerdes à voz do Eterno, teu D'us, para guardares Seus mandamentos e Seus estatutos, escritos neste Livro da Torá; quando voltares ao Eterno, teu D'us, com todo teu coração e com toda tua alma.

Porque este mandamento que Eu hoje te ordeno, não te é encoberto nem está longe de ti. Não está no céus para dizeres: quem subirá por nós aos céus, que o traga a nós e nos faça ouvi-lo, para que o observemos? Nem está além do mar, para dizeres: quem passará por nós além do mar, para que o traga a nós e nos faça ouvi-lo, para que o observemos? Pois a coisa está muito perto de ti, na tua boca e no teu coração, para que a observes.

Vê que, hoje, pus diante de ti a vida e o bem, a morte e o mal; porquanto te ordeno hoje que ames ao Eterno, teu D'us, que andes nos Seus caminhos, e que guardes os Seus mandamentos, os Seus estatutos e os Seus juízos; então viverás, te multiplicarás e te abençoará o Eterno,

teu D'us, na terra na qual tu entras para herdá-la. Porém, se o teu coração se desviar e não quiseres ouvir, e errares, e te prostrares a outros deuses e os servires; declaro-vos hoje que certamente perecereis; não prolongareis os vossos dias na terra, para a qual vós ides passar o Jordão a fim de herdá-la. Tomo hoje os céus e a terra por testemunhas contra vós, que tenho dado perante vós a vida e a morte, a bênção e a maldição; ESCOLHERÁS POIS A VIDA, para que vivas tu e a tua descendência, amando o Eterno, teu D'us, ouvindo a Sua voz e te achegando às Suas qualidades; pois isso é a tua vida e o prolongamento de teus dias, para que habites sobre a terra que jurou o Eterno a teus pais, a Avraham, a Yitschac e a Yaacov, que lhes havia de dar.

O Talmud está repleto de surpreendentes previsões que ocorrerão no Fim dos Dias. Elas estão agora completamente documentadas para o leitor. Referimo-nos ao livro *Mashiach*, do Rabino J. I. Schochet. Ver também o capítulo 12 abaixo.

Sumário:

Neste capítulo provamos a existência de D'us.

1. Por meio do testemunho da Revelação de D'us no Sinai.
2. Pela prova filosófica.
3. Com um breve estudo do cumprimento das profecias bíblicas.

O Talmud refere-se aos judeus como “Crentes, Filhos de Crentes”. É quase como se a crença em D’us fosse hereditária. Na verdade, porém, a crença inata surge no próprio âmago da alma judaica. Iyov [Jó] descreve a alma como “uma parte do Divino”. A fé simples de um judeu vem daquilo que ele sente como a própria fonte de sua alma – sua própria essência. Aquela essência pode, muitas vezes, tornar-se oblíqua por meio das insensibilidades e indulgências do corpo.

No entanto, o ponto principal permanece para sempre intacto e, naquelas ocasiões muito especiais em que a alma reluz, o judeu sente sua verdadeira fonte, sua própria essência.



2

Qual o Propósito da Vida?

Todos desejamos viver uma vida significativa. Mas, por que vivemos? O que estamos fazendo neste mundo?

A fim de encontrar a resposta para essa questão fundamental, devemos procurar no próprio livro da vida – a Torá, que é chamada *Torat Chaim* (a Torá da Vida). A palavra “Torá” significa “instrução” ou “orientação”, pois a Torá é nosso guia na vida. A Torá nos faz constantemente cômicos de nossos deveres, nos dá uma definição verdadeira de nosso propósito na vida, e nos mostra os meios para atingirmos esta meta.

A Criação do homem

A Torá começa com Bereshit. Quando Adam foi criado, o Criador o informou imediatamente sobre seus poderes, e disse-lhe que seu propósito na vida seria “Enchei a terra e subjugai-a, e dominai sobre o peixe do mar e a ave dos céus, e em todo animal que se arrasta sobre a terra.” (Bereshit 1:28)

O homem recebeu poder para conquistar o mundo inteiro e dominá-lo, na terra, no mar e no ar, e foi clamado a fazê-lo; esta foi a sua tarefa.

Como esta “conquista do mundo” deveria ser realizada, e qual o seu propósito e verdadeiro significado?

Nossos Sábios ensinam que quando D’us criou Adam, sua alma – sua imagem Divina – permeou e irradiou todo o seu ser, e por isso ele tornou-se soberano sobre toda a Criação. Todas as criaturas reuniram-se para servi-lo e coroa-lo como seu criador. Porém Adam, mostrando-lhes seu erro, disse: “Vamos todos venerar D’us, nosso Criador!”

A “conquista do mundo”, dada ao homem como sua tarefa e missão na vida, deveria elevar e refinar toda a natureza, inclusive as feras e outros animais, a serviço da verdadeira humanidade; a humanidade permeada e iluminada pela imagem Divina – pela alma, que é realmente uma parte de D’us nas alturas – para que toda a Criação percebesse que Ele é nosso Criador.

É desnecessário dizer que, antes que o ser humano saia para conquistar o mundo, ele deve primeiro conquistar a si mesmo e a seu próprio ego, por meio da subjugação do “terreno” e do “animalesco” em sua própria natureza. Isso é conseguido mediante ações que estejam de acordo com as diretrizes da Torá – o guia prático para a vida diária – para que o material seja permeado e iluminado pela luz do D’us Único, nosso D’us.

D’us criou um homem e, sobre esta única pessoa na terra, Ele impôs este dever e esta tarefa. Aqui subjaz a profunda, porém clara, diretriz de que todo ser humano

– cada pessoa – é potencialmente capaz de “conquistar o mundo”. Se um indivíduo não cumprir esta tarefa e não utilizar seus inestimáveis poderes Divinos, a perda ou o fracasso não é somente pessoal, mas algo que afeta o destino do mundo inteiro.

Uma pessoa pode mudar o mundo

Um dos principais aspectos distintos na Criação do homem é que este foi criado como um único ser, ao contrário das outras espécies, criadas em grande número.

Isso indica enfaticamente que um único indivíduo tem a capacidade de levar toda a Criação à plenitude, como foi o caso de Adam, o primeiro homem. Como mencionado acima, tão logo Adam foi criado, ele clamou e reuniu todas as criaturas do mundo para que reconhecessem a soberania do Criador, com o brado: “Venham, vamos nos prostrar e ajoelhar perante D’us, nosso Criador!” Pois é somente por meio da “prostração” – da abnegação – que um ser criado pode se apegar e se unir ao Criador, atingindo dessa maneira uma realização da mais elevada ordem.

Os rabinos nos ensinam que Adam foi o protótipo e o exemplo a ser seguido por todos. “Por este motivo, o homem foi criado único, para ensinar que ‘uma única pessoa equivale ao mundo inteiro’”. Isso significa que cada judeu, na verdade cada ser humano, independentemente de tempo, lugar e *status* pessoal, possui a plena capacidade (e também o dever) de elevar-se e atingir

o mais alto grau de realização, bem como de conseguir o mesmo para a Criação como um todo.

***Rosh Hashaná* – O dia do nascimento do homem**

Esta ideia é reforçada pelo fato de que o Ano Novo judaico – *Rosh Hashaná* – celebra o nascimento do homem, que ocorreu no sexto dia da Criação.

Na liturgia de *Rosh Hashaná* vemos que este é chamado “o dia do início de Tuas obras” (texto da prece de *Rosh Hashaná*). Por que é o “início de Tuas obras” quando, na realidade, *Rosh Hashaná* corresponde ao sexto dia da Criação?

A resposta é fornecida pelos rabinos: na medida em que o homem é o propósito último e a razão de ser de todos os âmbitos do universo, e toda a obra da Criação foi completada e realizada com a Criação do ser humano este, com efeito, incorpora toda a Criação como se, antes dele, nada tivesse sido criado.

Entretanto, deve-se perguntar como isso pode ser verdade quando, além do homem, existe um mundo imenso, impressionante e digno de nota, como declaram os Salmos: “Como são numerosas as Tuas obras, ó D’us”, e “Como são notáveis as Tuas obras, ó D’us”? De mais a mais, considerando a Criação como um todo, vemos que a “espécie falante” – o homem – é numericamente muito inferior à ordem dos animais, menor que a ordem das plantas, e menor ainda em comparação à matéria inorgânica (terra, minerais etc.).

A resposta – que na verdade constitui um dos ensinamentos básicos de *Rosh Hashaná* no que diz respeito a toda a Criação – é a seguinte:

A ordem, na escala de todas as coisas criadas, em que substâncias inorgânicas excedem as plantas, as plantas superam em número os animais, e o homem é a menor de todas as espécies, baseia-se em considerações de quantidade. No entanto, quando levamos em conta a qualidade, a ordem é invertida: a matéria inorgânica, que não tem sinais de vida e locomoção, está na base da escala; acima dela encontra-se o mundo das plantas, dotado de crescimento mas que carece da vitalidade e do movimento dos animais; mais acima ainda situa-se o reino animal e, como os animais não possuem intelecto humano, eles são inferiores ao homem – a mais elevada de todas as criaturas. Pois, embora um animal tenha um intelecto próprio, este não constitui um fim por si só, mas apenas um instinto, cuja função é servir às suas necessidades naturais. O intelecto humano, contudo - desde que a pessoa se conduza como um ser humano e não como um animal – constitui primordialmente um fim por si mesmo. Ademais, o intelecto humano não atinge seu objetivo e plenitude quando serve de instrumento para a gratificação das necessidades físicas, como é o caso com os animais, mas ao contrário, quando todas as funções naturais como comer, beber e similares, transformam-se em servas do intelecto, para que a pessoa seja capaz de elevar-se ainda mais na bus-

ca intelectual e espiritual.

Esta não é, porém, a verdadeira realização do ser humano. A verdadeira plenitude é atingida quando o intelecto o leva à percepção de que existe algo mais elevado que o intelecto, a fim de que este se renda por completo àquele ideal.

Em termos mais claros, a plenitude humana é alcançada quando o intelecto reconhece que o homem, e com ele toda a Criação, deve esforçar-se para atingir o reconhecimento e o apego a D’us, Criador do Universo e Mestre de tudo que nele existe.

Este conceito está diretamente relacionado à nossa vida diária e deve permeá-la, como evidenciado também pelo fato de que o Salmo que começa com “D’us reina, Ele Se revestiu em majestade” – foi instituído como o “Salmo Diário” para o sexto dia de todas as semanas do ano. Isto é o que Adam, o primeiro homem, realizou ao reconhecer a soberania do Criador, elevando a si mesmo e a toda a Criação ao nível do reconhecimento de D’us.

A lição geral a ser inferida de tudo isso é a seguinte:

Ao refletir sobre si mesma, a pessoa verá que a maior parte da sua vida e a maioria dos seus esforços são despendidos com coisas que, à primeira vista, são materiais e mundanas, tais como comer, beber, dormir e similares. Fica também evidente que há um número maior de “homens do mundo” do que de “homens de espírito”. Em geral, vê-se mais pessoas imersas na bus-

ca de coisas materiais. Por isso, poder-se-ia pensar erroneamente que os aspectos físicos e materiais da vida talvez sejam os mais importantes.

Rosh Hashaná nos ensina que o oposto é o verdadeiro. Para evidenciar isso, todas as espécies foram criadas em cinco dias e parte do sexto. No entanto, o homem, uma parte muito pequena da Criação no tempo e no espaço, foi a essência e o propósito de toda a Criação. E também no homem, o essencial não é o corpo, que é “pó da terra”, mas a alma, o espírito vivo que D’us “soprou em suas narinas”, uma alma que é “realmente parte da Divindade Excelsa”. A obra da Criação tornou-se digna e completa somente depois que o homem foi criado com a centelha Divina no seu interior. Assim, o homem pode ser corretamente descrito como o “início” da Criação em todos os âmbitos, e *Rosh Hashaná*, o dia do nascimento do ser humano, considerado “o dia do início de Tuas obras”.

O poder do justo

Logo depois da Criação, a narrativa bíblica prossegue com a tentação do fruto proibido, o pecado de Adam e seu subsequente exílio do Jardim do Éden. A serpente, sinônimo da inclinação para o mal, persuade o homem a desconsiderar a missão de sua alma em troca do prazer momentâneo. Adam faz a humanidade mergulhar num conflito constante entre a inclinação para o mal e a inclinação para o bem.

Os Sábios descrevem o que aconteceu da seguinte maneira: na época da Criação a *Shechiná* – a Presença Divina – repousava na terra. Após o pecado de Adam, a *Shechiná* afastou-se da terra para o primeiro firmamento (os Sábios falam da existência de sete firmamentos, i.e., níveis espirituais), e depois dos pecados de Caim e Abel e da geração seguinte de Enosh, a *Shechiná* afastou-se ainda mais, para o segundo e terceiro firmamentos, e assim por diante, até que a *Shechiná* foi removida, em virtude dos pecados das gerações seguintes, para o sétimo firmamento. Foi o justo Avraham quem, por meio do seu serviço Divino, fez com que a *Shechiná* retornasse um nível, para o sexto firmamento. Seu filho Yitschac e seu neto Yaacov, e gerações posteriores de justos, moveram ainda mais a *Shechiná*, até que Moshê, a sétima geração a partir de Avraham, fez com que a Presença Divina retornasse a esta terra ao construir o Tabernáculo no deserto, e a *Shechiná* ali repousou.

Um dos grandes ensinamentos do Báal Shem Tov, o fundador do Movimento Chassídico, diz respeito ao contínuo processo da Criação. A energia criativa Divina pulsa constantemente na Criação, fazendo-a existir *ex-nihilo* a cada segundo. Se D’us parasse de criar o mundo, ainda que por um instante, este se reverteria ao nada e ao vazio anteriores à Criação. Quando os Sábios falam sobre a “remoção da Presença Divina”, não estão sugerindo que D’us literalmente removeu-

Se do mundo – caso contrário este deixaria de existir. Eles aventam que o pecado cria uma insensibilidade à Presença Divina. A Divindade não é mais manifesta e sentida pela Criação. É quase como se D’us estivesse exilado do Seu mundo. Este foi o resultado de gerações de pecado e somente em virtude dos esforços dos justos, o mundo ficou novamente sensível à Presença Divina, transformando-se numa morada adequada para a Sua presença.

Uma morada para D’us

Avraham iniciou o processo de retorno, trazendo a Presença Divina do sétimo para o sexto firmamento. Ele conseguiu isso estabelecendo uma hospedaria em Beer Sheva, e servindo alimento e água aos viajantes. Quando terminavam de comer, Avraham pedia-lhes que dessem Graças. A Torá nos relata: “E Avraham chamou o nome de D’us.” Os Sábios comentam: “Não se deve ler ‘e ele chamou’, mas ‘e ele fez chamar’”, ou seja, ele encorajou outros a que chamassem. Maimônides afirma que Avraham era tão influente em seu tempo, que conseguiu converter boa parte da civilização conhecida à crença no monoteísmo.

Esta tarefa foi continuada por seus filhos, e as tradições e a crença patriarcais no monoteísmo mantiveram-se mesmo depois da descida de Yaacov ao Egito e da subsequente escravidão e cativeiro. Embora impregnados pela cultura egípcia e nela assimilados, os

Filhos de Israel, em particular a tribo de Levi, preservaram sua identidade e crenças.

D'us prometera a Avraham que seus descendentes serviriam uma nação estrangeira somente por um determinado tempo, depois do que seriam redimidos. Quando chegou o tempo da redenção, D'us enviou Moshê, bisneto de Levi, filho de Yaacov, para cumprir aquela tarefa. O faraó, um deus autoproclamado, foi sistematicamente destruído pelas Dez Pragas. Ele e seus mágicos foram forçados a admitir que o “dedo de D'us” estava em ação. Finalmente, o povo judeu saiu do Egito, uma redenção do cativo que se tornou o protótipo de todas as futuras redenções.

O povo judeu testemunhou mais milagres – a abertura do mar e a derrota dos amalequitas. Quarenta e nove dias após a saída do Egito, postou-se aos pés do Monte Sinai, onde ouviu os Dez Mandamentos do próprio D'us. D'us deu sua Torá-instrução para toda a nação. Logo depois do Sinai, Ele instruiu Moshê: “Façam para Mim um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles.”

Moshê iniciou a construção do *Mishcan* – o Tabernáculo – uma estrutura portátil que abrigava a Arca Sagrada, que continha as Tábuas de pedra e o Rolo da Lei. O Tabernáculo seria o protótipo de todas as futuras sinagogas. Quando sua construção foi finalmente concluída, a Presença Divina ali repousou. Os Sábios nos dizem que a tarefa estava completa, e a Presença

Divina retornara ao mundo.

A construção do Tabernáculo exemplifica o propósito da Criação que, nas palavras do Midrash, é o de que “D’us desejava ter uma morada no mais inferior dos mundos”. O propósito do homem é tomar a Criação e permeá-la de Divindade.

Esta ideia foi exemplificada no Tabernáculo. Quando os judeus deixaram o Egito, levaram consigo grandes riquezas, subseqüentemente doadas para os materiais necessários para a construção do Tabernáculo. Cada aspecto dos reinos mineral, vegetal e animal foi representado no Tabernáculo. As paredes eram feitas de painéis de madeira revestidos de ouro. As oferendas levadas ao Tabernáculo representavam a elevação da dimensão animalésca dentro do homem, e sua dedicação a um propósito mais elevado. Cada aspecto do Tabernáculo transformava o material em espiritual. Assim o Tabernáculo, que segundo os nossos Sábios era um microcosmo, ou símbolo do universo, refletia nossa própria tarefa no mundo, ou seja, tomar o material e transformá-lo e elevá-lo para um propósito espiritual. Por exemplo, comer a fim de permanecer saudável para estudar a Torá e cumprir as *mitsvot*, usar couro animal para *mezuzot* e *tefilin*, e outros.

Uma morada dentro de cada indivíduo

Na frase “Façam para Mim um santuário, para que Eu possa habitar entre *eles*”, oculta-se um significado mais

profundo. Gramaticalmente, deveria ter afirmado “para que Eu possa habitar nele”, porém declara “para que Eu possa habitar entre eles.” Os Sábios assinalam que a construção do Tabernáculo é um indicativo para que cada pessoa construa uma habitação para a Presença Divina dentro de si mesma.

Como mencionado anteriormente, toda pessoa é dotada de uma alma Divina. É tarefa da alma fazer do corpo no qual ela reside um *Mishcan*, elevando todas as funções corporais a um propósito Divino.

Em resumo, isso significa ser capaz de conectar toda função corporal a D’us – e este é exatamente o propósito da Torá e das *mitsvot*. Na Torá, D’us nos instrui sobre como conectar cada esfera de operação e função a Ele. Por exemplo, em termos de tempo, “seis dias trabalhareis e no sétimo descansareis.” A função do *Shabat* é permitir que a pessoa se afaste do mundano e se concentre no espiritual um dia por semana. Isso, por sua vez, cria uma nova perspectiva para a semana vindoura. Pelo simples fato de dedicar um dia por semana ao estudo e à prece, a pessoa eleva a semana inteira.

As leis da *Cashrut* conectam um judeu em seus hábitos alimentares, e as leis de *Taharat Hamishpachá* elevam a intimidade. O mesmo ocorre com todas as *mitsvot*.

Os Sábios nos dizem que um ser humano é feito de 248 membros e 365 tendões. Estes correspondem aos 248 mandamentos positivos e aos 365 mandamen-

tos negativos da Torá. A palavra *mitsvá* em aramaico significa “conexão”. Por conseguinte, há 613 maneiras de se conectar a D’us. O homem tem a capacidade de conectar todo o seu ser a D’us. Ao realizar esta missão, ele cria uma morada para D’us neste mundo, concretizando o propósito da Criação.

Os mundos espiritual e material não estão em conflito. O objetivo supremo é a fusão de ambos, em que o material fique permeado do espiritual. O âmago do cumprimento de todas as *mitsvot* subjaz na utilização da criação material para um propósito Divino. Isto assegura uma harmonia maravilhosa tanto no indivíduo quanto no mundo em geral. Este tema não é relegado à sinagoga ou aos momentos de prática religiosa. Ao contrário, abrange todos os tempos e lugares; onde e quando quer que a pessoa atue, ela pode utilizar a tarefa à mão para direcioná-la ao seu propósito correto, o Divino.

As recompensas do Mundo Vindouro

O *Talmud* está repleto de referências ao Mundo Vindouro. Maimônides o descreve como “um mundo de almas”, um plano espiritual ao qual a alma retorna após sua permanência temporária neste mundo. A alma deve fazer um balanço de sua vida e, em seguida, seus méritos e deméritos são cuidadosamente pesados nas balanças Divinas. Ela é então recompensada pelas suas boas ações e pelo estudo da Torá. A recompensa assu-

me a forma de uma revelação da glória de D’us, “aquecendo-se na luz Divina”. Às vezes, é necessário que a alma se purifique de suas indulgências e iniquidades, sendo enviada ao *Gehinom*, local de purificação espiritual, após o que ascende ao Céu. O Talmud emprega os termos “Jardim do Éden” ou “Academia Celestial” para descrever os diversos níveis e estágios desta recompensa celestial.

Neste sentido, o mundo em que vivemos é um mero “corredor que antecede o Mundo Vindouro”, um degrau temporário onde se pode ganhar lugar e assento no Mundo Vindouro. Na verdade, os Sábios declaram que “é melhor uma hora de felicidade celestial no Mundo Vindouro que todos os prazeres deste mundo” (Avot 4:17). Não se deve servir a D’us apenas para receber esta recompensa, porém Ele não permanece em débito, e recompensará a pessoa por todas as suas boas ações. Com esta finalidade há um “olho que observa, um ouvido que escuta e uma mão que anota” todas as ações praticadas pelo indivíduo neste mundo. É mantida uma contabilidade exata.

Porém, por maiores que sejam as recompensas do Mundo Vindouro, elas não constituem o propósito supremo da Criação. Como já afirmado acima, o propósito último é que D’us desejava ter uma morada no mais inferior de todos os mundos, *neste* mundo material e físico. É nesse sentido que os Sábios declaram que “melhor uma hora de arrependimento e boas ações

neste mundo que todo o Mundo Vindouro”. Embora as revelações dos mundos espirituais mais elevados sejam magníficas e sirvam de verdadeira recompensa para os esforços da alma, o supremo desejo de D’us, no entanto, são as boas ações e as *mitsvot* praticadas neste mundo.

É por este motivo que não há uma menção declarada do Mundo Vindouro nas Escrituras. A Torá preocupa-se primeiramente com a vida neste mundo. A alma existe antes do seu descenso, e retorna ao âmbito celestial na vida após a morte. Trata-se de um “descenso com o propósito de ascensão”, que é a concretização do objetivo último da Criação, a criação de uma morada para D’us neste mundo.

O Rei Shelomô descreve a alma como “a lamparina de D’us”. Para que D’us precisa de uma lamparina? Existe algum lugar que seja escuro para Ele? A lamparina é necessária neste mundo, no qual D’us cobriu Sua majestade. A alma ilumina o corpo e o mundo, permitindo-lhe reconhecer o Criador, por meio do cumprimento da Torá e das *mitsvot* na vida diária.

Rabi Shneur Zalman de Liadi, fundador do Chabad, costumava dizer: “Eu não desejo Teu Jardim do Éden, eu não quero Teu Mundo Vindouro, quero apenas a Ti, a Ti Mesmo.” Ele queria dizer que, embora a felicidade espiritual do Mundo Vindouro seja grande, D’us, por Si mesmo, é sentido apenas ao se cumprir o propósito supremo – com uma hora de arrependimento e boas

ações praticadas neste mundo.

Um propósito específico

Toda alma possui um propósito específico, além do objetivo geral de fazer uma morada para D'us neste mundo. O Báal Shem Tov dizia que uma alma, além de cumprir a Torá e as *mitsvot*, pode descer a este mundo e viver durante 70 ou 80 anos apenas para fazer um favor para outra alma no âmbito material ou no espiritual. Como se sabe qual é o seu propósito específico? Como alguém sabe que favor serve de propósito para o descenso da alma? A resposta é que tudo acontece pela Providência Divina, e se à pessoa é dada uma determinada oportunidade, esta certamente foi enviada das Alturas, e deve ser tratada como se fosse o objetivo do descenso da sua alma.

Nossos Sábios declararam que “tudo vem do Céu, exceto o temor do Céu”. Isso significa que tudo o que acontece a uma pessoa vem do Céu. O tempo e local específicos nos quais o indivíduo vive e sua posição na vida, seja ele rico ou pobre, são decididos nas Alturas. A única contribuição do ser humano é “o temor do Céu” – sua reação em qualquer situação. Nos são apresentados oportunidades e desafios únicos, e cabe a nós utilizá-los para o propósito Divino.

O descenso da alma

Nossos Sábios afirmaram ainda que “cada alma esteve

na presença da Sua Divina Majestade antes de descer a esta terra”, e que “as almas são talhadas sob o Trono da Glória.” Estes ditos enfatizam a natureza essencial da alma, sua santidade e pureza, e como ela está completamente divorciada de qualquer coisa material e física; a alma em si, por sua própria natureza, não está sujeita a quaisquer desejos materiais ou tentações, que surgem apenas no corpo físico e na “alma animalesca”.

Mesmo assim, foi vontade do Criador que a alma – que é realmente uma “parte” do Divino, descesse ao mundo físico e rude, e ficasse confinada e unida a um corpo físico por muitos anos, num estado diametralmente oposto à sua natureza espiritual. Tudo isso com a finalidade de uma missão Divina a ser desempenhada pela alma, no intuito de purificar e espiritualizar o corpo físico e o ambiente físico a ela relacionados, fazendo deste mundo uma morada para a Presença Divina. Isso pode ser feito unicamente por meio de uma vida de Torá e *mitsvot*.

Quando a alma cumpre sua missão, toda dor e sofrimento transitórios associados ao descenso da alma e à vida na terra não são meramente justificados, mas infinitamente superados, pela grande recompensa e felicidade eterna que a alma passa a desfrutar dali em diante.

Uma oportunidade desperdiçada

Pelo exposto acima, pode-se avaliar facilmente a am-

plitude da tragédia resultante quando se desconsidera a missão da alma na terra. Quando fazemos isso, a consequência é que o descenso da alma para este mundo foi em vão, uma vez que não conseguimos realizar o seu propósito. Mesmo quando há breves momentos de atividade religiosa no estudo da Torá e no cumprimento das *mitsvot*, é triste contemplar com que frequência esta atividade é maculada pela ausência de entusiasmo e júbilo interior verdadeiros, desprovida do reconhecimento de que estas são as atividades que justificam a existência.

Além de perder o ponto vital ao deixar de aproveitar a oportunidade para cumprir a Vontade Divina, renunciando aos benefícios eternos que daí advêm, é contrário à razão escolher aquele lado da vida que acentua a escravidão e a desgraça da alma, ao mesmo tempo em que se rejeita o bem intrínseco a ela, ou seja, a grande elevação que resultará do descenso da alma.

A atitude certa é aproveitar ao máximo a permanência da alma na terra, e uma vida permeada de Torá e de *mitsvot* torna isso possível.

Está igualmente claro que como D'us, que é a essência da bondade, força a alma a descer de suas alturas sublimes para as profundezas com o propósito de estudar a Torá e cumprir as *mitsvot*, isso deve significar que o valor da Torá e das *mitsvot* é muito grande.

Ademais, o descenso da alma com o propósito de ser mais tarde elevada demonstra que não há outra

maneira de alcançar este objetivo. Se houvesse uma forma mais fácil, D’us não obrigaria a alma a descer para este mundo inferior. Pois somente aqui, no que os cabalistas chamam de mundo inferior, a alma pode atingir sua mais alta ascensão, mais elevada ainda que os anjos e, como dizem nossos Sábios: “Os justos são inclusive superiores aos (primeiros) anjos”.

Servir a D’us com júbilo

Ao refletir sobre a grandeza da Torá e das *mitsvot*, especificamente no que diz respeito a esta vida; ao considerar também que a Torá e as *mitsvot* são o único meio para atingir a perfeição da alma e concretizar o propósito Divino; o ser humano terá uma sensação de verdadeira alegria no que concerne ao seu próprio fado e destino, não obstante as muitas dificuldades e obstáculos, internos e externos, que são inevitáveis na terra. Somente desse modo é possível pôr em prática a ordem “Serve a D’us com júbilo”, que o Báal Shem Tov transformou num dos pilares de seus ensinamentos, exposta em profundidade nos ensinamentos do Chabad e enfatizada por Rabi Shneur Zalman de Liadi em sua obra monumental, o *Tanya* (cap. 26, 31).

Em última análise, trilhar este caminho na vida conduzirá à verdadeira felicidade. A felicidade – no sentido judaico – pode ser definida como a seguir:

Quando alguém faz o que D’us deseja que ele faça, em qualquer momento, pode ser realmente feliz. Por-

tanto, se em qualquer momento ou situação um indivíduo age de acordo com as diretrizes da Torá, ele é verdadeiramente feliz e abençoado. Esta sensação transcende todas as questões mundanas, pois o homem compreende que tudo que acontece na vida é orquestrado por D'us.

Conclusão

Obviamente, é necessário estudar a Torá e ter consciência de como cumprir suas diretrizes na vida diária. A Torá é a sabedoria Divina, e não há união maior com D'us do que a que provém da unidade intelectual alcançada pelo estudo. No entanto, “a ação é o principal”. O objetivo último do estudo é levar à ação – ao cumprimento das *mitsvot* – no sentido de realizar o propósito da Criação, de fazer uma morada para D'us neste mundo.

Cada uma das *mitsvot* tem um efeito cósmico e revela a presença de D'us. A revelação total deste efeito será aparente quando *Mashiach* vier. Naquela era, toda busca do homem visará ao conhecimento de D'us.

Jerusalém, a capital espiritual do mundo, é formada de duas palavras hebraicas, *yirá* e *shalem*, que significam “perfeita reverência”. A reconstrução de Jerusalém denota a reconstrução no mundo daquele estado perfeito de reverência e a presença total de D'us que havia no Jardim do Éden. Cada *mitsvá* individual é um passo à frente no sentido de cumprir aquela meta.

Seria bom se déssemos atenção ao conselho do Rei Shelomô, o mais sábio de todos os homens que, no final do Livro de Cohêlet, afirmou:

Em última análise, tudo se sabe; teme a D'us, e observa os Seus mandamentos; pois este é todo o propósito do homem.

Nas palavras de nossos Sábios, “Fui criado com o único propósito de servir ao meu Criador.”



3

O Povo Eleito – Eleito para Quê?

“**T**u nos escolheste dentre as nações” (Sidur). Os judeus são chamados de “Povo Eleito”. Muitos se perguntam: “para que missão fui escolhido?”

A resposta está na passagem da Torá (Shemot 19:3-6), na qual D’us se dirige a Moshê logo depois de Sua revelação no Sinai:

E Moshê subiu a D’us, e chamou-o o Eterno desde o monte, dizendo: “Assim dirás à Casa de Yaacov, e anunciarás aos Filhos de Israel: ‘Tendes visto o que fiz no Egito, e vos levei sobre asas de águias e vos trouxe a Mim. E agora, se ouvirdes atentamente Minha voz e guardardes Minha aliança, sereis para Mim o tesouro de todos os povos, porque toda a terra é Minha. E vós sereis para Mim um reino de sacerdotes e uma nação sagrada.’ Estas são as palavras que falarás aos Filhos de Israel.”

Estas palavras sintetizam o motivo pelo qual D’us “escolheu” os judeus, ou seja, para que fossem um “reino de sacerdotes e uma nação sagrada”.

A menção feita aqui a sacerdotes não diz respeito

aos *Cohanim*, sacerdotes descendentes de Aharon, o Sumo Sacerdote, pois obviamente o povo de Israel não é totalmente constituído de sacerdotes neste sentido. Ao contrário, a referência é à “função sacerdotal”.

A função sacerdotal é “levar” D’us ao povo e elevá-lo, para que fique mais perto de D’us. O propósito do judeu é levar D’us ao mundo, e aproximar o mundo de D’us.

Em nossa associação com o mundo exterior, cada um de nós – homem ou mulher – deve cumprir funções sacerdotais. A justaposição de um “reino de sacerdotes” e de uma “nação sagrada” indica que, sendo sagrados e dedicados à Torá e às *mitsvot* em nossa vida privada, podemos ser embaixadores bem sucedidos no mundo exterior. Nosso impacto sobre o mundo exterior está intrinsecamente relacionado com nossa dedicação à Torá e às *mitsvot*.

Esta “função sacerdotal” foi denominada pelo profeta Yeshayáhu de “uma luz para as nações”.

Onde quer que os judeus se encontrem, na Diáspora ou na Terra de Israel, ou mesmo no caso de um único judeu num canto remoto da terra, cabe a cada um e à comunidade judaica como um todo lembrar que é parte e representante de todo o povo judeu, e portanto encarregado desta tarefa, mesmo quando os judeus estão na *galut* (exílio). Somente o corpo judaico está na *galut*. A alma judaica nunca é exilada e está livre de qualquer subjugação externa. Consequentemente, embora no

exílio, os judeus não devem ignorar sua missão, nem tampouco subestimar sua capacidade, por mais limitados que sejam seus poderes materiais.

A extensão do dever de cada um é diretamente proporcional à sua posição na vida. É muito maior no caso de um indivíduo de certa proeminência, o que lhe dá oportunidade para exercer influência sobre outros, especialmente os jovens. Tais pessoas devem valorizar a responsabilidade e o privilégio que a Providência Divina lhes conferiu, para divulgar a luz da Torá e combater as trevas, qualquer que seja a forma sob a qual elas se apresentem.

Que ninguém pense: “Quem sou eu, o que sou eu, para ter tamanhos poderes?” Pois já vimos – para nossa consternação – o que mesmo uma pequena quantidade de matéria pode fazer em termos de destruição por meio da liberação de energia atômica. Se tamanho poder está oculto numa pequena quantidade de matéria destrutiva – contrariando o desígnio e o propósito da Criação – muito maior é o poder criativo confiado a cada indivíduo para trabalhar em harmonia com o propósito Divino. Neste caso, o homem recebe aptidões e oportunidades especiais, concedidas pela Providência Divina, para atingir o objetivo para o qual foi criado, especificamente, a concretização de um mundo no qual “Cada criatura reconhecerá que Tu a criaste, e cada alma declarará: ‘D’us, o D’us de Israel, é Rei, e Seu reinado é supremo sobre tudo’” (Preces de Rosh Hashaná).

Não pela força ou pelo poder, mas com espírito

Foi dada ao povo judeu a diretriz: “Não pela força ou pelo poder, mas pelo Meu espírito, diz D’us.” Aptidões Divinas especiais foram concedidas ao povo judeu e a cada comunidade judaica (até mesmo para o judeu como indivíduo), para que possam cumprir sua tarefa da forma a mais completa possível. Pois, quando se trata de judeus, os poderes físicos estão conectados e subordinados aos seus poderes especiais, que são infinitos.

Um exemplo histórico disso é encontrado no tempo do Rei Shelomô, quando o povo judeu destacou-se entre as nações do mundo por ter atingido o mais alto grau de sua perfeição. Nossos Sábios, referindo-se a esse estado, descrevem-no como “a lua em sua plenitude”, pois, como é sabido, o povo judeu é comparado à lua, e ele “conta” seu tempo (meses do calendário) pela lua. Uma das explicações para isso é que, assim como a lua passa por mudanças periódicas em sua aparência, de acordo com sua posição em relação ao sol, cuja luz ela reflete, também o povo judeu passa por mudanças segundo a medida da luz de D’us que reflete, pois está escrito: “Pois D’us *Elokim* é sol e escudo.”

Esta perfeição, no tempo do Rei Shelomô (sem considerar o fato de que, mesmo então, os judeus constituíam numérica e fisicamente “a menor de todas as nações”), expressou-se de maneira bem distinta nas relações entre o povo judeu e outras nações do mundo.

A reputação da sabedoria do Rei Shelomô despertou um forte desejo, em reis e líderes, de ir a ele, observar sua conduta e aprender de sua sabedoria – a mesma sabedoria pela qual ele rezara e que recebera de D’us – permeada de santidade.

Viram também como, sob a sua liderança, o povo vivia, mesmo do ponto de vista material, “com segurança, todo homem em sua vinha e sob sua figueira”, numa terra onde “os olhos de D’us, teu D’us, estão constantemente sobre ela, do início ao final do ano.” E foi isso que trouxe a paz entre os judeus e todas as outras nações.

Deste modo, fica claramente demonstrado que ao viver segundo a Torá, os judeus alcançam a verdadeira paz, e servem como uma luz que norteia as nações – “as nações seguirão pela tua luz” – a luz da Torá e das *mitsvot*.

A missão do judeu e da comunidade judaica não se limita ao tempo em que estejam na condição de “lua cheia”, mas também quando se encontram no exílio, “espalhados e dispersos entre as nações”.

Pois mesmo então constituem um só povo, cujas leis diferem das leis de todas as outras nações do mundo, fato este conhecido e reconhecido por todas elas.



4

Por que a Vida é Tão Difícil?

O Judaísmo nos ensina que D'us é Mestre do Universo, cujo poder onipotente não é limitado pelo tempo ou pelo espaço. Ademais, D'us é a fonte da bondade e deseja que Suas criaturas humanas vivam uma vida baseada na justiça e na moralidade e, no que tange aos judeus, uma vida de acordo com a Torá e as *mitsvot*.

Por que, então, esta vida é geralmente repleta de dificuldades, às vezes até de obstáculos aparentemente intransponíveis?

Esta questão não é suscitada apenas por céticos, mas inclusive por aqueles que acreditam na Providência Divina. Na verdade, quanto mais profunda a crença na benevolência de D'us, maior a dificuldade para entender esta anomalia.

Considere o seguinte:

O indivíduo deveria empenhar-se para ter uma vida na qual pudesse desfrutar do máximo prazer com o mínimo esforço, ou deveria preferir uma vida de labuta e máxima realização, uma vida com muita ação e conquista?

É desnecessário dizer que esta não é uma questão

abstrata pois, ao resolvê-la, é lançado o alicerce para o conceito do padrão de vida do indivíduo, de como ele reagirá ao que lhe acontece pessoalmente, bem como ao seu redor, inclusive no que diz respeito a assuntos que não estejam diretamente relacionados a ele, e com certeza a questões que afetam diretamente a sua vida.

Com base na nossa fé e na nossa Torá, estamos comprometidos com o princípio de que o Criador e Mestre do mundo – inclusive do “pequeno mundo”, o homem – é a essência da bondade, e de que é da “natureza do Bem fazer o bem”.

À primeira vista, seria pois razoável supor que a perfeição mais elevada pode ser encontrada numa situação na qual o máximo prazer – o verdadeiro prazer – pode ser obtido sem dificuldade ou trabalho, pois num estado assim a “natureza do Bem de fazer o bem” seria percebida na sua mais ampla dimensão.

A Torá, entretanto, que é chamada *Torá Or* (“Torá de Luz”), revelando as coisas em sua verdadeira essência), declara: “O homem nasceu para trabalhar”. Antes mesmo de sua queda, Adam foi colocado no Jardim do Éden com a incumbência “de cultivá-lo e guardá-lo”; somente mais tarde D’us disse-lhe “de todas as árvores do jardim podes comer.”

D’us indubitavelmente poderia ter estabelecido uma ordem no mundo na qual a moralidade e a ética reinariam supremas, com pouco ou nenhum esforço por parte do homem. A explicação para Ele não tê-lo

feito, e que soluciona esta aparente contradição, é apresentada na Torá.

D'us deseja que o homem desfrute do bem em sua perfeição, embora a natureza humana seja tal que um indivíduo deriva prazer somente na medida em que for parceiro na conquista, mediante seu próprio esforço e trabalho; no entanto, se recebe aquilo gratuitamente, considera-o degradante, como se estivesse recebendo caridade (o pão da vergonha). Exatamente por esta razão o bem, em sua perfeição, é apreciado quando adquirido por meio de trabalho duro, e quanto maior o esforço, mais doce o fruto da realização.

Sabendo que há uma ordem Divina para seguir um determinado caminho na vida, a pessoa está decidida a cumprir sua missão Divina, não importa quais sejam as dificuldades. De fato, ela pode considerar os próprios obstáculos encontrados como desafios a serem enfrentados sem temor, e superados. Eles não a desencorajam, ao contrário, podem reforçar sua determinação e estimular seu esforço ao máximo.

Tudo isso é associado a um sentimento de satisfação, comparável apenas à quantidade de esforço exercido na luta, que torna os frutos da vitória tão mais agradáveis.

Você pode fazê-lo

É evidente que o Criador, que conhece o mundo e suas criaturas, não daria uma ordem ou um comando que

fosse difícil demais para ser cumprido. Se Ele deu mandamentos específicos para que cada judeu os cumpra, em suas próprias circunstâncias singulares, certamente nos deu primeiro a capacidade para fazê-lo.

Alguns judeus nascem com maiores aptidões naturais, outros com menores, e por esta razão, os desafios e testes que D'us apresenta a cada um são proporcionais à sua capacidade e força. Como dizem nossos Sábios, “D'us não lida despótica ou arbitrariamente com as Suas criaturas”, e não espera o impossível. Se uma pessoa se vê confrontada por grandes testes, isso por si só serve como prova de sua capacidade e força para superá-los. Nada se coloca no caminho da vontade e, com o empenho adequado, é possível enfrentar todas as dificuldades.

Os Amalequitas

Quando os israelitas marcharam triunfantes em sua saída do Egito, a caminho do Sinai, pareciam invencíveis, uma nação rodeada de milagres; em uma palavra, intocáveis. Ainda assim, descaradamente, os amalequitas os atacaram, ato este que somos ordenados a relembrar.

Amalek, no sentido mais amplo da palavra, representa todos os obstáculos e percalços que um judeu encontra no seu caminho para receber e observar a Torá e as *mitsvot* com entusiasmo e alegria na vida diária. Amalek simboliza apatia, indiferença e depressão. A

ordem de jamais esquecer Amalek nos recorda que existem amalequitas em toda geração e em todo tempo e época, e que não podemos permitir que eles nos detenham, ou nos desencorajem, onde quer que surjam.

Cada judeu recebeu os poderes necessários para superar todos estes “amalequitas”, e espera-se que ele os use para demonstrar a si mesmo e aos outros que nada o impedirá, nem tampouco diminuirá o seu fervor, de observar a Torá e as *mitsvot* segundo a Vontade de D’us. Tão logo ele reconheça que qualquer dificuldade com a qual se depare é, na realidade, um teste de sua fé em D’us, e resolva firmemente enfrentar o desafio, verá que nenhum tipo de Amalek é páreo para os poderes Divinos da alma judaica. De fato, longe de serem obstáculos insuperáveis, eles se transformam em meios de auxílio e catalisadores para realizações ainda mais notáveis. Eles foram vitais para mobilizar aqueles poderes interiores que, de outra forma, permaneceriam adormecidos.

Elas são nossa vida

Isso leva a um discernimento ainda mais profundo.

A forma perfeita e verdadeira de realizar a Vontade de D’us, incorporada na Torá e nas *mitsvot*, não se expressa pelo desejo estimulado de cumprir uma obrigação para com D’us e o nosso semelhante. Tampouco é a sensação agradável de ter contribuído para o mundo em geral. Pois enquanto a obediência do judeu

à vontade de D’us for externamente motivada – por mais louvável que seja a motivação em si – ela ainda não é completa. O perfeito cumprimento da Torá e das *mitsvot* é alcançado quando for parte integral da vida do indivíduo, a ponto de ser totalmente identificado com ele. Ou seja, quando a Torá e as *mitsvot* permeiam a própria essência do indivíduo, tornando-se inseparáveis dele no dia a dia.

Este é o significado mais profundo das palavras que recitamos diariamente em nossa prece: “Pois elas (a Torá e as *mitsvot*) são nossa vida” – significando que, assim como a pessoa e sua vida são um só, que a transformam num ser vivente, do mesmo modo a Torá, as *mitsvot* e o judeu, são um e inseparáveis. Esta identificação tão real não pode ser sentida se obtida com pouco esforço. Ela se torna parte integral da vida somente quando implica um esforço extraordinário, a ponto de expor a risco a própria vida para obtê-la e mantê-la. Somente algo considerado indispensável e intrínseco à própria vida pode evocar os poderes mais recônditos do indivíduo, e até mesmo o autossacrifício.

O supremo propósito da *Galut*

O exposto acima fornece também uma percepção do significado da *galut* (o exílio e dispersão entre as nações do mundo), que está na base da maioria, se não de todos, os obstáculos e dificuldades com os quais o judeu se defronta em seu desejo de viver um estilo de

vida dado por D’us.

Certamente reconhecemos a *galut* como um castigo e uma correção pelo fracasso em cumprir nossas obrigações no passado como, de fato, reconhecemos em nossas preces: “Por nossos pecados fomos banidos de nossa terra.” Porém a punição, segundo nossa Torá, que também é chamada *Torat Chessed* (uma Torá de benevolência), deve também ser essencialmente *chesed*.

D’us ordenou que um determinado grupo de pessoas, o povo judeu, cumprisse a difícil e desafiadora tarefa de divulgar, em todos os lugares, até nos cantos mais remotos do mundo, a Unicidade de D’us – o verdadeiro monoteísmo – vivendo e espalhando a luz da Torá e das *mitsvot*. Esta é uma incumbência que nenhum outro povo estava disposto a aceitar, ou era capaz de realizar. A maior recompensa é o próprio cumprimento deste objetivo ou, como dizem nossos Sábios: “A recompensa por uma *mitsvá* é a própria *mitsvá*.” Assim, o propósito último da *galut* está associado ao nosso objetivo de ajudar a humanidade a chegar ao reconhecimento universal de D’us.

Um chamado à nossa geração

Pavimentar o caminho para a conquista gradual deste objetivo sempre foi a obra indômita de determinados indivíduos e grupos conscientes de sua responsabilidade. Eles se dedicaram à necessidade vital de fortalecer

e divulgar a Torá e as *mitsvot* entre todos os segmentos de nosso povo.

Nas gerações recentes, mais do que antes, a ênfase principal tem sido a necessidade de levar o conhecimento e a prática da Torá e das *mitsvot* para todos os judeus, no maior número de locais – sem esperar que eles os procurem – na esperança de que, cedo ou tarde, percebam esta necessidade por si mesmos. A maneira mais eficaz de conseguir isto é, obviamente, por meio da educação dos jovens fundamentada na Torá – que é a única educação verdadeira – jovens tanto na acepção de idade, como de conhecimento.

O padrão foi estabelecido pelos fundadores da Chassidut e da Chassidut Chabad, que exemplificaram esta abordagem com dedicação e altruísmo. Antes de revelar a si mesmo e ao seu estilo de vida, o Báal Shem Tov foi um *melamed* – um professor de crianças judias pequenas. Similarmente, Rabi Shneur Zalman, o Alter Rebe, fundador do Chabad, que foi discípulo do discípulo do Báal Shem Tov, começou sua obra fundando os três conhecidos *chadarim* (instituições de educação superior). Esta trilha foi igualmente percorrida por seus sucessores, os líderes do Chabad, cada qual em sua geração.

Eles personificaram um espírito indomável e um desdém por quaisquer dificuldades e obstáculos em sua obra, deixando evidente para todos que aquilo não passava de um mero desafio a ser superado. Ao enfrentar

e vencer todos os obstáculos, confirmaram a verdade dos dogmas básicos de nossa fé, ou seja, de que a Providência Divina se estende a cada um individualmente, e “Aquele que está determinado a purificar a si e aos outros, recebe ajuda das Alturas.”

É fato comprovado pela experiência comum que quando existe uma vontade firme e uma determinação inabalável, fica logo aparente que as dificuldades são, em grande parte, imaginárias e, mesmo quando reais, não são insuperáveis. As forças do bem são cumulativas e autogeradas, como indicaram nossos sábios em seu conhecido ditado: “Uma *mitsvá* desencadeia outra *mitsvá*.” Se o mal pode ser contagioso, o bem certamente o é muito mais, e vários dos que ficam à margem estão motivados e dispostos a engajar-se e a unir-se nesta ação positiva e construtiva, desde que lhes seja dado o exemplo e mostrado o caminho.

O desafio de nosso tempo é divulgar o conhecimento da Torá e das *mitsvot*, particularmente por meio da educação dos nossos jovens, até que cada judeu atinja o nível de “Conhecer o D’us de teu pai e servi-Lo com o coração perfeito”, cumprindo assim a profecia: “Eles todos Me conhecerão, pequenos e grandes, e a terra estará repleta do conhecimento de D’us, como as águas cobrem o mar.”



5

Qual o Segredo da Sobrevivência Judaica?

A história de Purim, relatada no Livro de Ester, apresenta uma análise clara do “problema judaico”.

Tendo sido dispersos por 127 províncias, sua própria terra ainda em ruínas, os judeus sem dúvida diferiam uns dos outros em costumes, vestuário e idioma, segundo o lugar de sua dispersão, do mesmo modo que os judeus de vários países diferem atualmente. Porém, embora houvesse judeus que ocultassem seu Judaísmo, Haman, o inimigo dos judeus, reconheceu suas qualidades e características essenciais, que faziam deles, com ou sem o seu consentimento, um só povo, ou seja, “suas leis são diferentes das leis de todos os povos.”(Ester 3:8)

Por conseguinte, no seu desejo perverso de aniquilar os judeus, Haman procura destruir “todos os judeus, jovens e velhos, crianças e mulheres”. Embora naqueles dias também houvesse judeus observantes da Torá e das *mitsvot*, judeus cujos laços religiosos com seu povo eram frágeis, e judeus que procuravam assimilar-se, nenhum podia escapar da classificação de pertencer àquele “povo à parte”, e cada um deles foi incluído no

cruel decreto de Haman.

Em todos os tempos sempre houve Hamans, porém sobrevivemos a eles, graças a D'us. Qual o segredo da nossa sobrevivência?

A resposta ficará evidente pela seguinte ilustração:

Quando um cientista procura determinar as leis que governam um certo fenômeno, ou descobrir as propriedades essenciais de um determinado elemento da natureza, deve realizar uma série de experimentos sob as mais variadas condições, no intuito de descobrir as propriedades ou leis que são semelhantes em todas elas. Nenhuma lei científica verdadeira pode ser deduzida a partir de um número mínimo de experimentos, ou de experimentos sob condições semelhantes ou ligeiramente distintas, caso contrário os resultados pertinentes ao que é essencial, ao que é secundário ou ao que não é importante seriam inconclusivos.

O mesmo princípio deveria ser aplicado ao nosso povo. É um dos mais antigos do mundo, cuja história nacional teve início com a Revelação no Monte Sinai, há cerca de 3.300 anos. No decorrer destes séculos, nosso povo viveu sob as mais variadas condições, em tempos e locais diferentes no mundo inteiro. Se quisermos descobrir os elementos essenciais que constituem a causa e a base em si da existência de nosso povo e de sua força singular, devemos concluir que não se trata de características físicas ou mentais peculiares ou intrínsecas, idioma, costumes (num sentido amplo) ou

sequer de sua pureza racial (pois houve épocas nos primórdios da história de nosso povo, bem como durante a Idade Média e até mesmo em tempos recentes, em que tribos e grupos étnicos inteiros tornaram-se prosélitos e parte de nosso povo).

Os únicos elos que unem nosso povo disperso no decorrer de todos os exílios, independentemente de época, são a Torá e as *mitsvot*, o estilo de vida judaico que permaneceu basicamente inalterado em todos os tempos e lugares. A conclusão é clara e inquestionável: a Torá e as *mitsvot* tornaram nosso povo indestrutível face aos massacres e *pogroms* que visavam à nossa aniquilação física, e face aos ataques ideológicos de culturas estrangeiras cujo intuito era nossa destruição espiritual.

Purim nos ensina uma lição milenar que, para nossa tristeza, testemunhamos também mais recentemente, ou seja, de que nenhuma forma de assimilação, nem mesmo quando se estende por diversas gerações, proporciona um meio de fuga dos Hamans e Hitlers; nenhum judeu tampouco pode cortar os laços com seu povo, tentando este tipo de fuga.

Ao contrário, nossa salvação e nossa existência dependem exatamente do fato de que “suas leis são diferentes das leis de todos os povos.”

Purim nos relembra que a força de nosso povo como um todo, e de cada judeu ou judia individualmente, reside no forte apego ao nosso legado espiritual,

que contém o segredo da vida harmoniosa sendo, portanto, saudável e feliz. Todas as outras coisas em nossa vida temporal e espiritual devem estar livres de qualquer contradição à base e à essência do nosso existir, e devem estar sintonizadas de modo a produzir a mais perfeita harmonia, e a aumentar nossa força física e espiritual, que caminham *pari passu* na vida judaica.

Assimilação não é a resposta

No organismo humano existem funções comuns das quais todos os órgãos participam num esforço conjunto; há também funções específicas, pertinentes a determinados órgãos. Neste caso, cada órgão deve fazer um esforço especial para desempenhar sua função particular, ao passo que as funções comuns são executadas com maior facilidade.

O que aconteceria se um determinado órgão abrisse mão de sua individualidade e função específica, aplicando sua energia apenas nas funções comuns?

À primeira vista, poderia beneficiar-se pelo fato de economizar esforço e aumentar sua participação na realização das funções corporais. Contudo, desnecessário dizer, os resultados seriam desastrosos, tanto para o órgão em si quanto para o organismo como um todo, pois o órgão individual perderia sua identidade e essência, que se baseiam precisamente na sua capacidade de desempenhar uma função específica. A falha em exercer esta função levaria à atrofia do órgão e, por fim, à

sua completa inutilidade na execução das funções comuns. No que concerne ao organismo como um todo, ser privado daquela função específica e da consequente perda do órgão, seria prejudicial para o corpo inteiro, e até mesmo fatal, se o órgão em questão fosse vital.

Esta analogia pode realmente ser aplicada no contexto do indivíduo na sociedade, de uma minoria dentro de um país, e de uma nação na comunidade das nações. Com certeza é verdadeira no nosso caso, tanto em nível nacional enquanto povo, como no que se refere a cada judeu, individualmente.

O povo judeu, sobre quem há muito tempo afirmou-se “sois o menos numeroso de todos os povos”, é uma pequena minoria entre as nações do mundo e cada judeu individual, uma minoria no seu ambiente. Infelizmente, mesmo em lugares nos quais vive em meio a seu próprio povo, o judeu que vive judaicamente, i.e., segundo nossa sagrada Torá e a observância de seus preceitos na vida diária, está em minoria.

Qual é a função específica do nosso povo e de cada judeu como indivíduo?

Naturalmente, é mais fácil determinar a função individual de qualquer órgão do corpo humano do que a função de um povo na comunidade das nações. Entretanto, no caso do povo judeu, que é singular em suas experiências extremamente diversificadas e em sua longa história, a resposta não é difícil de encontrar. Por simples eliminação, podemos averiguar com facilidade

dade que fatores foram essenciais para a sua existência e sobrevivência e, deste modo, determinar a função e o caráter essenciais de nosso povo.

Uma pesquisa objetiva e não preconceituosa da longa história do povo judeu revelará de pronto o fato de que não foi a riqueza material, nem tampouco a força física, que nos ajudou a sobreviver. Mesmo nas épocas mais prósperas, durante a monarquia unificada do Rei Shelomô, o povo judeu era materialmente insignificante em comparação a impérios contemporâneos como o Egito, a Assíria e a Babilônia. É evidente que isso não pode ser atribuído à existência de um Estado ou de uma pátria já que, na maior parte do tempo, nosso povo não possuía um Estado independente e viveu na Diáspora. Nossa sobrevivência não se deve ao idioma, uma vez mesmo nos tempos bíblicos, o aramaico começou a tomar o lugar do Idioma Sagrado como língua falada; partes da Escritura e quase todo o nosso Talmud Babilônico, o *Zohar*, e outras obras, foram escritas naquela língua. Nos dias de Saádia e Maimônides, o árabe era o idioma falado por quase todos os judeus, sendo substituído posteriormente pelo *yidish* e outras línguas. Também não foi uma cultura secular comum que preservou o nosso povo, pois era algo que mudava radicalmente de uma época para outra.

O único fator comum que esteve presente com os judeus no decorrer dos tempos, em todos os países e sob todas as circunstâncias, foi a Torá e suas *mitsvot*, que os

judeus cumpriam com tenacidade no seu dia a dia.

Surgiram ocasionalmente grupos dissidentes que tentaram romper com o verdadeiro Judaísmo, tais como os movimentos idólatras durante o período do Primeiro Templo, os helenistas durante o Segundo, os assimilacionistas na época de Alexandre, os caraítas, e outros, mas todos desapareceram. Estes grupos dissidentes desenraizaram-se do seu solo natural e, longe de serem construtivos, transformaram-se nos piores inimigos do povo judeu e, por conseguinte, nos seus perseguidores.

Consideradas sem preconceito, a Torá e as *mitsvot* devem ser reconhecidas como o propósito essencial e a função vital de nosso povo, quer seja para o judeu individual, quer seja em relação ao papel do povo judeu no contexto da humanidade como um todo.

Segue-se a conclusão lógica de que a política de imitar outras nações, longe de ajudar a preservar o povo judeu, coloca em risco a sua própria existência, e em vez de cair nas graças de outras nações, apenas intensifica seu antagonismo. Similarmente, aqueles judeus que procuram agradar a grupos não-religiosos, fazendo concessões e transigências em questões pertinentes à Torá e às *mitsvot*, solapam sua própria existência e a do nosso povo como um todo – pois a Torá e as *mitsvot* são nossa própria vida – e acabam pondo a perder seu objetivo principal, pois este tipo de atitude evoca simplesmente desprezo e zombaria. Justificada-

mente, pois uma pequena concessão hoje leva a uma maior amanhã, e uma evasão do dever para com D'us leva a uma evasão do dever para com o ser humano, e quem poderá dizer até onde irá esta queda?

Uma séria introspecção revelará que o fator essencial da nossa existência e sobrevivência é o apego à Torá e à prática de seus preceitos. Que ninguém se iluda escolhendo a saída mais fácil, nem seja subornado por quaisquer vantagens temporárias e ganhos ilusórios.

O segredo da nossa existência está no fato de sermos “um povo que habita só” (Bamidbar 23:9), cada um de nós, quer seja homem quer seja mulher, acreditando no Único D'us e vivendo segundo a Torá, que é eterna e imutável. Nossa “diversidade” e independência de pensamento e conduta não constituem a nossa fraqueza, e sim nossa força. Somente dessa forma poderemos cumprir a missão que nos foi imposta pelo Criador, de sermos para D'us “um reino de sacerdotes e uma nação sagrada” e, por conseguinte, também uma *segulá* (tesouro de D'us) para toda a humanidade.

O quinto filho

A Festa de *Pêssach* tem início com o tema central “Quando teu filho te perguntar”, e a *Hagadá* baseia-se no mandamento da Torá “Então dirás ao teu filho.”

Há várias maneiras de fazer perguntas e formular respostas, dependendo se o filho pertence à categoria

de “Sábio”, “Perverso”, “Simples” ou “Aquele que não sabe como perguntar”.

Embora os “Quatro Filhos” difiram um do outro no que diz respeito à sua reação ao serviço do *Sêder*, eles têm algo em comum: todos estão presentes. Até mesmo o filho denominado “Perverso” está ali, demonstrando interesse ativo, se bem que rebelde, pelo que ocorre na vida judaica ao seu redor. Isso, pelo menos, justifica a esperança de que algum dia mesmo o “Filho Perverso” se torne sábio, e que todas as crianças que participam do *Sêder* se transformem em judeus conscientes da Torá e cumpridores das *mitsvot*.

Infelizmente, em nossa época de caos e obscuridade, há um outro tipo de filho judeu: aquele cuja ausência no serviço do *Sêder* é conspícua; que não tem nenhum interesse pela Torá e pelas *mitsvot*, leis e costumes; que nem sequer está cômico do *Sêder* de *Pêssach*, e desconhece o Êxodo do Egito e a subsequente Revelação no Sinai.

Isso constitui um grave desafio que deveria chamar nossa atenção muito antes de *Pêssach* e da noite do *Sêder*, pois nenhuma criança judia deveria ser esquecida e deixada de lado. Temos que empenhar todos os esforços para salvar aquele filho “perdido” e levá-lo à mesa do *Sêder*. Se estivermos decididos a fazê-lo, e impulsionados por um profundo senso de compaixão e responsabilidade, não teremos medo de falhar.

A fim de remediar uma situação indesejável de

qualquer tipo, é necessário atacar as raízes do mal. O mesmo se aplica a este caso.

A triste verdade é que a culpa pela “geração perdida” recai sobre os ombros dos pais de uma geração anterior de imigrantes.

Foi resultado de uma psicologia errônea e de uma política equivocada, por parte de alguns imigrantes que chegaram a um ambiente novo e distinto. Vendo-se como uma pequena minoria e deparando-se com certas dificuldades que, via de regra, são inevitáveis em casos de reassentamento, alguns pais tiveram a noção errada, transmitida aos seus filhos, de que a forma de superar aquelas dificuldades seria assimilando-se rapidamente no novo ambiente, descartando o legado de seus ancestrais e abandonando o estilo de vida judaico. Achando o processo resultante um tanto desagradável, como de fato ele é, e cheio de conflito espiritual, alguns pais decidiram que seus filhos seriam totalmente poupados disso. Para justificar sua deserção e aplacar sua consciência ferida, era preciso que inventassem um argumento lógico, e enganaram a si mesmos e aos seus filhos, alegando que a observância da Torá e das *mitsvot* não era adequada ao seu novo ambiente. Procuraram, e portanto “encontraram”, falhas no verdadeiro estilo de vida judaico ao passo que, no seu novo entorno não-judaico, tudo lhes parecia bom e atraente.

Com essa atitude, estes pais esperavam assegurar a vida e a sobrevivência dos filhos num novo ambiente.

Mas que tipo de existência é essa, se tudo o que havia de espiritual e sagrado foi trocado por coisas materiais? Que tipo de sobrevivência é esta se significa o sacrifício da alma pelas amenidades do corpo?

De mais a mais, ao se afastarem do *Yidishkeit*, transformaram o que pensavam ser uma “fuga para a liberdade” numa fuga para a servidão, tentando pateticamente imitar o ambiente não-judaico, deixando de perceber que esta imitação, baseada na caricatura e num complexo de inferioridade, poderia apenas atrair desprezo e zombaria, ofendendo a sensibilidade daqueles cujo respeito e aceitação tentavam desesperadamente conquistar.

A mesma abordagem falsa do problema da minoria, segundo a qual uma minoria desorientada procura garantir sua existência por meio da autodissolução (que essencialmente significa suicídio ou, de todo modo, enfraquecimento) tem dominado não só indivíduos mas, para nosso pesar, tornou-se o credo de alguns grupos que se uniram por uma série de circunstâncias. Isso fez com que surgissem certos movimentos dissidentes no cenário judaico que, abertamente ou de forma velada, procuraram minar a Divina Torá, que concede ao nosso povo seu caráter distinto e singular entre as nações do mundo. Na verdade, tais movimentos, não obstante o fato de diferirem entre si, possuem uma ideologia subjacente comum, especificamente: “Seremos como as nações, como os povos de outras terras, servindo à

madeira e à pedra” (Yechezkel 20:32).

A sombria consequência desta abordagem totalmente falsa foi que milhares e milhares de judeus foram afastados da sua fonte vital, de seus irmãos judeus e da sua verdadeira fé. Privados de vida e conteúdo espirituais, criaram filhos que não mais se enquadram nas categorias dos “Quatro Filhos” da *Hagadá*, nem sequer à do “Filho Perverso”.

Atualmente, muitos judeus constituem a terceira ou quarta geração de imigrantes e, do ponto de vista halá-chico, inserem-se na categoria de um *tinok shenishbá* (um filho raptado na tenra idade), o que significa que não teve a oportunidade de receber uma verdadeira educação judaica. Por meio da assimilação e dos casamentos mistos, correm o grande perigo de perder sua identidade judaica. O que pode ser feito?

O caminho à frente

O Êxodo do Egito e a Festa de *Pêssach* são lembretes oportunos, entre outras coisas, de que a esperança de sobrevivência, salvação e liberdade não está na tentativa de imitar o ambiente, mas reside numa inabalável lealdade a nossas tradições e ao verdadeiro estilo de vida judaico.

Nossos ancestrais no Egito foram uma pequena minoria e viveram nas mais difíceis circunstâncias. No entanto, como relatam nossos Sábios, preservaram sua identidade e, com dignidade e orgulho, apegaram-se

com tenacidade ao seu estilo de vida, às suas tradições e à sua singularidade; exatamente dessa maneira sua existência foi assegurada, bem como sua libertação da escravidão, física e espiritual.

Uma das tarefas vitais do nosso tempo é empenhar todo o esforço possível para despertar na geração mais jovem e também naqueles que, não obstante sua idade avançada, ainda são imaturos em entendimento, uma completa apreciação dos verdadeiros valores judaicos, um *Yidishkeit* completo e genuíno, fundamentado na Torá; não daquele que aparece sob o falso rótulo de um “Judaísmo” mal representado, diluído e repleto de concessões, qualquer que seja sua marca registrada. Com esta apreciação virá o discernimento de que somente o verdadeiro *Yidishkeit* pode garantir a existência do indivíduo, de cada judeu, a qualquer tempo, em qualquer lugar, e sob qualquer circunstância.

Na vida judaica não há espaço para a desesperança, e nenhum judeu jamais deve ser considerado como uma causa perdida. Por meio de uma abordagem compassiva, de amor ao semelhante judeu, inclusive os membros da geração perdida podem ser trazidos de volta ao amor a D’us (*Ahavat HaShem*) e ao amor à Torá (*Ahavat HaTorá*), e serem incluídos não apenas na comunidade dos “Quatro Filhos” mas, no devido tempo, elevados à categoria do “Filho Sábio”.



6

É Possível Ser um Bom Judeu Sem Ser Religioso?

Muitas pessoas sentem que a vida de acordo com a Torá e as *mitsvot* é restritiva, limitando a criatividade pessoal do indivíduo, principalmente no que diz respeito à auto-reflexão e à auto-escolha. É difícil conciliar este comprometimento com a ideia de liberdade pessoal. Além disso, é necessário ter os grilhões da observância religiosa para ser um bom judeu ou, na verdade, uma boa pessoa? Há milhares de judeus que são seres humanos bons, decentes e éticos, porém não-observantes. Praticam atos de bondade dentro e fora das comunidades judaicas. Levam vidas ativas e muitos servem de exemplo no mundo científico, artístico e comercial, porém não guardam o *Shabat*, não colocam *tefilin* etc. O que há de errado em ser um bom judeu, ainda que não observante?

A boa vida

Todos queremos ter uma vida boa. A maioria de nós pensa que isso significa ter o melhor do que a vida tem a oferecer: uma família boa e compreensiva, bons pais, um bom cônjuge, bons filhos e netos. Uma boa renda e uma boa casa. Um bom ambiente e comunidade, bons

amigos e – o mais importante – diversão. A soma de todas as coisas boas equivale a uma boa vida. Uma pessoa que recém começa a sua vida defronta-se com a intrigante pergunta de como alcançar este tipo de vida.

E que grande charada é esta. Quando olhamos ao nosso redor, vemos que a vida está longe de ser perfeita, e é repleta de armadilhas. No mundo atual, que se move tão rápido, cada vez mais crianças nascem em lares desfeitos, mais e mais casais se separam, e mais pessoas sofrem de depressão e de baixa auto-estima. Mais pessoas descobrem que a riqueza material não garante o caminho para a felicidade. Mais e mais pessoas tomam pílulas, drogas e tranquilizantes. Na verdade, é preciso tirar a sorte grande para que todos os fatores estejam em seu devido lugar, a fim de viver uma boa vida. No fim, a grande maioria se acomoda na mediocridade, reconhecendo que não se pode ter tudo na vida, uma conclusão de certa forma sensata, se bem que pragmática. Qual é, então, o segredo da boa vida?

D'us é Bom

D'us, Criador do homem, e também Criador e Mestre do universo, certamente possui as melhores qualificações que se poderia esperar de uma autoridade, para saber o que é bom para o homem e para o mundo em que ele vive. D'us não ocultou este conhecimento de nós. D'us é bom, e faz parte da natureza do bem ser bom. Em Sua infinita bondade, Ele nos comunicou

que se alguém conduzir sua vida de uma determinada maneira, terá uma alma sadia num corpo são, e isso será bom para ele neste mundo e no Mundo Vindouro. Faz parte do bom senso que, para ter uma boa vida, é preciso seguir as diretrizes do Criador do ser humano, ainda que haja aspectos nestas diretrizes que, superficialmente, possam parecer restritivos.

Pode-se fazer uma analogia com um carro. Antes de utilizá-lo pela primeira vez, é aconselhável consultar o manual a fim de obter os melhores níveis de desempenho. Quem quer que ignore as instruções, poderá causar dano ao veículo e, em alguns casos, a si próprio enquanto motorista.

Na verdade, existem muitas coisas na vida diária que uma pessoa aceita e obedece sem questionar, mesmo que seja um intelectual extremamente talentoso e curioso. Por exemplo, a pessoa embarca num avião sem que tenha pesquisado antes a aerodinâmica, para certificar-se de que ele é seguro e que o levará ao seu destino na hora programada.

Outro exemplo pode ser extraído da área da saúde física: há medicamentos que são conhecidos como sendo úteis ou prejudiciais à saúde, e ninguém irá verificar a utilidade ou a nocividade destes medicamentos, testando-os pessoalmente. Mesmo que a pessoa tenha uma forte propensão para a pesquisa, certamente escolherá aquelas áreas que ainda não foram investigadas.

Esta atitude geralmente aceita é compreensível e

lógica. Pois, como os especialistas pesquisaram amplamente tais áreas e determinaram o que é bom e o que é prejudicial para a saúde física, ou estabeleceram os métodos que fomentam um maior avanço tecnológico, seria uma perda de tempo repetir tais experiências desde o início. De mais a mais, não há certeza de que algum erro não possa, eventualmente, levar a conclusões equivocadas, com possíveis efeitos desastrosos.

O que foi dito sobre a saúde física aplica-se igualmente à saúde espiritual, e aos meios pelos quais a alma pode atingir a perfeição e a plenitude. Ainda mais, uma vez que a saúde espiritual está, via de regra, relacionada à saúde física, particularmente no que diz respeito ao judeu.

É certo que se um ser humano vivesse tempo suficiente, e tivesse a necessária capacidade para fazer todos os tipos de experimentos sem distração, interferência ou erro, sem dúvida chegaria às mesmas conclusões que já encontramos na Torá, ou seja, a necessidade de guardar o *Shabat*, observar os princípios da *Cashrut*, e outros. A razão disso é que a Torá é a verdade e o supremo bem para o ser humano.

D'us, no entanto, em Sua infinita bondade, quis nos poupar do problema, bem como da possibilidade de erro, e nos deu os resultados de antemão, para o benefício de ambos, os que têm a propensão e a capacidade para pesquisas e também para aqueles que não a têm. D'us definitivamente deixou áreas nas quais o indiví-

duo pode fazer seus próprios experimentos, e que não interferem com as regras por Ele estabelecidas.

Formuladas de modo simples, as diretrizes da Torá não constituem um conjunto de normas fornecidas para impedir ou restringir a liberdade humana. Ao contrário, são o caminho que conduz a uma boa vida.

Vejamos alguns exemplos.

Uma pessoa que trabalha sete dias por semana não tem tempo para recarregar suas baterias espirituais. Até mesmo um limitado tempo de lazer é, com frequência, dedicado à manutenção da forma física em academias ou quadras esportivas, enquanto a alma, infelizmente, é negligenciada. Para a maioria das pessoas, as severas restrições do *Shabat* parecem limitadoras. Na verdade, elas criam uma atmosfera e um ambiente que permitem – em alguns casos, forçam gentilmente – que a pessoa se depare com um conjunto totalmente diferente de circunstâncias, que amplia seu crescimento espiritual familiar e pessoal.

Conta-se uma história sobre um pássaro durante os dias da Criação. Esta ave específica foi criada sem asas, e quando olhou em torno e viu os outros pássaros voando nos céus, implorou ao Criador que lhe permitisse voar. Naquela noite, enquanto o pássaro dormia, D’us deu-lhe asas. Quando o pássaro acordou e viu dois novos apêndices em seu corpo, disse: “D’us, pedi que me fizesses voar, não que me fizesses mais pesado.” D’us respondeu: “Passarinho, apenas bate as asas

e verás que podes voar.” As restrições muitas vezes parecem uma bagagem extra, mas quando as utilizamos, permitem-nos voar e atingir novas alturas.

Os rabinos nos dizem que “não há homem livre, exceto aquele que se engaja no estudo da Torá.” Isso significa simplesmente que a Torá liberta a pessoa das restrições pessoais. Superficialmente, isso parece surpreendente, pois a Torá impõe muitas restrições sobre o indivíduo. A resposta é que, em cada geração e época, há uma forma de cativo, um “Egito”. Algumas pessoas são escravas do seu trabalho, outras dos desejos de seu corpo. Algumas idolatram o dinheiro, outras o poder. A Torá é o antídoto que liberta o ser humano da escravidão pessoal. Ela conduz o homem para a posição invejável de poder maximizar a bondade deste mundo, bem como a do próximo.

D’us não é um ogro ou um ditador impiedoso que insiste em que Seus súditos mantenham uma rotina sem sentido. D’us é benevolente, e deseja conceder o bem à Sua Criação. O maior ato de benevolência Divina foi a outorga de uma Torá viva – um caminho a ser trilhado que nos leva ao maior bem que um ser humano pode atingir, tanto para o corpo como para a alma.

Em resumo, se alguém deseja ter bons relacionamentos com seus pais, cônjuge ou filhos, deve seguir as diretrizes da Torá. Se deseja ter um corpo saudável, deve seguir as leis da *Cashrut*. Se pretende criar filhos saudáveis, deve manter as leis de *Taharat Hamishpachá* (Pureza

Familiar). Se deseja ter mente e coração sadios, deve colocar *tefilin* e estudar Torá. Para criar uma atmosfera saudável em casa, deve criar um lar onde a Torá seja estudada e as *mitsvot* cumpridas. Se quer ter diálogo em família, deve ter uma mesa na sexta-feira à noite, à qual sejam discutidas as palavras de Torá. Se deseja ser protegido, deve ter uma *mezuzá* sobre a porta. Se anseia pela benevolência Divina, deve fazer caridade aos necessitados. Estas são as sendas não apenas para a felicidade no Mundo Vindouro, mas também para uma vida significativa e plena neste mundo.

Ao descrever como um judeu deve aceitar os mandamentos, os rabinos usam com frequência a expressão “aceitação do jugo das *mitsvot*”, o que poderia implicar que elas são uma espécie de fardo. No entanto, o verdadeiro significado desta expressão deve ser entendido no sentido de que a natureza humana torna necessário agir em imperativos. Pois a natureza humana e o *Yetser Hará* (inclinação para o mal) são tais que o indivíduo poderia facilmente sucumbir à tentação. A tentação é doce no início, mas amarga no fim, e a natureza humana pode levar a pessoa a desconsiderar as amargas consequências por causa da gratificação inicial. Vemos, por exemplo, que crianças e, frequentemente, até mesmo os adultos, podem ser advertidos de que o abuso de determinados alimentos é prejudicial à saúde, porém ainda assim rejeitam toda restrição a fim de gratificar seu apetite imediato. De maneira similar, D’us nos deu

o “jugo” da Torá e das *mitsvot*, dizendo-nos que, entendendo-as ou não, qualquer que seja a tentação, deve-se cumprir os mandamentos de D’us sem questioná-los.

A ponte Divina

Há outro ponto, que é a parte mais essencial do conceito de “jugo” da Torá e das *mitsvot*. Embora a Torá e as *mitsvot* tenham sido dadas para o benefício do homem, há uma qualidade muito maior que D’us concedeu a elas. É a qualidade de unir o homem a D’us – ou seja, a criatura ao Criador – com Quem, de outra forma, ele nada teria em comum. Pois, ao dar ao homem um conjunto de *mitsvot* a ser cumprido na vida diária, D’us possibilitou ao homem apegar-se ao seu Criador, e transcender as limitações de tempo e espaço.

A Torá e as *mitsvot* constituem a ponte que transpõe o abismo que separa o Criador da criatura, permitindo ao ser humano elevar-se e apegar-se à Divindade. A ponte foi projetada por D’us, pois somente Ele pode transpor aquele abismo. É impossível que um ser limitado seja capaz de criar sua própria ponte para o Infinito, pois qualquer ponte que porventura possa construir, por mais espiritual que seja, ainda será limitada segundo os parâmetros da mente criada. Isso explica por que o ser humano não pode criar seu próprio caminho a D’us, independente da Torá e das *mitsvot*.

A Torá é uma revelação das Alturas, “E D’us desceu ao Monte Sinai”. Estendeu-Se até nós e forneceu

um caminho para que cheguemos até Ele.

Obviamente, este relacionamento só pode ser conseguido se a pessoa observar a Torá e as *mitsvot*, não por causa da recompensa ali contida, quer seja para o corpo quer seja para a alma, mas simplesmente porque esta é a vontade e a ordem de D'us. É por este motivo que o texto da bênção recitada antes do cumprimento de uma *mitsvá* não menciona a sua utilidade, mas sim o fato de que D'us nos santificou com Seus mandamentos e nos ordenou.

A própria palavra “*mitsvá*” significa ambos, um mandamento e uma conexão. Os 613 mandamentos são 613 conexões que o ser humano pode estabelecer com D'us. As *mitsvot* abrangem todo o espectro da experiência humana e dão ao homem a oportunidade de sincronizar-se com o Divino, tanto nos assuntos mundanos quanto nos espirituais.

De fato, a essência do Judaísmo é a crença num Criador que leva toda a Criação à existência a partir do nada, num único segundo. Seu propósito é criar um mundo físico no qual o homem fará uma morada para o Divino. Isso se consegue conectando cada aspecto da Criação com o Criador. Em resumo, com o cumprimento das *mitsvot*.

O homem deve ligar-se a D'us até mesmo nas suas atividades mais mundanas. Antes de comer, deve dizer uma bênção, reconhecendo quem é o Criador do alimento. Ao honrar os pais, deve perceber que este é o

quinto mandamento, equivalente a honrar a D'us.

Os rabinos ensinam: “A recompensa por uma *mitsvá* é a própria *mitsvá*.” Alguns comentaristas explicam isso no sentido literal, de que a recompensa por uma *mitsvá* é a oportunidade de cumprir outra. No entanto, à luz do acima mencionado, pode-se explicar que a recompensa de uma *mitsvá* é a própria conexão do indivíduo com o seu Criador enquanto cumpre a *mitsvá*.

Esta conexão é a própria vida. No contexto judaico, a vida pode ser definida como algo eterno, ao passo que a morte é algo que é interrompido. Os rabinos ensinam que os justos, mesmo na morte, permanecem vivos. Os prazeres deste mundo são momentâneos. Podem durar um minuto, uma hora, uma semana, ou até alguns anos, mas depois de algum tempo, terminam. A vida – a verdadeira vida – é eterna. Ao cumprir uma *mitsvá*, a pessoa se conecta a D'us e, portanto, à própria eternidade, permanecendo realmente viva. A ligação dura para sempre, e transpõe o tempo. Os justos estão vivos mesmo depois da morte, porque seu foco neste mundo é sua conexão com D'us, que continua mesmo após a morte.

Isso nos conduz à verdadeira definição de felicidade. A suprema felicidade não pode ser medida por qualquer quantidade de autogratificação, ainda que de natureza espiritual. A verdadeira felicidade pode ser definida como o conhecimento de que, a todo momento, satisfazemos a vontade de D'us. Esta felicidade

é constante e perene. O indivíduo pode servir a D'us com alegria, mesmo quando passa por momentos difíceis. Este apego é, de fato, a verdadeira bondade que o ser humano pode vivenciar, pois é uma experiência do Próprio D'us. De fato, o maior bem que D'us poderia ter nos dado é Ele Próprio.

Para explicar melhor: o mundo é uma Criação de D'us e, como tal, não pode ter um denominador comum com seu Criador. O mundo consiste de uma diversidade de criaturas geralmente classificadas em quatro “reinos”: mineral, vegetal, animal e humano. Se tomarmos a criatura mais elevada do grupo mais elevado dos quatro, i.e., o homem mais inteligente, nada pode haver em comum entre ele – um ser criado e limitado – e D'us – o Infinito Criador.

No entanto, D'us nos ofereceu a possibilidade de nos aproximarmos e nos unirmos a Ele, mostrando-nos o caminho pelo qual um ser finito criado pode ir além de suas limitações inerentes, e unir-se ao Infinito. Obviamente, apenas o Próprio Criador conhece os caminhos e meios que levam a Ele, e somente o Próprio Criador conhece a capacidade de suas criaturas para usar tais meios. Aqui subjaz um dos aspectos mais essenciais da Torá e das *mitsvot*. Embora para muitos a Torá possa ser considerada como um meio para obter recompensa e evitar punição, ou apenas um manual para viver bem, em virtude de ter sido concedida por D'us, ela possui infinitos aspectos, um dos mais importantes é o fato de

ela propiciar os meios pelos quais podemos atingir um plano acima e além do nosso *status* de seres criados. Claramente, este plano está muito além da mais alta perfeição que o ser humano poderia atingir na sua própria esfera – criada, e portanto limitada.

Sob este ponto de vista, não mais parece estranho que a Torá e as *mitsvot* se expressem em aspectos simples e materiais, tais como as Leis Dietéticas. Pois nosso intelecto também é criado e, portanto, limitado ao contexto da Criação, além do qual ele não tem acesso. Consequentemente, não pode conhecer os caminhos e meios que levam além daqueles limites. A Torá, por outro lado, é o vínculo que une o criado ao Criador, como está escrito: “E vós, que vos apegais a D’us, vosso D’us, estais vivendo este dia.” Para o Criador, todas as coisas criadas, tanto as mais corpóreas quanto as mais espirituais, estão igualmente afastadas. A pergunta “que relacionamento pode ter um objeto material com D’us?” não tem mais validade do que se estivesse se referindo à coisa mais espiritual em seu relacionamento com D’us.

A beleza da Torá e das *mitsvot* é que, por intermédio de simples ações cotidianas – ao alcance de indivíduos normais – toda pessoa consegue se conectar com o Divino e transformar este mundo numa morada para D’us. A Torá não está no céu, ao contrário, “está totalmente perto de ti, em tua boca e em teu coração, para cumpri-la.”

E quanto a uma concessão?

Esta é também a resposta para aqueles que procuram um Judaísmo repleto de concessões – selecionando quais *mitsvot* irão cumprir. Abordar a Torá e as *mitsvot* numa base seletiva é uma contradição em termos. Se a pessoa reserva-se o direito de decidir o que observar e o que não observar, a Torá inteira deixa de ser para ela um instrumento Divino. Com certeza, é muito mais honesto, do ponto de vista ético, estar consciente dos padrões da Torá e procurar atingi-los, dando o melhor de si, do que reduzir os padrões do Judaísmo para se adequarem à sua conveniência.

Voltemos agora à questão original – é possível ser um bom judeu sem ser observante? A resposta é que mesmo que o indivíduo viva o que pessoalmente considera uma vida boa e moral, e pratique atos de bondade e outros, embora ele se realize parcialmente mediante as *mitsvot* que cumpre (e viver uma vida boa e moral é realmente desejável aos olhos de D’us), ainda assim nega a si mesmo a máxima bondade disponível, e desperdiça uma oportunidade preciosa.

O verdadeiro significado do bem

Um último ponto. Na verdade, sem a Torá, que ilumina e fornece as diretrizes para nossas vidas complicadas e apressadas, poderíamos errar quanto ao significado do bem.

Os preceitos morais auto-evidentes, se deixados

ao julgamento humano, sem a força da direção e da sanção Divinas, podem ser distorcidos em decorrência do amor próprio, de modo a transformar vício em virtude. Ao interpretarem os preceitos morais de “Não matarás... Não roubarás” sob o ponto de vista do ganho egoísta, muitas nações e indivíduos, “legalizaram” seus fins abomináveis, para não mencionar os que justificaram os meios para atingir aqueles fins.

Se numa geração anterior houve quem duvidasse da necessidade da autoridade Divina para a moralidade e a ética comuns, na crença de que o raciocínio humano é suficiente, nossa geração atual, lamentavelmente, de forma trágica e devastadora, tem contestado esta noção errônea. Pois exatamente a nação que se destacava nas ciências exatas, nas humanidades e até mesmo na filosofia e na ética, transformou-se na nação mais depravada do mundo, tendo como ideal o roubo e o assassinato. Quem quer que saiba quão insignificante foi a minoria de alemães que se opôs ao regime de Hitler percebe que o culto alemão não era praticado por uns poucos indivíduos, mas que abrangeu a maior parte da nação que se considerava a “super-raça”.

A partir deste exemplo histórico gritante, é óbvio que os padrões morais não podem ser determinados unicamente por indivíduos, pois a parcialidade humana deturpará seus valores. Ao contrário, a humanidade deve confiar num padrão mais absoluto de bondade e moralidade, estabelecido por D’us nos valores da Torá.

Um das mensagens básicas dos Dez Mandamentos está contida nas suas palavras de abertura: “Eu sou o Eterno, teu D’us” – o profundo princípio do monoteísmo que, por si só, foi uma ideia tremendamente revolucionária naqueles dias de idolatria, dominados pela cultura politeísta do Egito. Isso é detalhado no segundo mandamento, em que todas as formas de idolatria são estritamente proibidas. Ao mesmo tempo, os Dez Mandamentos terminam com injunções aparentemente simples e óbvias, como “Não roubarás”, e outras.

A profundidade do monoteísmo, com o qual começam os Dez Mandamentos, e a simplicidade das leis éticas e morais com as quais terminam, apontam para duas lições importantes:

1. Quem realmente acredita em D’us não é aquele que tem ideias abstratas, mas aquele cujo conhecimento de D’us o leva à conduta diária correta, mesmo em assuntos comuns e corriqueiros, no trato com os vizinhos e no respeito pela sua propriedade.
2. As leis morais e éticas, mesmo as que são óbvias como “Não matarás” e “Não roubarás”, terão validade real e serão observadas apenas na medida em que forem baseadas no primeiro e segundo mandamentos, ou seja, na autoridade Divina, na autoridade do único D’us.

Os Dez Mandamentos enfatizam, e a experiência tem corroborado exaustivamente, que até os mais simples preceitos de moralidade e ética devem fundamen-

tar-se em “Eu sou D’us” e “Não terás outros deuses” e só então sua obediência pode ser assegurada. Somente a Torá e as *mitsvot* fornecem o verdadeiro conteúdo da vida judaica e constituem, ao mesmo tempo, as fontes vitais para todo e cada judeu.

Em resumo

1. Uma vida de Torá e *mitsvot* é o caminho mais seguro para uma boa vida. É a melhor coisa para um ser humano, e lhe trará a maior realização neste mundo.
2. O maior bem que uma pessoa pode experimentar é o Próprio D’us. Esta união é alcançada por intermédio da Torá e das *mitsvot*.



7

A Ciência e a Religião são uma Contradição?

Segundo a opinião tradicional da Bíblia, o mundo tem uns meros cinco mil e quinhentos anos de idade, e foi criado em seis dias. A ciência moderna prova claramente que o mundo tem bilhões de anos, e que o homem passou por um processo de evolução, demonstrando que a história bíblica de Bereshit é falsa? É possível, com toda a honestidade, seguir crenças religiosas antiquadas quando a ciência prova o contrário?

A definição de ciência e de religião

Ciência, numa definição ampla, significa conhecimento. Referimo-nos especificamente à ciência como o conhecimento certificado por meio de observação e experimentos, criticamente testado, sistematizado e classificado segundo princípios gerais. Para sermos mais específicos ainda, deve-se distinguir entre a ciência empírica ou experimental, que lida e está confinada à descrição e classificação de fenômenos passíveis de observação, e a ciência especulativa, que se ocupa de fenômenos desconhecidos, que às vezes não podem ser duplicados no laboratório. O termo “especulação

científica” é, na verdade, uma incongruência terminológica, pois nenhuma especulação pode ser chamada de conhecimento no sentido estrito da palavra. Quando muito, a especulação científica pode apenas descrever teorias deduzidas de certos fatos conhecidos e aplicadas no âmbito do desconhecido.

Religião significa uma crença em alguma coisa. Em termos da religião judaica, é a crença na natureza Divina da Torá – Torá *min Hashamayim*; a crença de que a Torá recebida por Moshê e dada ao povo judeu é de origem Divina, e é a palavra de D’us. Assim sendo, a Torá é a sabedoria Divina, e como D’us é verdade, também Sua Torá o é. A Torá é chamada com frequência de *Torat Emet*, que significa a Torá da Verdade. A Torá revela a verdade.

A partir dessas duas definições, vemos que a ciência formula e lida com teorias e hipóteses, ao passo que a Torá lida com verdades absolutas. Trata-se de duas disciplinas diferentes, e uma “conciliação” entre ambas é absolutamente impossível. A Torá é a esfera da verdade do absoluto. Aquilo que a Torá diz é verdadeiro não porque foi provado cientificamente, mas porque foi revelado por D’us. A ciência não lida com absolutos, e sim com fenômenos observáveis, e produz princípios baseados em suas observações.

A ciência de ontem e a ciência do amanhã

No século XIX, a opinião prevalecente entre cientistas

e modernistas era de que o raciocínio humano era infalível em deduções “científicas”, e que ciências como a física, a química, a matemática, e outras, constituíam a verdade absoluta, isto é, não meramente verdades aceitas, porém absolutas. Em termos judaicos, isso significava o estabelecimento de uma nova idolatria, não de madeira e pedra, mas a veneração das ciências e das filosofias contemporâneas.

De fato, tendo em vista as opiniões dogmáticas e deterministas da ciência prevalecentes na época, foi criada toda uma literatura apologética por partidários religiosos bem intencionados e por alguns rabinos, que não viram outro modo de preservar o legado da Torá em suas comunidades “esclarecidas”, exceto mediante reinterpretações tênues e espúrias de determinados trechos da Torá, a fim de acomodá-los à opinião mundial prevalecente. Eles indubitavelmente sabiam no seu íntimo que as interpretações sugeridas da Torá divergiam da *Torat Emet*, mas pelo menos sentiam que não havia alternativa.

No século 20, contudo, especialmente nas últimas décadas, a ciência finalmente despiu-se de seus invólucros medievais, e toda a compleição da ciência mudou. A presumida imutabilidade das chamadas leis científicas e o conceito de absoluto na ciência em geral foram revogados, passando-se a adotar a opinião contrária, conhecida como o “Princípio do Indeterminismo”. Nada mais é certo na ciência, apenas relativo ou pro-

vável, e os achados científicos são agora apresentados com considerável reserva e com validade limitada e temporária, passíveis de serem substituídos a qualquer tempo por uma teoria mais avançada.

A maior parte dos cientistas aceitou este princípio de incerteza – enunciado por Werner Heisenberg em 1927, como sendo intrínseco a todo o universo. A atitude dogmática, mecânica e determinista do século 19, desapareceu. O cientista moderno não espera mais encontrar a verdade na ciência. A visão atual e universalmente aceita é que a ciência deve conciliar-se com a ideia de que, qualquer que seja seu progresso, sempre estará lidando com probabilidades, não com certezas ou absolutos.

Vejamos dois exemplos da metamorfose da descoberta científica. Cohêlet 1:4 diz: “A Terra fica para sempre”, o que parece sugerir que a Terra fica parada e o Sol se move ao seu redor. Esta apresentação era inteiramente aceitável no princípio da Era Comum, especialmente quando, no segundo século, Ptolomeu aperfeiçoou a interpretação de Aristóteles acerca do movimento do Sol e dos planetas ao redor da Terra, em órbitas circulares, com rotação adicional ao redor de certos pontos nestas órbitas.

Esta opinião foi adotada por todos os cientistas e, especialmente, pelo clero religioso, que considerava a Terra como o centro do universo. Cerca de 1.500 anos depois, Nicolau Copérnico revolucionou a astronomia,

ao afirmar que a Terra girava em torno do Sol. De repente, esta nova descoberta científica jogou por abaixo todas as crenças religiosas. Ainda hoje, na maioria das escolas, as crianças aprendem que a Terra gira ao redor do Sol, e que este é um fato comprovado pela ciência. Sugerir algo distinto seria considerado não-científico.

Esta educação, entretanto, é preconceituosa, pois a Teoria da Relatividade de Einstein eliminou a ideia de espaço absoluto e de movimento absoluto. Segundo Einstein a ciência em princípio não pode decidir se a Terra fica parada e o Sol gira ao redor dela, ou vice versa. A obra *The Philosophy of Time [A Filosofia do Tempo]*, da autoria de Hans Reichenbach, discípulo de Einstein, demonstra que todos os seguintes conceitos são claramente possíveis, sob um ponto de vista científico:

1. A Terra fica parada e o Sol gira ao seu redor.
2. O Sol fica parado e a Terra gira ao redor dele.
3. Ambos, Sol e Terra, giram ao redor de um determinado ponto.

Não há modo de provar qual das alternativas acima é correta ou preferível.

Para objetivos práticos, é mais simples calcular eventos astronômicos se presumirmos que o Sol está parado, e a Terra se move ao seu redor. O principal motivo de Copérnico era facilitar os cálculos, mas esta não é uma razão suficientemente boa para atribuir “verdade” a este conceito. Desconsiderar o versículo bíblico que sugere que a Terra fica parada, é totalmente

não-científico.

O problema com o debate ciência *versus* religião já foi mencionado previamente – a maioria das pessoas aceitou a descoberta científica como absoluta, o que impossibilitou e excluiu a crença religiosa. Mesmo nos dias de hoje, cerca de oitenta anos após a publicação da Teoria da Relatividade, embora os cientistas aceitem a teoria em sua ótica profissional, ignoram-na no contexto do debate filosófico, preferindo apoiar ideias ultrapassadas de absoluto. Eles continuam a ser governados por preconceções ideológicas, cegamente contrárias à Torá, que foram inculcadas em sua consciência desde a infância, se bem que tais preconceções contradigam seu conhecimento profissional.

Outro bom exemplo de uma teoria sempre em mutação é a da luz. Os antigos gregos desenvolveram uma teoria “corpúscular” da luz, especificamente, de que a luz é um fluxo de partículas minúsculas que emanam de uma fonte e movimentam-se linearmente em todas as direções. A teoria da ótica geométrica foi desenvolvida com base nesta pressuposição. Esta teoria serviu com sucesso a humanidade durante séculos, para projetar e construir lentes, prismas, espelhos planos e curvos, recursos auxiliares para a visão e, mais tarde, microscópios, telescópios e outros sistemas óticos. Descobriu-se então que a luz também segue um movimento ondulado, e ela foi portanto reinterpretada como ondas eletromagnéticas de comprimento de onda muito

curto. Do ponto de vista científico, a teoria corpuscular desenvolveu-se numa teoria de ondas. No início do século 20, Albert Einstein sugeriu que, na realidade, a luz possui uma natureza dual, ou seja, é a unificação, em uma só entidade, de dois conceitos opostos, de uma partícula de matéria e de um movimento de onda. Esta nova ideia tornou-se a base da nova teoria fundamental da mecânica quântica.

É interessante notar que a Cabalá utiliza a luz como metáfora do poder de D'us. Fala em termos de *Or Ein Sof* – Luz Infinita. Um dos princípios da fé é que D'us é onipotente, e pode encerrar opostos. O fato de a luz possuir uma natureza dual e portar um oposto a transforma na perfeita metáfora da energia Divina. Neste terceiro estágio do desenvolvimento da teoria da luz, fica claro que esta unificação de dois conceitos enfatiza a unidade de D'us dentro da Criação. (ver “O Rebe de Lubavitch sobre a Ciência e a Tecnologia”, Professor Herman Branover, em *B'Or Ha'Torah*, vol. 9).

A idade do universo

Um problema que incomoda muitos é esta contradição aparentemente irreconciliável: a ciência alega que o mundo teria bilhões de anos, e a Torá afirma que o mundo tem 5.766 anos de idade (na data desta publicação).

De mais a mais, esta contradição levou alguns cientistas religiosos bem-intencionados a reinterpretar as passagens de Bereshit, argumentando que os dias da

Criação referem-se a períodos ou éons, e não a dias comuns. Eles sugerem que como o sol, a lua e as estrelas estavam apenas “pendurados no céu” no quarto dia da Criação, o dia de 24 horas não poderia ter existido até pelo menos o quarto dia. Além disso, alegam eles, se atribuíssemos vastos períodos de tempo a cada um dos dias da Criação, todas as teorias da evolução e o Big Bang poderiam coadunar-se muito bem com a Torá.

No entanto, esta interpretação interfere com o mandamento do *Shabat* – uma *mitsvá* considerada por nossos Sábios como equivalente a Torá inteira. Pois, se alguém tirar as palavras “um dia” do contexto e do significado literal, na verdade invalida toda a ideia do *Shabat* como o sétimo dia, declarada no mesmo contexto. A ideia da observância do *Shabat* baseia-se na afirmação clara e inequívoca da Torá: “Pois em seis dias D’us fez o céu o a terra, e no sétimo dia Ele cessou o trabalho e descansou.” – dias, não períodos.

Como já mencionado anteriormente, estas tentativas de reinterpretar a Torá são, obviamente, um legado anacrônico do século 19. Hoje em dia não existe justificativa para perpetuar este “complexo de inferioridade”. Certamente não há fundamento nenhum para apegar-se a opiniões que foram eliminadas dos ultrapassados livros escolares de ciência.

É triste pensar que aqueles que deveriam ser os campeões da perspectiva da Torá e seus defensores, especialmente entre a juventude judaica em geral e a

juventude acadêmica em particular, intimidam-se ou mesmo se envergonham de postulá-la.

O exposto acima não tem a intenção de menosprezar a ciência ou o método científico, ao contrário, deve haver uma diferenciação entre a ciência efêmera e as teorias extraídas da especulação científica. Isto contrasta com a Torá, que é eterna e imutável. Quando a Torá é modificada ou alterada por meio de concessões, qualquer que seja a sua extensão, deixa de ser verdade. E a verdade permanece a mesma para todas as pessoas e para todos os tempos. Se a eternidade da Torá é aceita, o que pode ser feito unicamente com base na *Torá min Hashmayim*, seria absurdo dizer que, embora a Torá tenha sido dada por D’us, os tempos mudaram, como se o Criador e Governador do universo não pudesse ter previsto que haveria um século 21, no qual determinados grupos de pessoas, como cientistas ou “modernistas”, estariam inclinados a aceitar apenas uma Torá transigente, não a Torá da Verdade.

Examinaremos agora mais de perto os métodos empregados pelos cientistas para descobrir a idade do universo. A ciência possui dois métodos gerais de inferência:

1. O método da interpolação (distinto da extrapolação), por meio do qual, conhecendo a reação sob dois extremos, tentamos inferir qual poderia ser a reação num ponto qualquer entre ambos.
2. O método da extrapolação, por meio do qual são

feitas inferências que vão além de uma amplitude conhecida, com base em certas variáveis que se inserem na amplitude conhecida. Por exemplo, suponhamos que conhecemos as variáveis de um determinado elemento numa variação de temperatura de 0 a 100 e, baseados nisso, estimamos como seria a reação a 101, 200 ou 2.000.

Dos dois métodos, o segundo é claramente o mais incerto. Ademais, a incerteza aumenta à medida que nos distanciamos da escala conhecida. Assim, se a escala conhecida está entre 0 e 100, nossa inferência acerca do 101 tem uma probabilidade maior que a acerca do 1001.

Vemos logo que todas as especulações sobre a origem e idade do mundo advêm do segundo método, mais frágil. A fragilidade se torna mais aparente se considerarmos que uma generalização inferida a partir de um conseqüente conhecido para um antecedente desconhecido é mais especulativa do que a inferência de um antecedente para um conseqüente, como pode ser demonstrado de maneira muito simples.

Quatro dividido por dois é igual a dois. Aqui o antecedente é representado pelo dividendo e pelo divisor e o conseqüente, pelo quociente. Conhecer o antecedente neste caso nos dá um resultado possível – o quociente – número dois.

Entretanto, se conhecemos unicamente o resultado final, ou seja, o número dois, a resposta permite diversas possibilidades, às quais se chega por métodos dife-

rentes: $1 + 1 = 2$, $4 - 2 = 2$, $1 \times 2 = 2$, $4 : 2 = 2$. Note que se outros números entrarem na conta, as possibilidades passam a ser infinitas (pois $5 - 3 = 2$, $6 - 4 = 2$ etc., *ad infinitum*).

Acrescente a esta outra dificuldade, que prevalece em todos os métodos de dedução. As conclusões baseadas em certos dados conhecidos, quando extrapoladas para áreas desconhecidas, somente podem ter validade com a premissa de que “tudo mais é igual”, o que equivale a dizer, numa identidade de condições prevalecentes e de sua ação e contra-ação uma sobre a outra. Se não pudermos ter certeza de que as variações ou mudanças têm ao menos uma relação próxima em grau com as variáveis existentes, se não pudermos ter certeza de que as mudanças têm qualquer tipo de semelhança em espécie e se, além disso, não pudermos ter certeza de que não houve outros fatores envolvidos – tais conclusões de inferências são completamente inválidas!

Para melhor ilustrar, numa reação química, quer seja de fissão quer seja de fusão, a introdução de um novo catalisador no processo, ainda que em quantidade ínfima, pode mudar todo o ritmo e a forma do processo químico, ou mesmo dar início a um processo inteiramente novo.

Ora, toda a estrutura científica fundamenta-se em observações das reações e processos no comportamento de átomos em seu estado atual, do modo como existem na natureza. Os cientistas lidam com aglomerações

de bilhões de átomos quando estes já estão interligados, e com sua relação com outras aglomerações de átomos já existentes. Os cientistas sabem muito pouco sobre os átomos em seu estado prístino – como um único átomo pode reagir sobre outro átomo único num estado de separação – e muito menos ainda sobre como partes de um único átomo podem reagir sobre partes deste mesmo átomo ou de outros. Uma das coisas que a ciência considera como certa é que a reação de átomos individuais uns sobre outros difere totalmente da reação de uma conglomeração de átomos sobre outra.

Podemos agora resumir os pontos fracos das assim chamadas teorias científicas, no que diz respeito à origem e à idade do universo:

1. Estas teorias foram postuladas com base em dados observáveis durante um período de tempo relativamente curto de algumas décadas; de todo modo, não mais do que dois séculos.
2. Com base num âmbito relativamente tão pequeno de dados conhecidos (se bem que não perfeitamente conhecidos), os cientistas aventuram-se a construir teorias por meio do frágil método da extrapolação e do consequente para o antecedente, estendendo-se, no seu ponto de vista, por milhões e bilhões de anos!
3. Ao postular tais teorias, eles descartam com alegria fatores universalmente admitidos por todos os cientistas, ou seja, que no período inicial do “nascimento” do universo, condições de temperatura, pressão

atmosférica, radioatividade e toda uma série de fatores catalisadores eram totalmente distintos dos que existem atualmente no universo.

4. O consenso da opinião científica é que deve ter havido muitos elementos radioativos no estágio inicial, não mais existentes, ou que existem somente em quantidades mínimas, alguns desses elementos com potência catalisadora das quais pouco se conhece.
5. A formação do mundo, se aceitarmos estas teorias, começou com um processo de coligação (união) de átomos separados, ou de componentes do átomo, e sua conglomeração e consolidação, envolvendo processos e variáveis totalmente desconhecidos.

Em resumo, de todas as frágeis teorias “científicas”, aquelas que tratam da origem do cosmos e de sua datação são, conforme admitido pelos próprios cientistas, as mais fracas.

Não é de admirar (e isso, casualmente, é uma das refutações óbvias destas teorias) que as várias teorias “científicas” sobre a idade do universo não apenas se contradigam entre si mas, em alguns casos, sejam incompatíveis e mutuamente excludentes, pois a data máxima de uma teoria é menor que a data mínima da outra.

A aceitação de uma teoria desta natureza, sem qualquer crítica, conduzirá a um raciocínio falacioso e inconsequente. Consideremos, por exemplo, a denomina-

da teoria evolucionista da origem do mundo, baseada na pressuposição de que o universo evoluiu a partir de partículas atômicas e subatômicas existentes que, mediante um processo evolutivo, combinaram-se de modo a formar o universo físico e o nosso planeta, no qual a vida orgânica se desenvolveu, de certa forma, também por um processo evolutivo, até o surgimento do *homo sapiens*. É difícil entender por que alguém devesse realmente aceitar a criação de partículas atômicas e subatômicas num estado – que é francamente incognoscível e inconcebível – porém relutaria em aceitar a criação de planetas, ou de organismos, ou de um ser humano, como sabemos que existem.

O argumento a partir da descoberta dos fósseis não constitui, de maneira nenhuma, uma prova conclusiva da grande antiguidade da Terra, pelas seguintes razões:

1. Em vista das condições desconhecidas que existiram nos tempos “pré-históricos”, como já mencionado – condições estas que poderiam ter causado reações e mudanças de natureza e ritmo inteiramente diferentes daquilo que se conhece atualmente sobre os processos da natureza – não se pode excluir a possibilidade de que os dinossauros existiram há 5 mil anos e se fossilizaram em decorrência de formidáveis cataclismos naturais no decorrer de alguns poucos anos, em vez de em milhões de anos, pois não temos medidas ou critérios de cálculos concebíveis sob estas condições conhecidas.

2. Mesmo supondo que o período de tempo que a Torá atribui à idade do mundo seja curto demais para a fossilização, pode-se aceitar prontamente a possibilidade de que D'us criou os fósseis, ossos ou esqueletos (por razões somente conhecidas por Ele), assim como pôde criar organismos vivos prontos, um homem completo, e outros produtos tais como petróleo, carvão ou diamantes, sem qualquer processo evolutivo.

Quanto à pergunta se o último raciocínio é verdadeiro, para começar, por que D'us teve de criar os fósseis? A resposta é simples: não podemos saber o motivo pelo qual D'us escolheu esta forma de Criação em preferência a outra e, qualquer que seja a teoria da Criação aceita, a questão ainda continuará sem resposta. A pergunta “Por que criar um fóssil?” não é mais válida que a pergunta “Por que criar um átomo?” Certamente, este tipo de pergunta não pode servir como um argumento sólido, muito menos como uma base lógica, para a teoria da evolução.

Que base científica existe para limitar o processo criativo somente a um processo de evolução, começando com partículas atômicas e subatômicas – uma teoria repleta de lacunas e complicações inexplicadas – enquanto se exclui a possibilidade de Criação segundo a narrativa bíblica? Pois se esta possibilidade for admitida, tudo se encaixa num padrão e qualquer especulação sobre a origem e a idade do mundo torna-

se desnecessária e irrelevante.

Certamente não se pode questionar esta possibilidade dizendo: por que o Criador deveria criar um universo pronto, quando teria sido suficiente para Ele criar um número adequado de átomos ou partículas subatômicas, com poder de coligação e evolução, que se desenvolveriam na atual ordem cósmica? O absurdo deste argumento se torna ainda mais óbvio ao ser transformado no fundamento de uma teoria frágil, afastando todas as outras possibilidades, como se estivesse baseada em argumentos sólidos e irrefutáveis.

Evolução

Antes de mais nada, devemos deixar bem claro que a teoria da evolução não tem relação nenhuma com a narrativa bíblica da Criação. Ainda que a teoria fosse substanciada e a mutação das espécies comprovada em testes de laboratório, isso não contradiria a possibilidade de o mundo ter sido criado conforme o relato da Torá, em vez de pelo processo evolutivo.

E ainda mais, como esta teoria é altamente especulativa e, embora durante os anos de pesquisa e investigação desde sua apresentação pela primeira vez, tenha sido possível observar, no decorrer de milhares de gerações, certas espécies de animais e plantas de curta expectativa de vida, jamais foi possível estabelecer uma transmutação de uma espécie em outra, muito menos transformar uma planta em um animal. Esta teoria não

pode ter lugar no arsenal da ciência empírica.

A teoria da evolução é um exemplo típico de como uma teoria altamente especulativa e cientificamente infundada capturou a imaginação das massas e permitiu que elas desconsiderassem a narrativa bíblica, apesar de a teoria não ter sido substanciada cientificamente e de ser desprovida de qualquer fundamento científico verdadeiro. É quase como se os cétricos procurassem uma razão para descreer. Seu axioma equivocado era de que a Bíblia está errada e precisavam de alguma teoria substitutiva. A evolução era perfeita. Fornecia uma teoria de Criação sem D'us e estimulava a tendência ateísta. Na verdade, tudo isso é altamente não-científico; a ciência pura deve basear-se em dados efêmeros.

A natureza humana também afetou o debate. Embora as várias teorias que tentam explicar a origem e a idade do mundo sejam frágeis, são postuladas porque faz parte da natureza humana buscar explicação para tudo no seu ambiente, e qualquer teoria, por mais absurda que seja, é melhor que nenhuma, pelo menos até que uma explicação mais plausível possa ser engendrada.

Poder-se-ia indagar por que, na ausência de uma teoria mais sólida, a narrativa bíblica não é aceita pelos cientistas? A resposta será uma vez mais encontrada na natureza humana. Ser inventivo e original é uma ambição humana natural. Aceitar a narrativa bíblica priva a pessoa da oportunidade de demonstrar engenhosidade analítica e indutiva. Portanto, ao desconsiderar a nar-

rativa bíblica, os cientistas devem criar motivos para justificar sua atitude, e buscam refúgio classificando-a como mitologia primitiva e antiga, pois ela não pode ser discutida com base científica.

Convergir, não divergir

Com o passar do tempo, a ciência descobrirá realmente as verdades da Torá. Em vez de serem vistas como divergentes, a ciência e a religião estão convergindo. Há uma história sobre um grupo de cientistas que estava escalando a montanha da Criação. Quando chegaram ao cume, encontraram um rabino sentado, estudando. Ele ergueu os olhos do livro e disse aos perplexos cientistas: “Eu falei que era verdade!”

Este fato foi previsto pelo antigo texto cabalístico, o *Zohar*. Sobre o versículo em Bereshit 7:11: “No ano seiscentos da vida de Nôach... romperam-se todas as fontes do abismo grande e as janelas dos Céus foram abertas”, o *Zohar* comenta:

No seiscentésimo ano do sexto milênio, os portões de sabedoria do alto serão abertos, bem como as fontes de sabedoria de baixo, e o mundo estará preparado para ser elevado no sétimo milênio.

O *Zohar* prediz que no ano hebraico de 5600, que corresponde ao ano 1840 da Era Comum, haverá grande desenvolvimento tanto na sabedoria do alto quanto

na sabedoria de baixo. A sabedoria do alto refere-se ao conhecimento esotérico no âmbito do qual foram feitas revelações importantes na disseminação da filosofia chassídica a partir daquele ano. É bem conhecido o fato de que o fundador do movimento chassídico, o Báal Shem Tov, certa vez, por misteriosos meios cabalísticos, entrou no palácio celestial de *Mashiach* e perguntou-lhe: “Quando o Mestre virá?” *Mashiach* respondeu: “Quando os mananciais dos teus ensinamentos estiverem largamente difundidos.” Os principais desenvolvimentos nos ensinamentos e na disseminação do Chassidismo, que ocorreram depois de 1840, são um verdadeiro cumprimento daquela indicação.

A sabedoria de baixo refere-se aos grandes avanços científicos, que também começaram por volta daquela época. As grandes revoluções industriais, que ocorreram em meados do século 19, abriram caminho para os grandes avanços tecnológicos dos anos recentes.

A conexão entre estas duas sabedorias é que elas convergirão. Na Era Messiânica, está profetizado que (*Yeshayáhu* 40:5), “... a glória de D’us será revelada, e toda a carne, de uma só vez, verá o que o Eterno falou.” Como uma preparação para a revelação messiânica, haverá uma explosão de descobertas científicas, revelando a verdade acerca da sabedoria esotérica da Torá.

De fato, as descobertas nas ciências naturais têm lançado uma nova luz sobre as maravilhas da Criação, e a tendência moderna tem sido a de reconhecer a uni-

dade permeando a natureza. Na verdade, a cada avanço da ciência, a unidade subjacente no mundo físico torna-se mais claramente perceptível, a tal ponto que a ciência procura agora a fórmula ideal que englobará todos os fenômenos do mundo físico em uma única equação abrangente. Com um pouco mais de discernimento, pode-se ver que a unidade na natureza é o reflexo do verdadeiro monoteísmo no seu conceito judaico. Pois segundo a concepção judaica, o monoteísmo não é apenas a crença de que há um único D'us, mas que a unidade de D'us transcende também o mundo físico, de modo que há apenas uma única realidade, ou seja, D'us.

De fato, o princípio da unidade é a essência do Judaísmo – desde que Avraham proclamou pela primeira vez o monoteísmo num mundo de idolatria – que atingiu a plenitude na Revelação no Monte Sinai. Pois o verdadeiro monoteísmo, como professado por nós, não é somente a verdade de que há apenas um único D'us e ninguém com Ele, mas que não há “nada além d'Ele” (*Ein Od*); ou seja, a negação da existência de qualquer outra realidade exceto D'us, a negação do pluralismo e dualismo, até mesmo da separação entre o material e o espiritual.

Como observado previamente, quanto mais avançam as ciências físicas, mais nos aproximamos do princípio da unidade, até mesmo no mundo da matéria. A opinião antes aceita era de que a pluralidade e

a natureza composta no mundo material poderiam ser reduzidas a algumas centenas de elementos e entidades básicos, e as forças e leis físicas eram consideradas separadas e independentes, para não mencionar a dicotomia entre matéria e energia. No entanto, em anos recentes, com o progresso da ciência, os elementos básicos foram reduzidos a diversos componentes ainda mais elementares dos átomos – elétrons, prótons e nêutrons – e mesmo estes foram imediatamente qualificados como não sendo os supremos “blocos” de matéria, até que se descobriu que a matéria e a energia eram redutíveis e conversíveis uma à outra.

Sabe-se muito bem que o Báal Shem Tov ensinou, e o Rabi Shneur Zalman de Liadi explicou e ampliou, que cada detalhe na experiência humana é uma instrução no serviço do homem a D’us. Assim, aquilo que foi dito acima sobre o avanço da ciência exemplifica também o progresso humano no serviço a D’us. O homem possui dois elementos aparentemente contraditórios, tão incompatíveis quanto a incompatibilidade de matéria e espírito, cuja contrapartida no mundo físico é matéria e energia, ou seja, a alma Divina e a alma animalesca ou, num nível inferior, o *Yetser Hatov* (a inclinação para o bem) e o *Yetser Hará* (a inclinação para o mal). Esta incompatibilidade, contudo, evidencia-se apenas no estágio incipiente do progresso no serviço Divino, comparável à pluralidade de elementos e forças que presumivelmente existia na natureza física. À

medida que a apreciação da unidade subjacente da natureza cresceu com o avanço da ciência, também a perfeição no serviço Divino levou à percepção da unidade essencial na natureza humana, a tal ponto que o *Yetser Hatov* e o *Yetser Hará* tornam-se um só, por meio da transformação do *Yetser Hará* em *Yetser Hatov*, caso contrário, obviamente, não pode haver unidade e harmonia, pois tudo que é sagrado, positivo e criativo nunca poderia conciliar-se e ser subserviente ao profano, negativo e destrutivo. E nesta unidade conquistada o judeu proclama: “Ouve, ó Israel, o Eterno é nosso D’us, o Eterno é Um.” É isto também o que os nossos Sábios quiseram dizer ao mencionar que as palavras “E amarás o Eterno, teu D’us, de todo o coração” (as palavras logo em seguida ao *Shemá*) significam: amar a D’us com ambas as tuas inclinações, o *Yetser Hará* e o *Yetser Hatov*.

Conclusão

O propósito do texto acima não é difamar a ciência ou duvidar do método científico. A ciência não pode agir a menos que aceite certas teorias ou hipóteses, mesmo que estas não possam ser verificadas, se bem que algumas teorias continuem a existir mesmo quando são cientificamente refutadas ou desacreditadas. Nenhum progresso técnico seria possível, a menos que determinadas leis físicas fossem aceitas, embora não haja garantias de que a lei se repetirá. No entanto, a ciência

pode apenas lidar com teorias, não com certezas. Todas as conclusões ou generalizações científicas somente podem ser prováveis em maior ou menor grau, segundo as precauções tomadas no uso das evidências disponíveis, e o grau de probabilidade necessariamente decresce com a distância dos fatos empíricos ou com o aumento das variáveis desconhecidas etc. Tendo isso em mente, percebe-se que não pode haver conflito verdadeiro entre qualquer teoria científica e a Torá. Ao contrário, uma cuidadosa análise das descobertas da ciência moderna e do seu significado filosófico mostra convergência e harmonia entre a ciência e a Torá.

Muitos judeus atualmente alienaram-se da Torá e do estilo de vida judaico devido ao enorme, e quase hipnótico, efeito de uma ciência aparentemente onipotente. Milhares justificam seu secularismo pelo “fato” de serem “mais esclarecidos” que as gerações passadas. Muitos no campo religioso preferem ignorar (ou banir) a discussão acerca do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, ou adaptar a Torá ao pensamento moderno. Na verdade, nenhum destes enfoques merece crédito.

A abordagem correta é que não há motivo para o judeu observante da Torá ficar intimidado pela explosão da ciência e da tecnologia, ou para assumir uma atitude apologética. Ele deve sempre ter em mente o dito do *Zohar* (vol. I pág. 161b): “D’us olhou na Torá e criou o mundo.” Isso significa que a Torá é o projeto da Criação, e o produto final (o universo) não pode contradizer

o projeto (a Torá) segundo o qual foi elaborado.

Por definição, a Torá é a sabedoria Divina. Portanto, a Torá é a suprema e única fonte do verdadeiro, completo e definitivo conhecimento de tudo, inclusive dos objetos e dos fenômenos que a ciência examina. O conhecimento da Torá brota de uma perspectiva “do Alto”, ao passo que o conhecimento científico, obtido pelo processamento racional de informação empírica, origina-se “de baixo”.

No fim, estas fontes irão convergir. Podemos aguardar ansiosamente a Era Messiânica na qual a ciência, que por si só é neutra, será elevada para servir a propósitos sagrados. Um maior desenvolvimento e análise científicos nos ajudarão a compreender os conceitos da Torá. A tecnologia conduzirá o mundo a uma situação na qual, conforme Maimônides descreve a Era Messiânica, “não haverá fome nem guerra, inveja ou competição, pois as coisas boas fluirão em abundância e todos os deleites estarão disponíveis como o pó. O mundo inteiro ocupar-se-á unicamente em conhecer a D’us.”



8

O Que Há de Errado com os Casamentos Mistos?

Vivemos hoje numa sociedade multicultural e multi-religiosa. Convivemos livremente com pessoas de todas as crenças, e as respeitamos. Muito judeus de hoje crescem completamente assimilados, e sentem-se bem numa sociedade e ambiente seculares. Por que então é uma tragédia tão grande se um judeu encontra uma mulher não-judia (ou vice-versa), com quem se sente totalmente compatível, e decide casar-se com ela? Ele alega que ela é uma pessoa realmente adorável, de bom caráter – em geral, mais simpática e agradável do que qualquer mulher judia que ele conhece. Ela se sente à vontade com a educação e a cultura judaicas que ele recebeu, e ambos partilham os mesmos valores, passatempos e aspirações. Um casal perfeito, porém seu casamento não foi feito no Céu. Por que não?

A decisão de casar-se fora do Judaísmo é talvez o momento mais revelador, em que a pessoa deve considerar o que realmente significa ser judeu. Ser judeu é simplesmente um acidente de nascimento? Existe diferença entre um judeu e um não-judeu? É possível manter uma identidade judaica plena ainda que casado

com um não-judeu? E se alguém encontra o parceiro perfeito – amoroso, atencioso, cheio de consideração, divertido – mas infelizmente não-judeu? O que significa mais na vida – um casamento feliz ou a própria religião? Se a pessoa encontrou o verdadeiro amor, a religião realmente importa?

De onde você vem?

Ninguém simplesmente surge em cena. Somos todos produto de gerações passadas; no caso dos judeus, descendentes de Avraham, Yitschac e Yaacov. A família de Yaacov desceu para a escravidão no Egito e, após 210 anos, foi milagrosamente redimida por D’us, por intermédio de Moshê, Seu fiel servo. Os Filhos de Israel constituíram-se subsequentemente como nação aos pés do Sinai – a Torá foi seu “contrato de casamento” com D’us. Até os dias de hoje, a história judaica cobre mais de 3.300 anos. Durante este tempo, os judeus tiveram suas eras douradas e também sofreram grandes perseguições, inquisições, *pogroms* e, por fim, o Holocausto. Nascer judeu hoje não é um acidente de nascimento, mas a soma de mais de 3.300 anos de autossacrifício ancestral, de heróis que, às vezes, deram a própria vida pela sua crença. Em algum lugar ao longo da nossa linhagem ancestral, você pode estar certo de que um avô ou avó teve de aceitar pobreza, provações, zombarias, exílio e humilhações, porém obstinadamente apegou-se à sua fé. Gregos, romanos, cruzados, na-

zistas e comunistas - todos tentaram obliterar a prática e a fé judaicas, mas fracassaram. Os perseguidores são todos relíquias do passado, mas o Judaísmo está vivo e vibrante. O indomável espírito judaico sobreviveu e apegou-se às suas tradições, apesar de todas as dificuldades.

E agora, o último elo daquela gloriosa tradição deseja partir a corrente de um só golpe! Imagine se fosse possível ressuscitar todos os ancestrais. Eles seriam diferentes no que diz respeito a idioma, modo de vestir e culinária, mas todos partilhariam a mesma tradição judaica. O que alguém diria a um bisavô que esteve na prisão por observar o *Shabat*? O que alguém diria a uma bisavó que caminhava quilômetros para comprar alimentos *casher*? Como poderia apresentá-los a uma noiva não-judia?

O Sr. George Rohr, filantropo americano, contou uma história numa convenção dos emissários do Rebe em 1996. O Sr. Rohr relatou como teve o privilégio de conhecer o Rebe numa certa ocasião, logo após *Rosh Hashaná*. Ele achou apropriado oferecer ao Rebe um presente “espiritual”. Pouco tempo antes, estabelecera um serviço para principiantes na sua sinagoga em Manhattan, e 120 judeus compareceram a este novo serviço em *Rosh Hashaná*. O Sr. Rohr decidiu anunciar isto ao Rebe, e estava certo de que o Rebe teria muito *nachas* com as boas novas. Quando chegou a sua vez, caminhou confiante até o Rebe e disse: “Graças a D’us,

neste *Rosh Hashaná* fizemos um serviço para principiantes em nossa sinagoga, do qual participaram 120 judeus que não tinham nenhum passado judaico!”

Até aquele momento, o Rebe tinha um largo sorriso no rosto, mas quando o Sr. Rohr deu-lhe a notícia, o rosto do Rebe se fechou, e o Sr. Rohr procurou, em suas palavras, algo que pudesse ter dito para aborrecer o Rebe.

“O quê?” disse o Rebe.

O Sr. Rohr repetiu: “... 120 judeus sem passado judaico.”

“Nenhum passado judaico?” perguntou o Rebe. “Vá e diga a estes judeus que todos eles são filhos de Avraham, Yitschac e Yaacov!”

Agora o Sr. Rohr compreendeu. O Rebe opunha-se a que esses judeus fossem descritos como não tendo passado judaico. Todo judeu tem um passado muito ilustre – todos os judeus são filhos de Avraham, Yitschac e Yaacov!

O Povo Eleito

Alguém poderia perguntar, porém, se isso não seria o mesmo que carregar um fardo. Afinal, por que *eu* deveria ser responsável pela continuidade desta corrente, transmitindo as tradições e carregando a batuta, somente porque meu *mazal* foi ter nascido judeu? Quem depositou esta tremenda responsabilidade sobre os meus ombros? Além disso, muitos levarão adiante

esta tradição. Que diferença faz se eu saio um pouco da linha e me desvio para um beco sem saída?

Todo mérito é acompanhado de responsabilidade, e toda responsabilidade implica compromisso e engajamento. No Sinai, D’us nos proclamou Seu Povo Eleito. Eleito para quê?

Pouco antes que desse os Dez Mandamentos, D’us disse a Moshê: (Shemot 19:5,6): “E agora, se ouvirdes atentamente a Minha voz e guardares a Minha aliança, sereis para Mim o tesouro de todos os povos, porque toda a terra é Minha. E vós sereis para Mim um reino de sacerdotes e uma nação sagrada.”

Nestas poucas palavras resume-se a missão para a qual os judeus foram escolhidos – para serem um reino de sacerdotes. Isso significa que cada um de nós deve ser sagrado em sua vida pessoal e, em nossa associação com o mundo exterior, cada um de nós, homem ou mulher, deve cumprir funções sacerdotais. A função dos sacerdotes é “levar” D’us ao povo e aproximar o povo de D’us. Cada judeu e judia cumpre seus deveres pessoais e “sacerdotais” levando uma vida segundo a Torá.

A extensão dos deveres está em proporção direta à situação de cada pessoa na vida. É muito maior no caso de um indivíduo que ocupa uma posição de proeminência, que lhe dá oportunidade de exercer influência sobre outros, especialmente os jovens. Estas pessoas devem valorizar o privilégio e a responsabilidade que a Providência Divina lhes conferiu para difundir a luz da Torá.

Os judeus são chamados *Benê Yisrael*. A palavra *Yisrael* é um acrônimo da expressão “*Yesh Shishim Ribo Otivot LeTorá*” – que significa que há 600 mil letras na Torá. Cada judeu é comparado a uma letra num Rolo de Torá. Se uma única letra estiver faltando, o Rolo inteiro está incompleto e é inválido. Cada judeu é um embaixador do seu povo no seu escalão na sociedade. Estes são o privilégio e a responsabilidade que D’us lhe concedeu. Esquivar-se desta responsabilidade é negar a si mesmo o supremo privilégio. Casar-se fora do Judaísmo é uma franca violação dessa responsabilidade.

Filhos

A Torá proíbe explicitamente o casamento misto. A fonte está em Devarim 7:3-4:

“E não te aparentarás com elas: tua filha não darás a seu filho, e sua filha não tomarás para teu filho, porque ele desviará teu filho de Me seguir, servirão a outros deuses, e crescerá a ira do Eterno sobre ti, e Ele te destruirá depressa.”

A implicação direta é que filhos deste tipo de união serão desvinculados do Judaísmo. A propósito, esta é também a fonte bíblica da lei de descendência materna. Como o versículo declara “pois ele (i.e., um pai não-judeu) fará teu filho afastar-se...”. Isso significa que

um filho nascido de uma mãe judia é judeu, ao passo que se um judeu desposa uma mulher não-judia, o filho não é judeu.

Assim, no caso de um judeu casado com uma não-judia, o filho não é judeu e uma linhagem judaica, até então ininterrupta, é quebrada. Se um homem não-judeu casa-se com uma judia, os filhos são judeus. No entanto, a Torá proíbe explicitamente este tipo de união, pois “ele desviará o teu filho”.

A verdade é que uma mulher judia que já tenha feito um casamento misto e tido filhos, deve ser encorajada a dar-lhes uma educação judaica completa. Atualmente, há milhares de judeus observantes que têm apenas a mãe judia. Contudo, para um casal que cogita sobre um casamento misto, os fatos falam por si só. Salvo poucas exceções, em que a mãe é bastante determinada e dá ao filho uma educação judaica forte e positiva, na maioria dos casos o filho cresce com uma identidade confusa e dividida; em outras palavras, meio-judeu. Tecnicamente, isso não existe – ou alguém é 100% judeu ou não é. Entretanto, em termos de identidade, o filho se sente apenas meio-judeu. Mesmo que a mãe sinta orgulho por ser judia, o pai, quer seja ele ateu, agnóstico, protestante, católico, muçulmano etc., não partilha as mesmas crenças e valores. Ainda que ele seja compreensivo, ou até concorde que o filho seja criado como judeu, provavelmente haverá diferenças entre os cônjuges. Celebrarão *Chanucá*, Natal, ambos

ou nenhum deles? Qualquer que seja a escolha, ela será confusa e até contraditória. Muitos casais mistos celebram atualmente ambas as festividades – mas que tipo de mensagem é transmitida à criança? A criança é judia, e portanto rejeita as noções do Cristianismo, ou é um cristão com raízes judaicas? Isso provoca grande confusão para a criança e, em alguns casos, ela vê as duas fés apenas num nível superficial, mantendo-se distanciada, pelos próprios pais, da verdadeira crença.

O filho também recebe um teste de lealdades mistas. Todas as passagens da vida criam um problema. Deve ele ser circuncidado, batizado, ambos ou nenhum deles? Deve ter *bar mitsvá* ou crisma, casar-se numa sinagoga ou numa igreja, ser enterrado num cemitério judaico ou cremado?

E quais são as chances de que ele queira se casar dentro do Judaísmo? Mesmo no caso de uma mãe judia determinada, que deseja casar-se com um não-judeu e criar seu filho como judeu, quem pode afirmar que ele, futuramente, desejará desposar uma judia e – o mais importante – que tipo de exemplo a mãe deu para o filho?

Os filhos aprendem com os pais. Não podem aprender ética, precisam vê-la sendo praticada. Não faz sentido os pais exigirem que seu filho se case com um judeu, quando um deles não o fez!

Outro ponto deve ser enfatizado: as pessoas são seres sociais. Desde o início dos tempos, congregaram-se

em comunidades. Se há uma coisa da qual a comunidade judaica internacional se orgulha é o conceito de *Col Yisrael Chaverim* – todo o Povo de Israel é uma fraternidade, uma irmandade, uma só nação. Se você estiver em Bangcoc e precisar de um local para passar o *Shabat*, pode estar certo de que, se aparecer na sinagoga, será imediatamente convidado. Onde quer que um judeu vá, sempre terá um grupo internacional de apoio que lhe dará hospitalidade e ajuda financeira, caso necessário. Ao ter um filho não-judeu, a pessoa o desvincula daquela comunidade legando-lhe a alienação. Todo mundo deseja pertencer a um grupo – esta é uma necessidade humana básica. O casamento misto provoca confusão nos filhos no que diz respeito ao grupo a que realmente pertencem.

Está nos genes

O casamento em geral, mesmo entre duas pessoas com antecedentes similares, acarreta um certo risco de ajustamento e compatibilidade. Ainda que ambas se conheçam há algum tempo, não há garantia total acerca do relacionamento quando este se transforma em casamento, quando os dois ficam juntos sob o mesmo teto, 24 horas por dia, dia após dia e semana após semana. Porém, quando os antecedentes e a formação são totalmente diferentes, e quando estas diferenças datam de centenas de gerações – e portanto têm um caráter profundo e duradouro – as chances de compatibilida-

de e ajustamento são ínfimas e quase inexistentes. Isso ocorre especialmente quando as diferenças são de natureza antagônica e hostil, como ficou evidenciado pelos *pogroms* e pelas perseguições aos judeus em todos os países em que viveram nos últimos 2 mil anos. De mais a mais, a ciência moderna reconhece a natureza hereditária dos traços de caráter, particularmente aqueles profundamente enraizados no decorrer de gerações.

O casamento misto pode resultar, cedo ou tarde, em conflito e infelicidade intermináveis. Ainda que um relacionamento casual, ou mesmo sério, no passado tenha indicado compatibilidade, não há prova de que isso perdurará depois do casamento. Ao contrário, é inevitável que duas pessoas de formação e antecedentes tão divergentes, uma delas oriunda de um povo oprimido e vitimizado por gerações, a outra de um mundo de opressores e predadores, sejam afetadas por forças hereditárias.

Nenhuma mudança

Quem disse que as pessoas não mudam? Mesmo que um casal esteja feliz e profundamente apaixonado, e tenha decidido se casar não obstante as diferenças religiosas, quem assegura que eventos futuros não revertam seus sentimentos? Há inúmeros fatores que podem mudar os sentimentos de uma pessoa.

O Rei Shelomô declara: “Estou dormindo, mas meu coração está desperto.” Um judeu pode estar dormindo

espiritualmente mas, no íntimo, seu coração judaico está sempre desperto e, a certa altura, será estimulado. Depois de anos de matrimônio, quando grande parte do relacionamento transforma-se em rotina, a alma e o coração judaicos podem ser despertados para procurar o significado mais profundo da vida. Pode haver uma busca pela espiritualidade e a descoberta renovada das próprias raízes.

Considere o fato de que estes sentimentos não serão compartilhados por seu cônjuge. Ele não entenderá e nem sentirá as mesmas emoções, e você estará sozinho. Por outro lado, um parceiro judeu significa uma história compartilhada, e um destino em comum.

Mas dá certo!

Existe, obviamente, o argumento de que a porcentagem de casamentos mistos é considerável, e muitos parecem perdurar. Entretanto, as estatísticas mostram que a porcentagem de separações e divórcios entre estes casais é muito maior que no âmbito de pessoas da mesma fé. Em segundo lugar, muitos casais tentam manter a aparência de um casamento “feliz”, tendo vergonha de confessar o fracasso e revelar os conflitos e indignidades que ocorrem no lar. Num casamento misto, a sensação de vergonha é ainda maior, pois o casal sempre insistira que, no seu caso, as coisas seriam diferentes, não obstante as advertências de amigos e parentes.

Simplesmente não está certo

Para ser franco – no sentido comum da palavra – ninguém gostaria de arrastar o seu parceiro para uma aliança que é problemática desde o início. Se existe um verdadeiro amor entre as partes, que não é egoísta, deve-se abrir mão do prazer imediato e efêmero, para poupar o outro de um resultado problemático. Caso contrário, o amor professado é apenas egoísta.

Se houver filhos desta união, existe a consideração adicional de que estes talvez tenham de testemunhar conflitos – ou algo pior – entre os pais, no que diz respeito a assuntos pertinentes às passagens da vida.

É necessário enfatizar que a conveniência pessoal, o desejo ou a gratificação pessoais não são justificativas para o indivíduo se envolver com algo que está errado, e especialmente envolver outra pessoa – menos ainda a pessoa amada – neste tipo de situação, ainda que o outro condescenda sinceramente. Ninguém tem o direito de magoar outro.

Um casamento judaico

Um casamento judaico é chamado de *Binyan Adei Ad* – um edifício duradouro. Para que o edifício do casamento seja realmente forte e duradouro, tudo que estiver relacionado a ele, bem como ao estabelecimento do lar do casal, deve estar de acordo com as instruções da Torá. A Torá é denominada *Torat Chaim* – a Torá de Vida – sendo a fonte da vida eterna no Mundo Vin-

douro, bem como um verdadeiro manual para a vida na Terra.

A analogia do casamento com um “edifício duradouro” não é apenas uma figura de linguagem, mas contém igualmente uma ideia e um princípio moral importantes. No caso de qualquer estrutura, o primeiro e mais importante passo é assegurar a qualidade e a resistência dos alicerces. Sem uma fundação sólida, todos os esforços investidos nas paredes, no teto, nas decorações e em tudo o mais, serão inúteis. Isso é ainda mais verdadeiro no que tange à estrutura do casamento; se os seus alicerces são instáveis, que tragédia poderá resultar! É por esta razão que um casamento judaico deve, antes de mais nada, basear-se na fundação sólida como rocha da Torá e das *mitsvot*. Então, a bênção de alegria e felicidade acompanhará o casal pelo resto da vida.

A Torá proíbe explicitamente o casamento misto. Este tipo de união não tem alicerces e não será um edifício duradouro. Na verdade, o casamento de um judeu com um não-judeu é considerado uma das maiores calamidades, e não somente do ponto de vista religioso. Não se trata apenas de um assunto puramente pessoal, que só afeta a pessoa envolvida, mas diz respeito ao povo judeu como um todo, e há poucas transgressões que afetem tanto o povo judeu quanto um casamento misto, D’us não o permita. É uma transgressão também contra a honestidade básica da pessoa, pois é extrema-

mente injusta tanto com relação à outra parte quanto com os respectivos amigos, que desejam ver a felicidade perene do casal.

Devo casar-me com uma judia somente porque ela é judia?

Muitos jovens sentem-se pressionados pelos pais a procurarem um cônjuge judeu e, embora a escolha seja mais ampla no mundo não-judaico, eles se sentem obrigados a casar-se com alguém da comunidade por um senso de dever. Com frequência perguntam qual a diferença entre o judeu e o não-judeu – ambos vestem-se da mesma maneira, partilham valores em comum, comem a mesma comida. Se um homem se depara com uma opção entre duas mulheres, uma judia e a outra não, deve casar-se com a primeira somente porque ela é judia?

A resposta é um “Sim” inequívoco! Sim, porque ali existe o potencial para um casamento verdadeiramente judaico. Embora no momento aparentemente não haja diferença entre a um judeu e um não-judeu, à medida que as pessoas ficam mais velhas, amadurecem e mudam. As vicissitudes, os conflitos e os desafios da vida arrastam a pessoa para todas as direções. Se pelo menos alguém se casar com um judeu, existe base e potencial comuns para crescer. Este certamente não é o caso num casamento misto.

No entanto, por mais categórica que seja a respos-

ta “sim”, ela contém em si um poderoso conselho. A instituição do casamento – de qualquer casamento – precisa de muito empenho. É absolutamente imperativo que dois jovens judeus que desejam se casar examinem o imenso repositório de conhecimento que a Torá tem para lhes oferecer e para guiá-los na sua vida em comum. Os casais devem aprender sobre as leis de *Taharat Hamishpachá* – as Leis de Pureza Familiar – que aprimoram o casamento. Devem aprender a grande importância atribuída ao *Shelom Bayit* – a paz no lar – e como administrar um lar *casher*. Devem aprender sobre a importância do *chinuch* – educação – desde a mais tenra idade. Nenhum casamento pode ser considerado como algo assegurado. Como acima mencionado, as diretrizes Divinas da Torá devem servir de alicerce para um bom casamento, mas o marido e a mulher devem entender que precisam trabalhar muito a fim de implementar estas diretrizes, e coroar o casamento de sucesso.

A conversão é uma opção?

A conversão é algo muito sério. Faça a si mesmo esta pergunta: a conversão é feita por um desejo verdadeiro de tornar-se judeu, independentemente de qualquer parceiro em perspectiva, ou é uma conversão *pro forma*, para agradar aos pais? Uma conversão séria pode levar anos, e envolve mudanças importantes no estilo de vida e no comportamento.

Fazer uma conversão “cosmética” não é, obviamente, a solução para uma pessoa bem intencionada, e é mais abominável ainda para uma pessoa honesta. Uma verdadeira conversão tem de transformar um não-judeu num judeu, com uma nova *neshamá* (alma) judaica, como uma criança recém nascida de pais judeus. Este tipo de conversão é feito estritamente de acordo com a *Halachá*, caso contrário nada mais é que falsidade e zombaria.

A *Halachá* é bastante clara em sua insistência para que o convertido em perspectiva aceite honesta e sinceramente todas as *mitsvot*. A não aceitação de uma única *mitsvá* invalida automaticamente a conversão. Naturalmente, é possível enganar um rabino ou uma Corte Rabínica declarando a intenção de aceitar todas as *mitsvot*, mas não se pode enganar o Criador, Aquele que permeia e inspira a *neshamá*.

Existe o bem conhecido argumento de que é injusto exigir que um convertido em potencial cumpra mais *mitsvot* do que muitos judeus observam na prática. Este debate é inadmissível, pois trata-se de uma exigência e estipulação da Lei Judaica, à qual o convertido em potencial deve se comprometer inequivocamente, por inteiro.

Uma palavra de cautela: dentro da comunidade judaica atual, é possível realizar a conversão numa instituição ortodoxa, ou numa instituição progressista. É importante deixar claro desde o início que uma conversão ortodoxa

é aceita em todos os círculos judaicos, ao passo que os ortodoxos não aceitam uma conversão progressista. A conversão numa instituição progressista constitui, por si só, um risco, pois a identidade judaica do convertido não é universalmente reconhecida.

Isso é análogo a um caminho mais longo, porém ao mesmo tempo mais curto. Para chegar a um destino específico, é possível optar por uma rota mais longa que, na verdade, pode vir a ser a mais curta. Pode-se optar por uma rota mais curta, que se revelará muito longa. Uma conversão ortodoxa é o caminho mais longo-mais curto. Talvez seja árduo e demore muito tempo, mas é o caminho mais curto para o reconhecimento universal. Uma conversão progressista pode ser relativamente fácil mas, em última análise, é uma rota muito longa, pois o resultado final não é reconhecido. É motivo de grande choque para muitos filhos descobrir que o estabelecimento ortodoxo não os considera judeus, uma vez que seus pais fizeram conversões progressistas.

Quando alguém se casa, deve tentar enxergar longe. Não pode pensar apenas em si mesmo. Deve levar em consideração o *status* dos seus descendentes. Assim como todos os pais desejam fazer o melhor para os filhos, devem também assegurar que seus descendentes não tenham qualquer problema quanto ao seu *status* judaico. Da mesma forma, quem quer que considere a conversão com seriedade, deve consultar uma autoridade rabínica competente. Sugerimos ao leitor o livro

Who is a Jew [*Quem é Judeu*], do Rabino J. E. Schochet, que aborda este tema com profundidade.

Conselho aos pais

Os pais muitas vezes procuram aconselhamento rabínico sobre como impedir um casamento misto.

Na verdade, são necessários dois conselhos. Um antes da crise e o outro, depois. Quando nasce uma criança, desejamos “*mazal tov*” aos pais. Em muitos casos, logo depois do *mazal tov*, os pais colocam o nome do recém-nascido nas listas de espera das melhores escolas da região. Ouve-se com frequência os pais afirmarem que desejam dar aos filhos a melhor educação possível. Querem dizer com isso que desejam expor os filhos aos mais altos níveis de educação acadêmica disponíveis no mundo secular, associados a uma frágil educação pré *bar mitsvá* nos fundamentos do Judaísmo. Esperam que seu filho seja secular, instruído, moderno e que tenha a mente aberta. Declaram então que depois desta educação tão ampla, o filho estará apto para optar com quem deseja se casar. Quando ele decide casar-se com um não-judeu, os pais correm a procurar o rabino, para que este dê um jeito. Alguns pais se resignam com a situação, enquanto outros procuram uma conversão *pro forma*.

Na verdade, este tipo de educação não propicia ao filho livre escolha. Se a opção for entre um laboratório científico bem equipado e uma sala de aula abarrotada

numa velha sinagoga, com um professor enfadonho, certamente a escolha recairá sobre o laboratório!

Conta-se uma história a respeito de um indivíduo a quem perguntaram se ele sabia o que era um *talit catan*. Ele respondeu afirmativamente, indicando em seu próprio corpo o tamanho de *tsitsit* apropriado para um menino de sete anos – provavelmente do tipo que ele usara na escola hebraica. Perguntaram-lhe então que tamanho de terno ele usava. Quando ficou perplexo com a pergunta, retrucaram-lhe por que se enxergava num *tsitsit* de tamanho infantil, se agora vestia um terno de adulto?

O ponto central da história é simples. A concepção que o indivíduo tem do Judaísmo é infantil, porque em todas as outras disciplinas – matemática, história, ciências etc. – ele atingiu um nível de educação superior, e no Judaísmo parou no *bar mitsvá*. Não é de admirar que ele opte pela assimilação, pois sua escolha parece estar entre um mundo moderno adulto e um passado arcaico e irrelevante.

Se é desejo dos pais dar aos filhos uma verdadeira opção, precisam propiciar-lhes uma forte educação e identidade judaicas. Somente então poderá ser feita uma escolha fundamentada.

Um pai certa vez levou a filha até um rabino, pedindo-lhe que a convencesse a não fazer um casamento misto. O rabino perguntou à moça por que ela não queria se casar com um judeu. Ela retrucou que o pai ja-

mais a levava à sinagoga, em sua casa nunca comeram *casher*, jamais guardaram o *Shabat* ou os Dias Festivos – ou seja, viviam exatamente como seus vizinhos não-judeus. Sendo assim, por que esta hipocrisia agora, de exigir que ela se case com um judeu! O rabino voltou-se para o pai e disse que concordava com a moça. O pai ficou perplexo, alegando que levava a filha ali para que o rabino a dissuadisse, e não para que concordasse com ela. O rabino respondeu que, na verdade, para que ela não se casasse com um não-judeu, o pai tinha que começar a viver como judeu. Sugeriu que ele colocasse *tefilin* diariamente, e que sua esposa passasse a acender velas de *Shabat*. Após muita persuasão, a filha terminou por se casar com um judeu.

Viver como judeu – este é o conselho antes da crise, pois a prevenção é o melhor remédio. Contudo, o que acontece se alguém já se encontra em crise?

Os pais, é óbvio, devem intensificar seus próprios esforços, bem como pedir a ajuda dos amigos, para impedir a tragédia. Quando se trata de um coração judeu, nunca se sabe quando e como seus sentimentos judaicos inatos serão despertados. No entanto, os pais devem considerar o seguinte:

Todos os membros de uma família judaica constituem um só organismo e, quando uma parte dele precisa de tratamento, este pode ser dispensado de duas maneiras: diretamente, se possível, ou indiretamente, por meio do fortalecimento das outras partes do cor-

po, em especial daquelas que comandam as funções de todo o organismo. O cabeça da família é chamado *baal habayit*, e a esposa é chamada *akeret habayit*, que corresponde ao coração da família. Assim, fortalecer o engajamento dos pais com a Torá e as *mitsvot* produz um efeito benéfico em todos os membros da família. É claro que isso implica, às vezes, algumas dificuldades, uma vez que se fazem necessárias certas mudanças, talvez até mesmo radicais, nos hábitos e no estilo de vida. Por outro lado, quando se considera os benefícios de longo alcance, especialmente o fato de que para os pais nada é difícil demais quando se trata do benefício dos filhos, que importância pode ser atribuída a dificuldades que, muitas vezes, são vistas de modo exagerado? Qualquer que seja o caso, espera-se e exige-se sempre que um judeu viva segundo a Vontade de D'us; ainda mais quando se necessita de uma bênção Divina especial.

Ao mesmo tempo, existe a certeza de que, qualquer que tenha sido a conduta da pessoa no passado, um judeu sempre pode começar uma nova vida por meio da *teshuvá*, que significa literalmente retornar à própria essência.



9

Qual o Papel da Mulher no Judaísmo?

Na família judaica, a esposa e mãe é chamada em hebraico *akeret habayit*. Isso significa literalmente o “esteio” da casa. É ela quem, em grande parte, determina o caráter e a atmosfera do lar.

D’us exige que um lar judaico – todo lar judaico – tenha um caráter judaico não somente no *Shabat* e nos Dias Festivos, mas também nos dias comuns e em assuntos cotidianos. Deve ser um lar judaico em todos os aspectos.

O que torna um lar judaico especial é o fato de ele ser conduzido, em todos os detalhes, segundo as diretrizes da Torá. Desta forma, o lar se transforma numa morada para a Presença de D’us, um lar para a Divindade, sobre o qual D’us declara: “E Me farão um santuário e morarei entre eles” (Shemot 25:8).

É um lar no qual a Presença Divina é sentida todos os dias da semana; não só durante na prece e no estudo da Torá, mas também durante a realização de atividades muito corriqueiras, tais como comer, beber, e outras, segundo a diretriz: “Conhece-O em todos os teus caminhos.”

É um lar no qual a hora da refeição não é apenas um

tempo dedicado para comer, mas um serviço a D'us, santificado pela ablução das mãos antes da refeição, pela recitação da bênção antes de comer e pelas Graças após a refeição, e cada alimento ou bebida trazidos para casa são estritamente *casher*.

É um lar em que o relacionamento mútuo entre marido e mulher é santificado pelo cumprimento metucioso das leis de *Taharat Hamishpachá* (Leis de Pureza Familiar, que incluem a ida ao *micvé*), e permeado com a consciência do terceiro “Parceiro” ativo – D'us – na criação de uma nova vida, no cumprimento do Divino mandamento “Frutificai e multiplicai”. Isso assegura também que os filhos nasçam em pureza e santidade, com coração e mente puros, que lhes permitirão resistir à tentação e evitar as armadilhas do ambiente quando crescerem. De mais a mais, a estrita observância de *Taharat Hamishpachá* é um fator fundamental na preservação da paz e da harmonia (*Shelom Bayit*) no lar, que assim é fortalecido – obviamente, um fator essencial na preservação da família enquanto unidade.

É um lar onde os pais sabem que sua primeira obrigação é instilar nos filhos, desde a mais tenra idade, o amor e o temor de D'us, permeando-os da alegria de cumprir as *mitsvot*. Não obstante seu desejo de propiciar aos filhos todas as boas coisas da vida, os pais judeus sabem que o maior, na verdade o único, legado real e eterno que lhes podem conceder é fazer da Torá, das *mitsvot* e das tradições judaicas sua fonte de vida e

um guia para a conduta diária.

Em tudo o que foi dito acima, a esposa e mãe judia – a *akeret habayit* – desempenha um papel fundamental, o mais importante de todos. Cabe a ela – e em muitos aspectos, somente a ela – a grande tarefa e o privilégio de dar ao lar uma atmosfera realmente judaica.

Ela recebeu a tarefa, e está incumbida da *Cashrut* dos alimentos e bebidas que entram na sua cozinha e são colocados à mesa. Ela recebeu o privilégio de dar as boas vindas ao sagrado *Shabat*, acendendo as velas na sexta-feira, antes do pôr do sol. Assim, ela ilumina real e simbolicamente o seu lar com paz e harmonia, e com a luz da Torá e das *mitsvot*. É em grande parte por seus méritos que D'us concede as bênçãos da verdadeira felicidade ao seu marido e filhos, e a toda à família.

Além de *mitsvot* tais como o acendimento das velas, a separação da *chalá* da massa, e outras que a Torá confiou especialmente às filhas judias, existem assuntos que, seguindo a ordem natural das coisas, estão sob o domínio da mulher. O motivo para isso estar na ordem natural é o fato de originar-se da ordem supranatural da santidade, que é a fonte e a origem do bem no mundo físico. Isso diz respeito à observância de *Tarahat Hamishpachá* que, por sua própria natureza, está nas mãos da mulher. O marido é encorajado a facilitar esta observância mútua e certamente a não impedi-la, D'us não permita. Porém a principal responsabilidade – e privilégio – recai sobre a esposa.

Esta é a grande tarefa e missão que D'us concedeu às mulheres judias – observar e disseminar o cumprimento de *Tarahat Hamishpachá* e de outras instituições vitais da vida familiar judaica. Pois além de constituírem as *mitsvot* fundamentais e a pedra angular da santidade da vida familiar judaica, bem como estarem relacionadas ao bem-estar físico e espiritual dos filhos, estas leis permeiam e se estendem a todas as gerações judaicas, por toda a eternidade.

Deve-se lembrar que o Criador dotou cada mulher judia com a capacidade de cumpri-las na vida diária, da maneira a mais completa, caso contrário não seria lógico ou justo que D'us desse obrigações e deveres impossíveis de serem cumpridos.

Deve-se observar que o próprio Judaísmo da pessoa depende da mãe. De acordo com a Lei Judaica, é considerado judeu o filho de mãe judia. Se apenas o pai for judeu, o filho não é considerado judeu. Este fato indica o papel fundamental da mulher na preservação da identidade e dos valores judaicos.

Isso não significa que o lugar da mulher judia é somente no lar, e que ela não deveria ter uma carreira. Ao contrário, é a constatação de que o papel mais importante da mulher judia é o de dona de casa – o lar e a família são o núcleo da comunidade judaica. Os psicólogos modernos reafirmam cada vez mais o que a Torá sempre nos ensinou: que um lar seguro e amoroso, construído sobre valores éticos e morais sólidos,

constitui o elemento básico da sociedade. Ter uma carreira *às custas* do abandono das próprias obrigações e privilégios nesta área, é um equívoco.

Quando uma mulher judia cria um lar judaico e educa seus filhos na Torá e nas *mitsvot*, é merecedora do elogio do Rei Shelomô: “Uma mulher de valor, quem pode encontrar... uma mulher temente a D’us, ela deve ser louvada.”

De volta às raízes

Toda mulher judia é descendente das Matriarcas Sara, Rivca, Rachel e Lea. Cabe a cada mulher judia lembrar suas raízes.

Na verdade, ao refletir sobre as funções vitais das raízes no mundo vegetal, pode-se deduzir, por meio de uma analogia, uma lição para a mulher judia contemporânea.

As raízes são a fonte de vitalidade da planta desde o seu nascimento, quando a semente cria raízes, e depois, quando a leva a produzir frutos, nutrindo-a constantemente durante a vida com os elementos vitais da água e os minerais do solo.

Embora as raízes também trabalhem para sua própria existência, crescimento, desenvolvimento e força, sua função principal é nutrir a planta e assegurar o seu crescimento, bem como seus poderes regeneradores por intermédio da produção de frutos, e de frutos dos frutos. Ao mesmo tempo, as raízes servem de base e ar-

rimo firmes, para que a planta não seja levada pelo vento ou danificada por outras intempéries da natureza.

É nesse sentido, das funções básicas das raízes físicas, que podemos entender nossas raízes espirituais. As “raízes fundamentais” do povo judeu são nossos Patriarcas Avraham, Yitschac e Yaacov, como declaram nossos sábios: “Somente três são chamados *Avot* (Pais)”. No lado materno, nossas raízes são nossas Mães Sara, Rivca, Raquel e Lea. Cada um desses fundadores e construtores da Casa de Israel contribuiu com uma qualidade distinta que, em conjunto, produziu o caráter singular do povo judeu.

O mais típico e original (em termos de ascendência) é o Patriarca Avraham, sobre quem está escrito: “Único foi Avraham”, pois ele foi o único em sua geração a reconhecer a unidade de D’us e, com autossacrifício total, proclamou a Unicidade de D’us (monoteísmo puro) para um mundo mergulhado no politeísmo e na idolatria.

Seus descendentes, o povo judeu, ainda são únicos na continuação de sua obra – uma pequena minoria num mundo que tem muitos deuses. É dele que herdamos e extraímos força, o atributo de *Messirut Nefesh* (autossacrifício), bem como a suprema obrigação de transmitir nosso legado aos nossos filhos; pois seu grande mérito, mediante devoção e dedicação totais a D’us, foi “ele legou aos seus filhos e descendentes que guardassem os caminhos de D’us.”

Ao se referir aos nossos Patriarcas como “raízes”, nossos Sábios indicam mais um aspecto essencial das raízes, que vai além do papel dos pais. Estes certamente têm filhos e transmitem-lhes algumas de suas próprias qualidades físicas, mentais e espirituais. No entanto, os filhos não dependem diretamente dos pais para a sua sobrevivência; podem afastar-se do lar paterno, e continuarão a prosperar depois que os pais se forem. O mesmo não se aplica a uma planta e suas raízes. As raízes são indispensáveis para a existência da planta, e sua energia vitalizadora deve fluir continuamente para manter a planta viva e vicejante. Da mesma maneira, nossos Pais e Mães devem sempre vitalizar e alentar nossas próprias vidas.

Cada judeu e judia deve entender que faz parte do grande “sistema de raízes” que teve início com nossos Patriarcas e Matriarcas, e continuou a brotar ao longo das eras, nutrindo e sustentando nosso povo, que D’us chama de “um ramo da Minha planta, a obra de Minhas mãos, para ter orgulho deles.”

Porém, infelizmente, existem alguns judeus que, por um motivo ou outro, não são conscientes de suas raízes, e outros ainda cujas raízes ficaram tão atrofiadas a ponto de correrem perigo de secar (D’us não permita). Portanto, cabe às plantas e raízes saudáveis trabalhar para reviver e fortalecer as outras, auxiliando-as a redescobrir sua identidade e seu lugar no sistema de raízes de nosso povo singular.

Nesta obra de salvar vidas, o papel da mulher judia é de suprema importância, pois ela é a *akeret habayit*, o alicerce do lar, que em grande parte determina o caráter e a atmosfera da família, e o futuro dos filhos em particular.

Tendo isso em vista, não pode haver maior realização para uma menina judia do que preparar-se para o seu papel vital de construir a Casa de Israel como uma digna descendente das Matriarcas. Como indicado acima, trata-se de um processo duplo: buscar ativamente o próprio crescimento e desenvolvimento e, ao mesmo tempo, atuar pela preservação e crescimento do nosso povo, difundindo e fortalecendo o *Yidishkeit* na comunidade judaica em geral, especialmente nas áreas em que mães e filhas judias mais podem contribuir, tais como *Cashrut*, *Taharat Hamishpachá*, acendimento das velas etc.

Prosseguindo com a analogia das raízes, temos um ponto relevante adicional: não se procura a cor mais brilhante ou a beleza externa nas raízes, nem estas estão preocupadas com o que algumas pessoas poderiam dizer a respeito da sua aparência. As raízes fazem o seu trabalho humildemente, na verdade, ocultas durante a maior parte do tempo. Assim é o trabalho das verdadeiras mães e filhas judias.

Num mundo em que a última moda é dominante, e a conveniência muitas vezes tem precedência sobre valores e princípios eternos, nossas valorosas mães e

filhas não estão preocupadas com o que alguns vizi-nhos ou transeuntes possam dizer sobre sua maneira de se comportar e sobre seus lares de acordo com a lei da nossa sagrada Torá. Se elas parecem “antiquadas” para o observador, com suas ideias “modernas” de “nova moralidade”, nós judeus nos orgulhamos de nossas raízes “antiquadas” – porém sempre novas e eternas; empenhamos todos os esforços para nos tornarmos cada vez mais arraigados e fiéis às primeiras raízes do nosso povo judaico, que D’us designou de “um reino de sacerdotes e uma nação sagrada”.

A verdadeira riqueza judaica

Bem faríamos bem em lembrar o dito chassídico:

A verdadeira riqueza judaica não é o dinheiro, nem tam-pouco a propriedade. A riqueza judaica eterna consiste em sermos judeus que guardam a Torá e as *mitsvot*, e que trarão ao mundo filhos e netos que guardem a Torá e as *mitsvot*.



10

A Fé Depois do Holocausto

Sessenta anos depois, as pessoas ainda fazem as mesmas perguntas: onde estava D’us durante o Holocausto? Como se pode acreditar em D’us depois do Holocausto? Se D’us é bom e justo, como pôde Ele permitir que o Holocausto acontecesse? Por que D’us não fez milagres durante o Holocausto?

Quem faz as perguntas?

As perguntas, por si só, apenas podem ser feitas por alguém que acredita, pois se a resposta for que não há D’us (D’us não o permita), então não há perguntas. Sem D’us o mundo não tem destino ou propósito. Os seres humanos podem decidir agir segundo a sua vontade, pois não há contas a prestar. Super-raças podem ser formadas, e somente os mais aptos sobreviverão. Num mundo sem D’us o Holocausto não é uma questão teológica, mas uma constatação de até que ponto o ser humano pode descer. A pergunta se torna retórica – não “onde estava D’us durante o Holocausto?” mas “Onde estava o homem durante o Holocausto?”

O próprio fato de que mesmo os que alegam não crer perguntam incessantemente onde estava D’us, é

na verdade a maior prova de que, no fundo do coração, eles também crêem que haja um D'us, mas apenas anseiam por uma resposta. Para ser mais benevolente, poder-se-ia dizer que, na verdade, desejam acreditar em D'us mas o Holocausto apresenta uma indagação de proporções tão dramáticas que eles sentem que é impossível crer.

Para o verdadeiro crente não deveria haver dúvidas. Ele cita o versículo (Devarim 32:4,5): “A Rocha! – perfeita é a Sua obra, pois todos os Seus caminhos são justiça; um D'us de fé sem iniquidade, bom e justo Ele é.” Sua fé não é desafiada pelo fato de não entender, pois qual é o mortal que pode realmente compreender os desígnios do Todo Poderoso?

No entanto, o próprio fato de ele ser humano e mortal, e de estar terrivelmente perturbado e abalado, faz com que questione. Por conseguinte, alguma resposta, mesmo que incompleta, deve ser dada para que o crente possa continuar a servir ininterruptamente, e sem se perturbar.

Fé versus tragédia

O conflito entre tragédia e fé não é novo. Qualquer pessoa instruída em história judaica perceberá que nosso povo passou pelas mais terríveis perseguições e genocídio nas mãos de muitos opressores. O judeu crente de 1940 sabia sobre os *pogroms*, as cruzadas, a destruição dos Templos; ele lia em voz alta, na noite

do *Sêder*: “Em cada geração eles se erguem sobre nós para nos destruir” e, mesmo assim, isso não abalava a sua fé. O anti-semitismo não era novidade.

O mesmo método pelo qual o judeu de 1940 sabia sobre o passado e, não obstante, mantinha sua fé, poderia ser empregado depois do Holocausto. A questão filosófica de “O Juiz da terra não fará justiça?” aplica-se tanto ao sofrimento aparentemente sem sentido de um indivíduo como ao de seis milhões de pessoas. Se pôde ser tratada numa base individual antes do Holocausto, poderia ser tratada da mesma maneira depois. A diferença é de quantidade, mas a qualidade da pergunta permanece a mesma.

Na verdade, porém, a Solução Final de Hitler foi algo novo, no sentido de que poucas pessoas acreditavam que no século 20, quando a civilização atingira seu auge ético e intelectual, este tipo de genocídio fosse concebível. O consenso público, apoiado pela mídia, nos assegurava que não mais poderíamos retornar à Idade Média. Contudo, os filósofos e poetas de Berlim, com sua fina educação da alta sociedade, transformaram-se nos maiores assassinos do mundo. O Holocausto não só foi perpetrado por monstros, como também aceito por um país inteiro, de quase cem milhões de pessoas.

O mundo calou-se. E pode-se acrescentar, não apenas permaneceu em silêncio, mas também passivo, às vezes confortável com o que estava ocorrendo, e feliz

por não serem eles, e sim outros, que estavam executando as atrocidades.

A história do Holocausto demonstra claramente que o homem não pode confiar em seu próprio intelecto e em seus próprios sentimentos quando se trata de integridade e justiça. Aqueles que tinham os mais importantes diplomas e titulações universitárias muitas vezes foram cúmplices, se não perpetradores diretos, do assassinato a sangue frio. O ser humano deve ser responsabilizado e prestar contas. A ordem “Não matarás” deve Ter como premissa “Eu sou o Eterno, teu D’us”.

Os grandes crentes questionaram?

A questão “O Juiz da terra não fará justiça?” (Bereshit 18:25) pode ser autêntica e importante unicamente quando irrompe do coração sofrido de alguém com profunda fé. O primeiro a fazer esta pergunta foi nosso Patriarca Avraham, ele próprio um homem de grande fé e pai de todos os crentes que, ao receber ordens para oferecer seu amado filho Yitschac em sacrifício, não questionou. “E Avraham levantou-se cedo pela manhã.” – ele levantou-se para cumprir a Vontade de D’us prontamente.

O primeiro a fazer a pergunta: “Por que os justos sofrem e os perversos prosperam?” foi ninguém menos que Moshê. Moshê – o mesmo que nos tirou do Egito, abriu o mar, postou-se no Sinai e ouviu os mandamentos “Eu sou o Eterno, teu D’us, não terás outros deuses

perante Mim” – também questionou. (O termo “outros deuses” pode ser igualmente uma referência ao intelecto e à compreensão humanos, quando estes se transformam no árbitro final dos assuntos éticos do homem.)

O Talmud (Menachot 29b) relata que foi mostrado a Moshê como o grande Rabi Akiva sofreu uma morte tortuosa nas mãos dos romanos. Quando Moshê os viu passar ancinhos de ferro sobre a carne de Rabi Akiva, exclamou: “É esta a Torá e é esta a recompensa?!” A resposta que veio do Alto foi: “Silêncio, assim surgiu no pensamento (de D’us)”.

O problema com o questionamento de Moshê não foi que ele verbalizou um pensamento e depois foi calado. Foi o conteúdo da pergunta de Moshê que foi silenciado. Isso é um tanto perturbador, pois a resposta para esta pergunta foi, superficialmente, nenhuma. Moshê pediu uma racionalização e, em vez disso, recebeu uma ordem. Contudo, vemos que a questão não enfraquece de modo nenhum a fé de Moshê. Ao contrário, é somente a fé que permite aos grandes superar seus sofrimentos e tribulações.

Yirmiyáhu, que perguntou: “Por que os perversos são bem sucedidos em seus empreendimentos?” exortava continuamente o povo a restaurar sua fé em D’us. Iyov sofre terrivelmente e é escarnecido por seus amigos. Ele questiona, porém jamais perde a fé.

Não é de admirar que todos os notáveis que questionaram permaneceram fiéis. A questão em si baseia-

-se num desejo fundamental de justiça. A premissa da fé é que a justiça existe e, no final, será cumprida. Esta ideia de justiça origina-se de uma fonte sobre-humana que está além dos limitados intelecto e compreensão humanos. Portanto, quando não se vê que a justiça está sendo feita, isso abala não só o intelecto mas o próprio âmago de quem questiona. Contudo, após um breve momento de dor e protesto, ao indivíduo percebe que está tentando compreender o incompreensível, apreender pelo intelecto aquilo que é mais elevado que o próprio intelecto. Em seguida ele se dá conta de que este tipo de reação não é cabível e, por mais que sofra, retira-se sabendo que, embora não possa compreender neste momento o que está acontecendo, o Supremo Juiz ministrará a justiça. Por meio da pergunta e pela expressão de sofrimento, sua fé é restaurada e fortalecida.

O Juiz de bilhões

Uma reflexão superficial sobre o fato de que D'us julga todos os homens em todos os tempos revela que o Juiz sobre quem falamos é sobre-humano. O fato de não compreendermos Seus caminhos não serve para desqualificá-Lo, mas resulta da nossa incapacidade de entender Sua infinita sabedoria.

Veja por exemplo o que acontece hoje nos tribunais. Quantas pessoas inocentes são presas devido às falhas do sistema judicial e de seus juízes. Quantos

culpados caminham livremente pelas ruas. Os juízes e seus escreventes reclamam frequentemente do excesso de trabalho e de que a legislação impõe restrições em suas horas de trabalho. Em contraste, o Juiz de toda a Terra trabalha 24 horas por dia, lidando com os cinco bilhões de pessoas do planeta. Teria o homem o descaramento de questionar, ou mesmo de tentar entender?

Um homem primitivo numa sala de cirurgia

Em última análise, o ser humano se dá conta de que sua percepção é finita.

Imagine levar um homem primitivo até um moderno centro cirúrgico, para assistir a uma cirurgia cardiovascular. Primeiro ele vê pessoas com máscaras entrando na sala. Todos estão vestidos de verde, e usam luvas. Em seguida, um homem adormecido sobre uma mesa é trazido à sala, e um dos indivíduos de verde coloca uma máscara sobre seu rosto. Outro remove o lençol, e pede um bisturi. O homem primitivo observa horrorizado o cirurgião fazer a incisão.

Com seu conhecimento nulo da medicina moderna, o homem chega à terrível conclusão de que está testemunhando um assassinato a sangue frio. Do lugar de onde ele vem, não é assim que os homens são mortos. Eles morrem honrosamente em combate, não assassinados enquanto dormem! Isso tudo lhe parece errado. Seu senso de justiça é despertado, e ele protesta.

Tente explicar a este homem que a operação que

ele está prestes a testemunhar na realidade tem como objetivo salvar uma vida, e dará ao paciente uma nova chance de viver. Impossível – o homem não tem a menor ideia de higiene, muito menos de modernas técnicas cirúrgicas. Por mais que você lhe explique, ele vê aquilo como um assassinato. Talvez leve semanas, meses, ou até anos, para que ele compreenda.

Num certo nível, todos nós somos homens primitivos no centro cirúrgico de D'us. Nossa compreensão da cirurgia é limitada, e com frequência acusamos o Cirurgião Chefe sem entender que todas as operações são feitas para o bem do paciente.

D'us é o supremo bem. Ele é bom e Sua natureza é fazer o bem. Mesmo no sofrimento e na dor existe algum bem, embora este possa estar obscurecido para o sofredor. Nossa fé nos leva a crer que o Cirurgião sabe o que está fazendo.

O Holocausto foi um castigo?

Existem aqueles que alegam que o Holocausto foi uma punição pelos pecados daquela geração.

O Rebe rejeita esta opinião. Ele declarou (*Sefer HaSichot* 5751, vol. I pág. 233):

A destruição de seis milhões de judeus, de uma forma tão horrível que superou a crueldade de todas as gerações precedentes, não poderia ter sido um castigo pelos pecados. Nem mesmo o próprio Satã poderia encontrar

um número de pecados suficiente que justificasse tal genocídio!

Não há absolutamente qualquer explicação racional para o Holocausto, exceto pelo fato de que foi um decreto Divino... o porquê de ter acontecido está acima da compreensão humana – mas definitivamente não foi por causa de punição pelos pecados.

Ao contrário, todos os que foram assassinados no Holocausto foram chamados “*Kedoshim*” – sagrados – pois foram assassinados em santificação do Nome de D’us. Como eram judeus, somente D’us vingará o seu sangue. Como dizemos no *Shabat*, na prece *Av Harachamim*: “as comunidades sagradas que deram a vida pela santificação do Nome Divino... e vinga o sangue derramado de Teus servos, como está escrito na Torá de Moshê... pois ele vingará o sangue de seus servos... E nas Sagradas Escrituras está escrito... Que seja conhecido entre as nações, perante nossos olhos, a retribuição do sangue derramado de seus servos.” D’us descreve os que foram santificados como Seus servos, e promete vingar o seu sangue.

Tão grande é o nível espiritual dos *Kedoshim* – mesmo sem considerar sua situação no que concerne ao cumprimento das *mitsvot* – que os Rabinos dizem a seu respeito: “nenhuma Criação pode ficar no seu lugar.” O que não dizer, então, sobre aqueles que morreram no Holocausto,

muitos dos quais, como se sabe, encontravam-se entre os mais notáveis eruditos da Torá e judeus observantes da Europa?

É inconcebível que o Holocausto seja considerado um exemplo de punição pelo pecado, em particular no que diz respeito a esta geração que, como já mencionamos, foi “um tição arrancado do fogo” do Holocausto.

Em resumo, podemos apenas aplicar as palavras de Yeshayáhu: “Meus pensamentos não são teus pensamentos, e Meus caminhos não são os teus caminhos, diz o Eterno.” (Yeshayáhu 55:8)

A dimensão da alma

O Judaísmo acredita na existência da alma. Esta alma descende dos reinos celestiais para habitar o corpo durante setenta ou oitenta anos, depois dos quais retorna ao seu Criador. A alma existe antes de entrar no corpo, e existe depois de deixá-lo. Rabi Shneur Zalman de Liadi, no *Tanya*, descreve a alma como “uma parte de D’us acima”, uma centelha de Divindade que habita o corpo, para criar uma morada para o Todo Poderoso neste mundo. A filosofia chassídica explica com grande profundidade o propósito do descenso da alma e da Criação.

Deixando de lado qualquer filosofia profunda, até o mais simples dos homens entende que o corpo é concre-

to e físico, ao passo que a alma é etérea e espiritual. Ele entende ainda que a espada, o fogo e a água podem ter efeito sobre o corpo, mas nenhum efeito sobre a alma. Bastões e pedras podem ferir ossos físicos, mas não podem atingir a alma. Fica então óbvio que as câmaras de gás e os crematórios afetaram apenas os corpos daqueles mártires, mas não suas almas.

Ademais, é lógico considerar a alma como o principal componente do complexo corpo e alma. Do mesmo modo que todos concordam que a cabeça é mais importante que o pé, também os sentimentos e as ideias são mais importantes que a carne.

Com base nestas duas premissas, lógicas e fáceis de entender, fica claro que o Holocausto somente conseguiu separar o corpo da alma, mas não a destruiu. Ao contrário, a alma continua a viver muito depois de o corpo ter sido destruído.

Imagine se alguém olhasse para um aposento e visse uma pessoa chorando. Seria lógico concluir que ela passara a vida toda chorando? Inversamente, se alguém olhasse para um aposento e visse uma pessoa rindo, seria correto presumir que esta pessoa passou a vida toda rindo? Tais conclusões seriam ridículas. Todos nós sabemos que a vida de uma pessoa varia constantemente, tendo momentos de riso e também de lágrimas.

O mesmo se aplica aos judeus no Holocausto. O número exato de anos que viveram neste mundo deve ser visto no contexto do *continuum* da alma. Embora

tenham vivido fisicamente por tantos anos – alguns mais que outros e, no caso das crianças e bebês, alguns por um tempo bastante curto – em termos da escala de tempo da alma, que vive por milhares de anos, isto é apenas um breve momento! É verdade que quando contemplamos o Holocausto, vemos um momento intenso de destruição, mas por isso devemos concluir que esse é o estado da alma?

Não temos quaisquer relatos de primeira mão sobre a situação das almas do Holocausto no Mundo Vindouro, no entanto a Torá nos diz que a posição daqueles que morreram santificando o Nome de D’us é de fato muito alta. Podemos deduzir isso pelo seguinte episódio:

Menciona-se no livro *Maguid Meisharim (Parashat Tetsavê)* que Rabi Yossef Caro, autor do Código de Lei Judaica, estava destinado ao mérito de dar a vida pela santificação do Nome de D’us mas, por algum motivo, isso foi comutado e ele não mereceu morrer dessa forma. Continuou vivendo para se tornar a autoridade haláchica liderante de sua geração, e escreveu o Código de Lei Judaica, que seguimos até hoje. Mesmo assim, esta notável realização é considerada secundária ao martírio pela santificação do Nome de D’us. Por conseguinte, podemos ver que o martírio – e todos aqueles que pereceram no Holocausto foram mártires, pois morreram porque eram judeus – tem méritos da mais elevada ordem.

Para o judeu que acredita, não há dúvida que, em-

bora o momento de *Kidush Hashem* (santificação do Nome de D'us) tenha sido horrível em termos de dor e sofrimento físicos, isso não afetou a alma e, ao contrário, foi apenas um breve momento na sua vida, por meio do qual ela atingiu a eterna elevação. É frequentemente explicado e enfatizado na Torá que a vida nesta Terra é apenas uma preparação para a futura vida eterna no Mundo Vindouro. A Mishná (*Avot* 4:21) declara: “Este mundo é como uma ante-sala para o Mundo Vindouro; prepara-te no vestíbulo, para que possas entrar no palácio.” Se durante a permanência no vestíbulo houver um período de sofrimento por meio do qual haverá um ganho infinito no “palácio”, isso certamente valerá a pena. É impossível descrever as alegrias da vida da alma no Mundo Vindouro, pois mesmo neste mundo, em que a alma está conectada ao corpo, sua vida está num plano infinitamente mais elevado; o que não dizer quando a alma não é mais distraída pelo corpo. O sofrimento no “vestíbulo”, que nada mais é que uma ante-sala para o “palácio”, é apenas temporário, e o ganho é eterno.

Além disso, um dos fundamentos da nossa fé é o da ressurreição dos mortos. Não há qualquer dúvida de que todos os *Kedoshim* do Holocausto se erguerão no momento da ressurreição. Os muitos anos, belos e plenos, que sucederão à ressurreição certamente serão suficientes para dar-lhes a devida recompensa neste mundo por tudo que realizaram e merecem.

Submissão ou prece

Se o Holocausto foi um decreto Divino, por que os grandes líderes judaicos nos conclamam a tomar de assalto os portões do Céu com preces, para reverter qualquer decreto mau? Porventura não deveríamos certamente nos submeter à sabedoria de D'us, e não objetar?

O Rebe Anterior, que viveu ele próprio durante o Holocausto, proclamou que devemos suplicar e clamar perante o Rei Todo Poderoso, a fim de anular o perverso decreto da destruição. Mas de que vale protestar se esta foi a Vontade Divina?

De mais a mais, a Mishná em *Avot* (4:17) ensina: “Mais vale uma hora de arrependimento e boas ações neste mundo do que toda a vida no Mundo Vindouro; e mais bela é uma hora de beatitude no Mundo Vindouro do que toda a vida neste mundo.” Isso significa que se pudéssemos somar todos os prazeres mundanos, isso não igualaria uma hora no Mundo Vindouro. A felicidade espiritual e as recompensas do Mundo Vindouro são incompreensíveis e superam qualquer prazer mundano. Apesar disso, como D'us criou este mundo como o propósito da Criação, nas palavras do *Tanya*, “para criar uma morada para D'us neste mundo”, segue-se que uma hora no cumprimento do nosso propósito neste mundo – envolvidos em arrependimento e boas ações – é melhor que todas as recompensas espirituais do Mundo Vindouro.

Se este é o caso, o que justifica levar tantos judeus deste mundo, removendo sua oportunidade de levar uma vida de Torá e *mitsvot*? Que recompensa espiritual da alma iguala uma hora de arrependimento e boas ações neste mundo?

Além disso, há a lei de *Picuach Nefesh* (salvar uma vida). Esta lei declara que tudo deve ser feito para salvar uma vida, ainda que somente por um momento adicional. O mau sagrado dos dias, *Yom Kipur*, pode ser profanado para salvar uma vida. A lei vai mais além, ao declarar que mesmo o Sumo Sacerdote, quando realiza o serviço no Santo dos Santos, deve sair para salvar uma vida humana. Isso não só é permitido, mas obrigatório!

Como a vida humana é tão preciosa, tanto sob o ponto de vista haláchico como sob o filosófico, por que D'us agiu dessa forma? Por que o Holocausto, que exterminou seis milhões tão impiedosamente?

Já mencionamos que até os maiores crentes questionaram. Poderíamos reformular suas perguntas da seguinte maneira:

Eles acreditavam firmemente num D'us Infinito e Onipotente, e entendiam que tudo o que D'us faz é para o bem, porém sentiam que como D'us não é limitado, e o Médico Mestre pode tratar o paciente de diversas maneiras, por que a operação foi feita por um método tão drástico? D'us não poderia ter encontrado outro modo de tratar o paciente? Não haveria uma forma dis-

tinta para evitar tanta dor? Sim, talvez precisássemos da operação – por um motivo que somente D’us sabe – mas por que Ele escolheu estas técnicas cirúrgicas?

O assalto aos Portões Celestiais com preces foi para reverter os meios pelos quais o resultado da operação seria alcançado. A súplica foi: por favor, consegua o Teu resultado desejado usando um método mais agradável. Por que um remédio tão amargo?

E apesar disso, como já mencionado, após a explosão inicial de dor, eles concluíram e pronunciaram: “O Eterno é justo em todos os Seus caminhos.”

Memoriais ou ações

Jamais devemos esquecer o que aconteceu. Lembrar o que Amalek nos fez é um mandamento positivo. Nossa geração deve sempre ser lembrada e estar plenamente consciente dos acontecimentos e consequências do Holocausto. Especialmente dos atos de *Kidush Hashem*, não apenas daqueles que se ergueram para lutar, mas também daqueles que perseveraram no cumprimento da Torá em circunstâncias impossíveis.

Entretanto, além da recordação, há uma resposta tão ou mais importante ainda para o Holocausto. Quando o faraó no Egito procurou nos destruir, diz a Torá: “Mas quanto mais eles os afligiam, mais eles aumentavam e se espalhavam.” A verdadeira resposta para a Solução Final é construir uma vida e um lar verdadeiramente judaicos. Hitler tentou nos aniquilar; devemos reagir

construindo um mundo judaico mais engajado e numeroso. Na verdade, ficar remoendo demais um evento trágico, especialmente os acontecimentos devastadores do Holocausto, pode exaurir a energia do indivíduo e induzir o pessimismo. Este, por sua vez, pode afetar negativamente a reconstrução do Judaísmo e do povo judeu, que exige elementos de *bitachon* (confiança) e *simchá* (júbilo).

Uma fascinante nota histórica

Três dos períodos mais trágicos do povo judeu foram: depois da destruição do Primeiro Templo, após a destruição do Segundo Templo e na Idade Média, depois das Cruzadas. Como é fascinante observar que em cada um destes três períodos tenhamos testemunhado um crescimento fenomenal no desenvolvimento da Tradição Oral. Após a destruição do Primeiro Templo, viveram os Homens da Grande Assembléia, que acrescentaram muitas injunções e instaurações de leis rabínicas. Depois do Segundo Templo foram redigidos a Mishná e o Talmud, e na Idade Média os *Rishonim* adicionaram comentários detalhados aos textos originais. O mesmo padrão repetiu-se na era pós-Holocausto, pois tem havido um crescimento explosivo no estudo da Torá e na publicação de livros relacionados ao Judaísmo.

Não devemos dar aos nossos inimigos a solução final. Devemos intensificar o estudo da Torá e o cum-

primento das *mitsvot* pois, em última análise, a ação é o principal.



11

Como Lidar com o Luto?

É natural perguntar “por quê?” num momento de angústia. Uma resposta geral, realmente óbvia mas difícil de ser aceita num estado de sofrimento emocional, é que não é lógico limitar o Criador em Seus desígnios e ações para que estes se conformem ao entendimento de um ser humano criado.

Para citar uma ilustração simples: não se pode esperar que uma criança pequena entenda as ideias e ações de um professor erudito, embora este tenha sido criança um dia, e a criança de hoje tenha o potencial de sobrepujar o professor no devido tempo. Muito mais ainda quando se trata da infinita inteligência do Criador face a face com a inteligência finita e limitada de um ser humano criado.

A diferença entre um ser humano criado e seu Criador é absoluta. Nossos Sábios declaram que um ser humano deve aceitar tudo o que acontece, tanto as boas ocorrências quanto as incompreensíveis, com a mesma atitude positiva que “tudo que D’us faz é para o bem”, embora esteja além do entendimento humano.

Esta não é uma revelação tão grande porém, como diz a Torá, é difícil para um pessoa aceitar consolo num

momento de luto.

D'us, contudo, tornou possível aos seres humanos que entendessem alguns aspectos sobre a vida e a vida após a morte. Uma dessas verdades reveladas é que a *Neshamá* (alma) é uma parte da Divindade, e é imortal. Quando chega a hora de ela voltar ao Céu, deixa o corpo e continua sua vida eterna no Mundo da Verdade espiritual.

É também uma questão de bom senso perceber que aquilo que é a causa direta da separação da alma e do corpo (um acidente fatal, uma doença etc.) pode afetar somente alguns dos órgãos vitais do corpo físico, mas de maneira nenhuma, a alma espiritual.

Um outro ponto, também compreensível, é que durante a vida da alma sobre a Terra em parceria com o corpo, ela está necessariamente “incapacitada” em alguns aspectos, pelas exigências do corpo (tais como comer e beber). Mesmo um *tsadik* (pessoa justa) cuja vida inteira é consagrada a D'us, não pode escapar das restrições da vida num ambiente material e físico. Consequentemente, quando chega a hora de a alma voltar “para casa”, isto constitui basicamente uma libertação para ela, que faz a sua ascensão para um mundo mais elevado, não mais limitada por um corpo e ambiente físicos. A partir de então, a alma está livre para desfrutar da felicidade espiritual de estar próxima a D'us de maneira completa. Este certamente é um pensamento reconfortante.

Poder-se-ia perguntar: por que a Torá prescreve períodos de luto se é uma libertação para a alma? Na realidade, não existe aqui uma contradição. A Torá reconhece os sentimentos naturais de tristeza decorrentes da perda de um ente próximo e querido, cuja morte deixa um vazio na família. Certamente será sentida a ausência do ente querido e do contato físico com ele. Portanto, a Torá prescreve determinados períodos de luto para dar vazão a esses sentimentos, e para tornar mais fácil a recuperação do próprio equilíbrio e adaptação.

No entanto, deixar-se levar por estes sentimentos além dos limites estabelecidos pela Torá – o que resulta num desserviço a si mesmo e aos outros, bem como à *Neshamá* – significaria que a pessoa está mais preocupada com os próprios sentimentos do que com os sentimentos da *Neshamá* que ascendeu a novas alturas espirituais de felicidade eterna. Assim, paradoxalmente, prolongar de forma exagerada os sentimentos de tristeza, por causa do grande amor pelo ente querido que partiu, na verdade causa-lhe sofrimento, pois a *Neshamá* continua a se interessar pelos parentes que ficaram para trás, vê o que está acontecendo (melhor ainda que antes) e se alegra com eles quando estão felizes etc.

Embora a alma seja eterna e agora se encontre livre das limitações do corpo, está plenamente cônica do que acontece na família. Quando a alma vê que é causa de tristeza e luto além dos limites do razoável estabelecidos pela Torá, fica obviamente aflita, o que

não contribui para sua paz e felicidade.

Mesmo durante a permanência da alma nesta vida, o vínculo real entre os membros da família não é físico, mas espiritual. O que faz uma pessoa real não é a carne e os ossos, mas seu caráter e qualidades espirituais. Este vínculo permanece e todos aqueles que amaram a pessoa deveriam fazer o máximo para levar gratificação e elevação espiritual à *Neshamá* por meio de um maior apego à Torá em geral, e particularmente no âmbito relacionado com a partida da alma. Ou seja, observar aquilo que é prescrito para o período de *Shivá* mas não estendê-lo, e da mesma forma, no que tange ao período de *Shloshim* (trinta dias), e então servir a D’us mediante o cumprimento de Suas *mitsvot*, como o serviço deveria ser – com júbilo e alegria no coração.

A alma que se foi não pode mais cumprir as *mitsvot*, pois isso apenas pode ser feito neste mundo material em conjunto pela alma e pelo corpo. Isso também, pode ser parcialmente superado quando aqueles que ficaram para trás cumprem mais *mitsvot* e fazem boas ações em homenagem e em benefício da *Neshamá* que se foi.

A *Shivá* é, naturalmente, um período de tristeza e de luto pela alma de um ente querido que retornou ao Mundo da Verdade. Uma alma judaica é descrita na Torá como “a lamparina de D’us”, pois seu propósito nesta Terra é difundir a luz da Divindade. Sua partida é motivo de luto, conforme prescrito na Torá. No entanto, não se deve esquecer que a alma é eterna. Nem tam-

pouco que até mesmo um acontecimento tão doloroso vem de D’us e, portanto, não pode haver dúvida de que há nele um bom propósito.

Contudo, o objetivo essencial da *Shivá* é que “os vivos devem refletir em seu coração” (Cohêlet 7:2). Isso significa que aqueles que ficaram para trás devem examinar seu coração e fazer uma nova auto-avaliação. Devem tentar aperfeiçoar-se em áreas da vida diária que são reais e eternas – isto é, a Torá e as *mitsvot*. Na verdade, como a alma que ascendeu ao Céu deixou na Terra uma lacuna de boas ações descontinuadas, os parentes e amigos devem compensar isso mediante esforços adicionais de sua parte.



12

Qual é a Crença Judaica Sobre o Fim dos Dias?

O termo “Fim dos Dias” é extraído de Bamidbar 24:14. Ele sempre foi usado com uma referência à Era Messiânica e portanto exploraremos, se bem que brevemente, a crença judaica na vinda de *Mashiach*.

O que significa a palavra *Mashiach*?

Mashiach é a palavra hebraica para Messias. Messias significa um salvador ou “redentor esperado”. Na verdade, a palavra *Mashiach* em hebraico significa “ungido”. No hebraico bíblico, o título *Mashiach* era concedido a alguém que atingisse uma posição de nobreza e importância. O Sumo Sacerdote, por exemplo, é mencionado como o *Cohen Hamashiach*.

Na literatura talmúdica o título *Mashiach*, ou *Melech Hamashiach* (o Rei Messias) está reservado para o líder judaico que redimirá Israel no Fim dos Dias.

Qual é a crença em *Mashiach*?

Um dos princípios da fé judaica enumerados por Maimônides é que um dia surgirá um líder judeu dinâmico, descendente direto da dinastia davídica, que

reconstruirá o Templo em Jerusalém e reunirá judeus de todas as partes do mundo, levando-os de volta à Terra de Israel.

Todas as nações do mundo reconhecerão *Mashiach* como líder mundial e aceitarão o seu domínio. Na Era Messiânica haverá um mundo de paz, sem guerras e fome e, em geral, com um alto padrão de vida.

A humanidade toda venerará um único D'us e viverá uma vida mais espiritual e moral. A nação judaica estará ocupada com o estudo da Torá e com o entendimento de seus segredos.

A vinda de *Mashiach* completará o propósito de D'us na Criação: que o homem construa uma morada para D'us nos mundos inferiores, para revelar a espiritualidade inerente no mundo material.

Isso não é um sonho utópico?

Não! O Judaísmo crê fervorosamente que, com a correta liderança, a humanidade possa mudar, e mudará. A qualidade de liderança de *Mashiach* significa que ele, por meio de sua personalidade dinâmica e de seu exemplo, aliados a uma humildade manifesta, inspirará todas as pessoas a lutarem pelo bem. Ele transformará um sonho aparentemente utópico em realidade. Ele será reconhecido como um homem de D'us, dotado de qualidades de liderança maiores ainda que as de Moshê.

Na sociedade atual muitas pessoas estão enojadas

com a falência dos padrões morais e éticos. A vida não tem valor, a criminalidade é desenfreada, o abuso de drogas e álcool aumenta a cada dia, os jovens perderam o respeito pelos mais velhos. Ao mesmo tempo, a tecnologia avançou imensamente. Não há dúvida de que hoje o homem possui todos os recursos necessários para criar um bom padrão de vida para toda a humanidade, se estes forem corretamente canalizados. Ele carece apenas de vontade social e política. *Mashiach* irá inspirar todos os homens a atingirem esta meta.

Por que a crença num *Mashiach* humano?

Algumas pessoas acreditam que o mundo “evoluirá” por si mesmo numa Era Messiânica, sem a presença de um líder humano. O Judaísmo rejeita esta crença. A história da humanidade sempre foi dominada por construtores de impérios sedentos de poder.

Outros acreditam no Armagedon – que o mundo se autodestruirá, quer seja pela guerra nuclear quer seja pelo terrorismo. O Judaísmo também rejeita esta opinião.

Nossos profetas falam sobre o advento de um líder humano, cuja magnitude o mundo ainda não viveu. Seu exemplo e liderança ímpares inspirarão a humanidade a mudar de direção.

Onde *Mashiach* é mencionado nas Escrituras?

As Escrituras estão repletas de citações messiânicas. Em

Devarim 30:1 Moshê profetiza que, depois de os judeus terem sido dispersos pelos quatro cantos da Terra, virá um tempo em que eles se arrependerão e retornarão a Israel, onde cumprirão todos os mandamentos da Torá. O profeta gentio Bilam profetiza que este retorno será liderado por *Mashiach* (Bamidbar 24:17-20). Yaacov refere-se a *Mashiach* pelo nome Shiló (Bereshit 49:10).

Os profetas Yeshayáhu, Yirmiyáhu, Yechezkel, Amos, Yoel e Hoshea referem-se todos à Era Messiânica. Para referências completas, o leitor pode consultar o livro *Mashiach*, da autoria do Rabino Dr. I. Schochet. É interessante notar que na parede do edifício das Nações Unidas em Nova York está inscrita uma citação de Yeshayáhu (cap. 11:6): “E o lobo deitará com o cordeiro.” Além disso, está claro pelos profetas, quando estudados no original hebraico, que *Mashiach* é um conceito judaico e trará o retorno à Lei da Torá, excluindo firmemente qualquer “outra” crença messiânica.

Que tipo de líder será *Mashiach*?

Mashiach será um homem de qualidades extraordinárias. Será proficiente tanto nas tradições escritas quanto nas tradições orais da Torá. Lutará incessantemente pela observância da Torá entre os judeus e pela observância das Sete Leis Universais de Nôach entre os não-judeus. Ele será meticulosamente observante e encorajará em outros os mais altos padrões. Defenderá os princípios religiosos e reparará as brechas em seu

cumprimento. Acima de tudo, *Mashiach* será considerado um verdadeiro Rei Judaico, uma pessoa que lidera o caminho no serviço a D'us, totalmente humilde e, não obstante, extremamente inspirador.

Quando virá *Mashiach*?

Os judeus antecipam a chegada de *Mashiach* todos os dias. Nossas preces estão repletas de pedidos a D'us para prenunciar a Era Messiânica. Até mesmo nos portões das câmaras de gás muitos judeus cantaram “*Ani Maamin*” – Creio na vinda de *Mashiach*!

No entanto, o Talmud declara que há um tempo predestinado para que *Mashiach* venha. Se formos merecedores, ele pode antecipar o tempo predestinado. Este “fim dos tempos” permanece um mistério, porém o Talmud declara que será anterior ao ano hebraico 6 mil. (O ano hebraico na data desta publicação é 5.766).

Isso não elimina a possibilidade de *Mashiach* chegar hoje e agora, se formos merecedores. Deve-se notar que muitas autoridades da Torá são de opinião que estamos na “época de *Mashiach*” e o Rebe declarou em diversas ocasiões que a Redenção da Era Messiânica é iminente.

***Mashiach* pode chegar a qualquer hora, em qualquer geração?**

Sim. Em toda geração há uma pessoa que, potencialmente, poderia ser *Mashiach*. Quando D'us decidir

que chegou a hora, Ele concederá àquele indivíduo os poderes necessários para que apresse a Redenção.

Qualquer *Mashiach* potencial deverá ser um descendente direto do Rei David, bem como um erudito na Torá. Deve-se observar que muitas pessoas que vivem atualmente podem rastrear sua linhagem até o Rei David. O Rabino Chefe de Praga no século 16, Rabi Yehuda Loew (o *Maharal*), tinha uma árvore genealógica que remontava à dinastia davídica. Portanto, qualquer descendente direto do *Maharal* é de ascendência davídica.

Maimônides, um notável filósofo e codificador do século 12, decreta que se reconhecermos um ser humano que possui as qualidades excepcionais atribuídas a *Mashiach*, podemos pressupor que ele é o *Mashiach* potencial. Se este indivíduo realmente conseguir reconstruir o Templo e reunir todos os exilados, ele é *Mashiach*.

O que acontecerá exatamente quando *Mashiach* vier?

Maimônides declara em sua obra *Mishnê Torá* – um compêndio de toda a tradição haláchica – que *Mashiach* primeiro reconstruirá o Templo e então reunirá os exilados. Jerusalém e o Templo serão o foco da veneração Divina e “De Tzion brotará a Torá, e a palavra do Eterno de Jerusalém.”

O *Sanhedrin* – o supremo tribunal judaico com 71 Sábios – será estabelecido e decidirá sobre todos

os assuntos pertinentes à lei. Nessa época todos os judeus retornarão à completa observância e prática da Torá. Deve-se notar que na época atual, de grande assimilação e emancipação, tem havido um retorno sem precedentes de judeus aos verdadeiros valores da Torá. Este fenômeno de “*teshuvá*” está aumentando e abre caminho para um completo retorno na Era Messiânica.

Haverá milagres?

O Talmud discute esta questão e uma vez mais chega à conclusão de que, se formos merecedores, a Redenção Messiânica será acompanhada por milagres. No entanto, a realização do sonho messiânico, ainda que ocorra naturalmente, será o maior dos milagres.

Segundo algumas tradições, o próprio D’us reconstruirá o Terceiro Templo. De acordo com outras, ele será reconstruído por *Mashiach*, e há as que postulam uma combinação das duas opiniões. Algumas sugerem ainda que haverá dois períodos distintos na Era Messiânica: o primeiro, um período não-miraculoso, que levará a um segundo período miraculoso.

Maimônides escreve: “Nem a ordem da ocorrência desses eventos, nem seus detalhes exatos estão entre os princípios fundamentais da fé... deve-se aguardar e acreditar na concepção geral.”

O que será feito do mundo tal como o conhecemos?

No início, não haverá mudança na ordem do mundo,

exceto no que se refere à sua prontidão para aceitar o domínio messiânico. Todas as nações do mundo se empenharão para criar uma nova ordem mundial, na qual não haverá mais guerras ou conflitos. A inveja, o ódio, a ganância e a discórdia política (do tipo negativo) desaparecerão e todos os seres humanos lutarão apenas pelo bem, pela bondade e pela paz.

Na Era Messiânica haverá grandes avanços tecnológicos, que possibilitarão um alto padrão de vida. A comida será farta e custará pouco.

No entanto, o foco da aspiração humana será a busca do “conhecimento de D’us”. As pessoas se tornarão menos materialistas e mais espirituais.

Quais são os sofrimentos que precedem a chegada de *Mashiach*?

O Talmud descreve o período imediatamente anterior ao advento de *Mashiach* como uma época de árduos esforços e tumultos. Haverá uma recessão mundial e os governos serão controlados por déspotas. Será neste cenário turbulento que se dará a vinda de *Mashiach*.

Segundo uma tradição haverá uma grande guerra, chamada de a guerra de Gog e Magog, e há muita especulação sobre o momento exato desta guerra em relação à chegada de *Mashiach*.

Existe uma tradição de que o Profeta Eliyáhu voltará ao mundo para anunciar a chegada iminente

de *Mashiach*. No entanto, segundo outras opiniões, *Mashiach* pode chegar sem ser anunciado. Eliyáhu viria então para ajudar no processo de paz. Alguns sugerem que se *Mashiach* vier em seu tempo predestinado, Eliyáhu anunciará sua chegada, mas se *Mashiach* vier de repente, Eliyáhu aparecerá depois que *Mashiach* chegar.

Como já mencionado, não está claro quando exatamente estes eventos ocorrerão. Entretanto, esta incerteza não afeta o tema geral da chegada de *Mashiach*.

Quando ocorrerá a ressurreição dos mortos?

Um dos princípios da fé judaica é a crença na ressurreição dos mortos. Segundo o Zohar – um antigo texto cabalístico – a ressurreição ocorrerá quarenta anos após a chegada de *Mashiach*. Contudo, alguns justos se erguerão com a vinda de *Mashiach*. Todos os mortos ressuscitarão na Terra de Israel.

Há um pequeno osso no corpo chamado osso *Luz* (alguns identificam-no como o cóccix), a partir do qual o corpo será reconstruído no tempo da ressurreição. Nossas preces diárias estão repletas de pedidos pela ressurreição e há muitos costumes relacionados a isso. (ver o livro *To Live and Live Again*, publicações SIE).

O que pode ser feito para trazer *Mashiach*?

Em geral, a humanidade deve esforçar-se para realizar

mais atos de bondade. O judeu é comandado a estudar e estar consciente da Redenção messiânica, e a fortalecer sua fé na suprema e iminente chegada de *Mashiach*.

A caridade é um catalisador para a Redenção e todos os dias, em nossas preces, imploramos muitas vezes pela reconstrução de Jerusalém, pela reunião de todos os exilados e pelo retorno à observância da Torá sob a liderança de *Mashiach*. O Rebe criou uma campanha mundial *Mashiach* para aumentar a conscientização sobre a iminente chegada de *Mashiach*. O Rebe conclamou cada judeu a preparar-se, à sua família e à sua comunidade para a vinda de *Mashiach*. Isso pode ser melhor conseguido “vivendo com *Mashiach*”, ou seja, aprendendo sobre *Mashiach* e ansiando pela sua vinda.

Resumo

Em conclusão, o judeu sempre foi e continua sendo um eterno otimista. Até mesmo nas horas mais sombrias ele espera e reza por um futuro mais brilhante – um mundo de paz e espiritualidade.



13

Fazer ou Entender – O que Vem Primeiro?

Este livro tenta abordar questões que exploram o âmago do Judaísmo. Porém, há um outro ponto, ainda mais fundamental: o entendimento deve preceder a ação? Um judeu deveria tornar seu entendimento dos mandamentos ou dos caminhos de D’us condicional à observância deles?

Quando recebemos a Torá e as *mitsvot* no Sinai, a Torá declara que os aceitamos com base em *Naassê* – “faremos” – primeiro, e depois, “*VeNishmá*” – “ouviremos e entenderemos”. Em outras palavras, com base na obediência e prontidão incondicionais para cumprir as *mitsvot* Divinas, sem levar em consideração nosso entendimento racional delas. Embora devamos aprender e tentar entendê-las o máximo possível, conhecimento e compreensão anteriores jamais devem ser uma condição para obedecer às orientações que D’us nos deu sobre nossa conduta e nosso modo de vida.

Primeiro é necessário começar a cumprir as *mitsvot* e, com o tempo, certamente poderemos melhor apreciar o seu significado e verdade. Abordar este assunto na direção inversa, ou seja, entender primeiro e somente depois fazer, está errado, sob dois aspectos.

Primeiro, a perda resultante do não cumprimento das *mitsvot* não pode ser recuperada. Em segundo lugar, a própria observância das *mitsvot*, que cria um vínculo imediato com D'us, desenvolve poderes adicionais, para seja possível entendê-las e apreciá-las com mais rapidez. Veja, por exemplo, o caso um doente para quem o especialista receitou um remédio. Não seria tolice dizer que não deveria tomar o remédio até saber como este lhe restituirá a saúde? Entrementes, ele poderia continuar fraco e doente, talvez até piorar. Isso é insensato, porque o conhecimento de como o remédio atua não é necessário para se beneficiar dele. Ademais, ao tomar o remédio, sua mente ficará mais clara, e ele poderá entender melhor como ele age.

Para elaborar ainda mais este tema, o mundo é um sistema bem coordenado, criado por D'us, no qual não há nada de supérfluo ou que esteja faltando. Existe, contudo, uma ressalva: por razões conhecidas unicamente pelo Criador, Ele deu ao ser humano livre arbítrio, por meio do qual o homem pode cooperar com este sistema, construindo e contribuindo, ou fazer o inverso, e causar até mesmo a destruição das coisas que já existem. A partir desta premissa, depreende-se que a duração da vida do homem na Terra é longa o suficiente, nem um dia a mais, nem um dia a menos, para que ele cumpra seu propósito. Portanto, se uma pessoa permitisse que um único dia, uma semana, ou até meses decorressem sem que ela cumprisse o seu propósito,

isso seria uma perda irreparável para ela em particular, e para o sistema universal, como um todo.

O mundo físico, na sua totalidade, como se pode ver claramente pelo corpo físico do homem em particular, não é algo independente e à parte do mundo espiritual e da alma. Em outras palavras, não temos aqui duas esferas de influência separadas, como os pagãos costumavam pensar; ao contrário, estamos agora conscientes de que existe uma força unificadora que controla o sistema universal, que denominamos monoteísmo. Por este motivo, é possível entender muitas coisas sobre a alma, fazendo analogias com o corpo físico.

O corpo físico requer uma ingestão diária de determinados elementos em determinadas quantidades, obtidos por meio da respiração e do consumo de alimentos. Nenhuma quantidade de pensamento, fala ou estudo sobre estes elementos pode substituir a real ingestão de ar e alimento. Todo este conhecimento não acrescentará sequer uma partícula de saúde ao corpo, a menos que este receba seu sustento físico; ao contrário, a recusa a ingerir os elementos exigidos enfraquecerá as forças mentais e a concentração. Assim, é óbvio que a atitude correta para assegurar a saúde do corpo não é estudando primeiro e praticando depois mas o inverso, respirar, comer e beber o que, por sua vez, fortalecerá os poderes mentais.

De modo similar, a alma e os elementos que ela requer diariamente para o seu sustento são melhor

conhecidos pelo seu Criador. Uma alma sadia é obtida primordialmente pelo cumprimento das *mitsvot*, e o entendimento delas pode vir depois.

A conclusão sobre o acima exposto é bastante clara. Para um judeu, cada dia passado sem que ele viva de acordo com a Torá envolve uma perda irreparável para ele e para todo o nosso povo, haja vista que todos nós formamos uma só unidade e somos mutuamente responsáveis uns pelos outros. Isso também produz efeito sobre a ordem universal, e quaisquer teorias que tentem justificá-lo não podem alterar este fato.

Crentes, filhos de crentes

A Torá declara que os judeus são “Crentes, filhos de crentes”, significando que além de sua própria crença em D’us, o judeu tem o legado cumulativo da fé de incontáveis gerações, a começar por nosso Patriarca Avraham, o primeiro a crer que a fonte da bênção é D’us, Criador e Mestre do universo. Se um ser humano que apresenta algum sistema deve dar orientações sobre o funcionamento deste sistema, certamente espera-se que D’us forneça diretrizes sobre como um ser humano, especialmente um judeu, deva viver. Estas orientações foram reveladas no Sinai com a outorga da Torá e das *mitsvot*, que foram transmitidas de geração em geração, não apenas em conteúdo mas também em seus termos exatos. Assim, a Torá fornece diretrizes sobre como os judeus devem conduzir suas vidas, es-

pecialmente a vida familiar.

Como a Torá, as *mitsvot* e o estilo de vida judaico vêm de D’us e de Sua infinita sabedoria, não estão sujeitos à aprovação e seleção do ser humano. O raciocínio humano é limitado e imperfeito. Suas deficiências são óbvias, pois com o passar do tempo e com estudo ele se aprimora e adquire conhecimento, e as opiniões pessoais podem mudar.

Em nossa longa história, tivemos notáveis e brilhantes mentes humanas que, não obstante, perceberam suas limitações quando se tratava do conhecimento de D’us e de Suas leis e preceitos. Tivemos grandes pensadores e filósofos que não apenas aceitaram plenamente a Torá e as *mitsvot*, como também têm sido nossos guias até hoje, ao passo que grupos e indivíduos dissidentes desapareceram por completo ou, pior ainda, continuaram como espinhos dolorosos na carne do nosso povo e da humanidade em geral. Quem quer que esteja familiarizado com nossa história não precisa de ilustrações ou de provas a esse respeito.

Aceitar nossa tradição sagrada incondicionalmente e sem questionar não significa que não haja espaço para compreensão intelectual. Dentro de nossas limitações, há muitas coisas que podemos entender e que nos enriquecerão, desde que se adote a atitude correta. Pois D’us, em Sua infinita graça, nos deu o discernimento com relação a diversos aspectos de Seus mandamentos, um discernimento que se aprofunda à medida que os

praticamos na vida diária e fazemos deles nossa experiência cotidiana. Desse modo, o judeu consegue obter a verdadeira paz de espírito e uma vida harmoniosa e feliz, não apenas espiritual como também fisicamente, e se dá conta como é feliz por ser filho ou filha desta nação sagrada, o povo judeu.

Lidando com a dúvida

É contrário ao bom senso que o ser humano questione os motivos de D'us para Suas *mitsvot*. Se ele as aceita como mandamentos Divinos, seria presunçoso, na verdade ridículo, equiparar o intelecto humano com o de D'us, o que significaria limitar o intelecto Divino ao humano. Como simples ilustração, não se pode esperar que um bebê entenda a importância da nutrição, ensinada por um professor que dedicou sua vida a este tema, embora a diferença entre o bebê e o professor seja apenas relativa em termos de idade e educação. Não pode haver este tipo de comparação entre um ser humano criado e seu Criador, pois a diferença é absoluta.

Portanto, deveria ser uma questão de bom senso compreender o que a Torá explica claramente, ou seja, que quaisquer dúvidas e dificuldades que um judeu possa ter em assuntos pertinentes a Torá e às *mitsvot* são apenas testes de sua fé em D'us, e que o ser humano tem a capacidade para superar tais testes e distrações. Seria pois ilógico pressupor que D'us impusesse obrigações que estão além da capacidade humana

cumprir. Na verdade, se alguém passa por testes mais difíceis, isso apenas prova que ele tem maior capacidade para superá-los.

Não deveria ser uma surpresa o fato de o homem ter sensações e pensamentos que não estejam de acordo com a Torá, pois Rabi Shneur Zalman de Liadi explica, logo no início do *Tanya*, que todo judeu também possui uma “alma animalesca” conectada com o corpo material que é, com frequência, uma fonte de confusão e distração, a ponto mesmo de desviá-lo do caminho certo e roubar-lhe a paz de espírito. Por outro lado, o que torna mais fácil lidar com a situação é o fato de o judeu possuir também uma alma Divina, que é realmente uma parte da Divindade Acima, e que é o aspecto essencial e verdadeiro do judeu. Portanto, não somente é possível vencer estas distrações materiais porém, como declaram nossos Sábios, “Aquele que está determinado a purificar-se recebe ajuda do Alto”.

Acima de tudo, é necessário cultivar sincera e plena confiança em D’us – como está escrito “Serás sincero com o Eterno, teu D’us” – eliminando toda espécie de preocupações, ansiedades e confusões. Isso desenvolve um senso de segurança, de que há um Senhor e Mestre que cuida não apenas do mundo como um todo, mas também de cada indivíduo, com carinho e amor.

Obviamente, se uma pessoa tem questionamentos e dúvidas, não deve sentir vergonha de pedir esclarecimentos, e certamente não deve guardar as dúvidas

dentro de si, mas procurar as respostas. No entanto, a condição única é que, quaisquer que sejam as dúvidas e as questões, isso não deve afetar a fé em D'us e na Sua Torá e *mitsvot*, ainda que as respostas a tenham frustrado temporariamente. Esta condição remonta ao dia em que a Torá foi recebida no Sinai segundo o princípio de *Naassê* antes de *Nishmá*, o princípio orientador para toda a posteridade. Contudo, depois do *Naassê* segue *VeNishmá*, pois D'us, a Essência da Bondade, deseja que sigamos o caminho da Verdade com base na fé, mas que isso seja feito com sabedoria e entendimento, pois neste caso a pessoa está inteiramente envolvida no serviço a D'us.

Sem hipocrisia

Não pode haver hipocrisia quando um judeu estuda a Torá e conduz sua vida segundo a Torá e as *mitsvot*, ainda que algumas de suas outras ações ou sentimentos nem sempre estejam em harmonia com o estudo e a observância da Torá. A incongruência não está em agir de acordo com a Torá e as *mitsvot*, mas em agir de forma contrária a elas.

Isso é demonstrado claramente pela afirmação de Maimônides, que se um judeu é compelido por uma força externa a cumprir uma *mitsvá*, não se considera que tenha sido coagido, mas que cumpriu a *mitsvá* voluntariamente. Isso é explicado da seguinte maneira: conquanto cada ação tenha suas origens na natureza

e na disposição natural, faz parte da natureza de um judeu sempre desejar agir de acordo com a Torá e as *mitsvot*. Entretanto, às vezes pode haver alguma circunstância que obscureça este desejo, ou o imobilize. A isso o Rambam chama de *Yetser Hará* (inclinação para o mal), que sempre procura encontrar uma forma de impedir que o judeu se conduza de acordo com a sua verdadeira natureza. Por conseguinte, a força física, ou sua ameaça, empregada para compelir o judeu a cumprir a *mitsvá*, não é uma força que o induz a mudar sua verdadeira atitude, mas remove a circunstância que o impedia de exercer sua verdadeira vontade. Tão logo a pressão externa é removida, a vontade inata e real está livre para se reafirmar.

Como começar

A Torá nos diz que a conquista da prometida Terra Santa ocorreria por estágios. O mesmo se aplica, num sentido mais profundo, à conquista pessoal do ser. Em outras palavras, quando se trata do progresso pessoal em assuntos de *Yidishkeit*, o melhor método é, às vezes, uma conquista gradual, passo a passo, etapa por etapa, em vez de uma mudança radical. Naturalmente existem algumas situações nas quais se faz necessária uma mudança drástica mas, via de regra, o progresso firme e constante geralmente é mais eficaz que o progresso aos trancos e barrancos.



Epílogo

As Campanhas das Dez *Mitsvot*

Tendo em vista tudo o que dissemos, fica claro que “a ação é o principal”. O fazer deve vir antes do entender. Para esta finalidade incluímos aqui um breve resumo da campanha de *mitsvot* de dez pontos do Rebe. A campanha se concentra em dez *mitsvot* específicas, por cujo cumprimento o indivíduo e a família poderão avaliar melhor o seu legado judaico.

Ame o seu próximo judeu

Rabi Akiva (um dos grandes Sábios do Talmud) explicou que amar o irmão judeu é “um dos princípios mais importantes da Torá”. Uma campanha para *Ahavat Yisrael* significa fazermos um esforço para que nossos pensamentos, palavras e ações sejam permeados de preocupação e sensibilidade reais pelo bem-estar de nossos irmãos judeus. O Báal Shem Tov ensinou que o indivíduo deve ter *Ahavat Yisrael* até mesmo por um judeu que nunca viu. O fundamento lógico por trás disso é explicado no capítulo 32 do *Tanya*. (ver o livro *To Love a Fellow Jew*, publicações SIE).

Educação judaica

A campanha pela educação da Torá procura envolver cada criança judia num programa educacional que lhe ensinará o que significa viver como judeu. A educação não se destina somente às crianças. Os adultos são igualmente encorajados a participar de grupos de estudo e seminários, de acordo com sua formação e conhecimento.

Estudo da Torá

A Torá é o meio de comunicação pelo qual D'us permite ao homem conhecê-Lo e servi-Lo. A campanha pelo estudo da Torá encoraja cada indivíduo a estabelecer um horário fixo para estudar Torá todos os dias, de modo que nosso crescimento espiritual possa ser sistemático e dirigido. O Rabi Shneur Zalman de Liadi explicou que o estudo da Torá deveria ser fixo não apenas no tempo, mas também na alma. Deveria ser o vórtice ao redor do qual gira todo o espectro da nossa experiência cotidiana.

Tefilin

A Torá descreve os *tefilin* como um sinal, uma declaração pública do compromisso judaico. Ao colocar *tefilin* diariamente, o indivíduo expressa seu sentimento básico de identidade judaica e a importância que isso tem para ele. Os *tefilin* são colocados no braço, de frente para o coração, e sobre a cabeça. Isso significa a cone-

xão dos poderes emocionais e intelectuais do homem ao serviço de D’us. As correias, que vão do braço até a mão e da cabeça até as pernas, significam a transmissão da energia intelectual e emocional para as mãos e os pés, simbolizando feito e ação.

Nossos Sábios explicam que o versículo: “E todas as nações do mundo verão que o nome de D’us está sobre vós, e eles vos temerão”, aplica-se aos *tefilin*. Os *tefilin* são um meio de trazer proteção e segurança aos judeus na era atual e apressar a vinda da suprema segurança, que será vivenciada quando *Mashiach* vier.

O Rebe instituiu esta campanha na véspera da Guerra dos Seis Dias, e solicitou especificamente que os soldados do Exército de Defesa de Israel colocassem *tefilin*, pois isso os protegeria na batalha.

Mezuzá

“E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.” (Devarim 6:9, 11:20)

Uma *mezuzá casher* é um pequeno rolo de pergaminho, escrito à mão por um escriba especializado, contendo duas passagens bíblicas, uma delas o *Shemá Israel*. No lado oposto do pergaminho estão escritas as três letras hebraicas, *Shin* (ש), *Dalet* (ד) e *Yud* (י). Este é um acrônimo das palavras hebraicas שומר דלתות ישראל (*Shomer Delatot Yisrael*), que significam: “O Guardião das Portas de Israel”. Uma *mezuzá* é afixada do lado direito de toda porta da casa (exceto a do banheiro), e

protege seus moradores ao entrarem e saírem de casa.

A *mezuzá* assinala como judaica a casa (ou o aposento), e nos relembra da nossa conexão com D’us e com nosso legado. Ao colocá-la sobre o batente, declaramos que esta é uma casa ou um aposento em que a palavra de D’us e Sua Torá influenciam nosso comportamento, transformando-a numa morada sagrada.

Os *tefilin* e as *mezuzot* precisam ser certificados como *casher* por um escriba autorizado. Devem também ser periodicamente conferidos. Em muitos casos, quando o Rebe recebia um pedido de bênção (especialmente em questões de saúde), sugeria que os *tefilin* e as *mezuzot* fossem examinados.

Caridade

Devemos doar aos outros por um senso de responsabilidade, percebendo que aquilo que temos também é uma dádiva de D’us, que nos foi concedida com um propósito, para que pudéssemos ajudar os outros. Nossa prosperidade é algo que nos foi deixado em confiança, e que devemos administrar e generosamente partilhar com quem tenha necessidade. A campanha de *tsedacá* clama por um aumento na doação, bem como a exibição conspícua de uma caixa de *tsedacá*, que servirá de lembrete para fazer doações com frequência, todos os dias da semana. E nossos Sábios disseram: “A *tsedacá* é notável, porque aproxima a Redenção.”

Um lar repleto de livros judaicos

O ambiente ensina. Aquilo que você tem em casa ajuda a determinar o tipo de lar que você terá. Ao ter livros judaicos à vista em casa, sua família e os visitantes serão motivados a usá-los. Além disso, sua própria presença nos lembra seu conteúdo e a importância dos valores judaicos. Obviamente, quanto mais livros, melhor. No entanto, sugerimos no mínimo um *Chumash* (os Cinco Livros de Moshê), um *Tehilim* (Livro dos Salmos) e um *Sidur* (livro de orações).

Acendimento das velas

O *Shabat* é um dia de luz; um dia com uma orientação diferente dos demais dias da semana, no que diz respeito a padrões e valores. Todo *Shabat* é um precursor da Era de *Mashiach*. O acendimento das velas 18 minutos antes do pôr do sol introduz e inspira este estado de conscientização. A responsabilidade pelo acendimento das velas e pela indução desta mudança de perspectiva cabe à mulher. É ela também quem dá as boas vindas à Rainha *Shabat*. Meninas a partir dos três anos também são encorajadas a acenderem sua própria vela, para que possam participar da criação deste ambiente.

Comida *casher*

Comer comida *casher* permite que nos identifiquemos com nosso Judaísmo num nível fundamental. Todo o tempo em que nosso envolvimento judaico esteja limi-

tado à prece, ao estudo ou mesmo a atos rituais específicos, ele é espiritual, acima da nossa realidade cotidiana. Mas quando você se alimenta de maneira diferente porque é judeu, seu compromisso não é apenas metafísico, mas parte integrante do seu próprio ser.

A observância da *Cashrut* consiste em comer apenas alimentos *casher* em casa e fora dela. Significa também não comer juntos laticínios e alimentos à base de carne, e separar louças, talheres e utensílios para carne e laticínios.

Pureza Familiar

Taharat Hamishpachá – as atitudes e práticas que a Torá prescreve para a vida conjugal – ajudam a desenvolver uma comunicação genuína e o amor entre marido e mulher, e trazer ao mundo filhos saudáveis e amorosos. Casais de todas as condições sociais adotaram esta *mitsvá* como um meio para realçar e enriquecer sua vida conjugal. É necessário consultar um rabino para conhecer detalhes acerca destas leis.



Glossário

Ahavat Hashem – Amor a D’us.

Ahavat HaTorá – Amor à Torá.

Ahavat Israel – Amor ao próximo judeu.

Báal Shem Tov – Lit., “dono do bom nome” – uma referência a Rabi Israel ben Eliezer, fundador do Movimento Chassídico.

Báal Teshuvá – Arrependido, que retorna à prática judaica.

Berachá – Bênção.

Cabalá – Profundezas esotéricas “interiores” da Torá; misticismo.

Cashrut – Observância das leis *casher*; propriedade dietética dos alimentos segundo a Lei da Torá.

Chabad – Acróstico formado pelas iniciais das palavras *Chochmá* (sabedoria), *Biná* (compreensão) e *Da’at* (conhecimento). Usado geralmente para descrever a abordagem intelectual do Movimento Lubavitch.

Chanucá – A Festa da Inauguração comemora a reinauguração do Templo Sagrado, após a vitória dos macabeus.

Chassid – (plural: *chassidim*): Seguidor do Rebe, adepto do estilo de vida chassídico.

Chassidut – Filosofia chassídica.

Galut – Exílio.

Hagadá – Livro de *Péssach* para o *Sêder*.

Halachá – Leis da Torá.

Hashem – D’us.

Israel (Yisrael) – O Povo Judeu.

Kidush – Bênção de santificação para o *Shabat*.

Lubavitch – Cidade na Rússia Branca, centro do Movimento Chabad-Lubavitch por mais de um século.

Mashiach – Messias.

Mezuzá – Rolo de pergaminho, no qual estão inscritos dois parágrafos da Torá, e que é afixado aos batentes das portas.

Micvê – Piscina de imersão construída segundo rígidas especificações das Leis da Torá; usada principalmente por mulheres casadas como parte das Leis de Pureza Familiar.

Midrash – Explicações e comentários rabínicos sobre a Torá.

Mishná – A primeira compilação da Tradição Oral.

Mitsvá (plural *mitsvot*) – Preceito ou ordem da Torá.

Nachas – Alegria, geralmente pelos filhos.

Neshamá – Alma.

Pêssach – Festa de oito dias, celebrando o êxodo do Egito e libertação do povo judeu da escravidão.

Purim – Celebra a libertação do povo judeu da destruição programada por Haman, ministro-chefe do rei Assuero da Pérsia.

Rebe – Líder dos chassidim.

Rishonim – Os primeiros comentaristas do Talmud.

Rosh Hashaná – O Ano Novo judaico é o Dia do Julgamento, quando D'us determina o destino de cada um para o ano que se inicia.

Sêder – Lit., “Ordem” – uma referência à celebração da primeira noite de *Pêssach*.

Sefer Torá – Rolo da Torá.

Shabat – O Sábado.

Shavuot – A Festa das Semanas, comemora a Outorga da Torá no Monte Sinai sete semanas após a saída do Egito.

Shechiná – A Presença Divina.

Shemá – A prece “Ouve, ó Israel”.

Shivá – Literalmente, “sete” – referência aos sete dias do período de luto.

Sidur – Livro de orações.

Sucot – A Festa dos Tabernáculos ou Cabanas comemora a proteção Divina aos Filhos de Israel durante os 40 anos de peregrinação no deserto.

Taharat Hamishpachá – Leis de Pureza Familiar.

Talit Catan – Pequeno xale de orações.

Talmud – Um volumoso compêndio da Tradição Oral da Torá.

Tanya – Texto fonte do Chabad, da autoria do Rabi Shneur Zalman de Liadi (1745-1812).

Tefilin – Filactérios.

Teshuvá – Arrependimento.

Tishá BeAv – O nono dia do mês hebraico de Av – dia nacional de jejum pela destruição dos dois Templos em Jerusalém.

Torá – Todos os ensinamentos religiosos judaicos. Inclui a Lei Escrita e a Oral.

Tsedacá – Caridade.

Tsitsit – Franjas usadas nos cantos de peças do vestuário masculino que tenham quatro pontas.

Yeshivá – Academia de Torá.

Yidishkeit – Judaísmo da Torá.

Yom Kipur – O Dia do Perdão, o mais santo do calendário judaico, é também chamado de Dia do Arrependimento.

Yom Tov – Dia Festivo.

Zohar – Antigo texto cabalístico escrito por Rabi Shimon bar Yochai.